

F.E.B.
1.º D.I.E.
Q.G.
Serviço
de
Transmissões
—
RELATÓRIO

ITALIA

1944-45

7114





7114

ITALIA

1944-45

FEB.
1. D.I.E.
O.G.
Servizio
de
T.F.A. 0013808
RELATARIO

CONTADO E
RELACIONADO

N^o 157

188 fls

1.	s.n.	12-XI-45	Serv. Transmissões.
12OUT 45	1399	Remete em dois volumes, a 1a. via do relatório das transmissões da F.E.B..	

[illegible]

F.E.B.

la. D.I.E.

Q.G., em 12 de novembro de 1945

DO Major Chefe do S.Trns.

Ao Sr. Cel. Ajudante Geral

Assunto : remessa de relatorio

Anéxos: dois volumes da la; via

do relatorio das transmis-
sões.

- I - Em anéxo, remeto-vos a la. via do relatorio das trans-
missões na F.E.B. *S*

Arnaldo A. da Matta

ARNALDO AUGUSTO DA MATTA

Maj. Chefe do S;TRns.

ly.

12OUT45

1300

John Mather
N.Y.

Relatório
1941
RELATÓRIO DAS TRANSMISSÕES DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

APRESENTAÇÃO

A responsabilidade pelas transmissões é uma função de Comando; daí a necessidade dele ter sempre, junto a si, o oficial de transmissões ou de comunicações, na qualidade de membro do seu Estado Maior Especial, perfeitamente ao par das questões táticas e técnicas de transmissões, e encarregado, sob a direção do Comandante da Unidade (do G-3 ou do S-3, conforme o caso), da supervisão tática das transmissões em toda a Unidade, bem como das recomendações gerais sobre as medidas necessárias ao treinamento do pessoal nas transmissões para o combate.

Na 1a. D.I.E., a coordenação dos elementos do Estado Maior foi feita pelo Chefe do Estado Maior, Sr. Cel. FLORIANO DE LIMA BRAYNER a quem o Chefe do Serviço de Transmissões tem a agradecer todas as atenções dispensadas e a grande confiança nele depositada em todos os momentos da guerra.

Foi de incontestável utilidade para o Major Chefe do S. Trns. a convivência havida com o G-3 e com os seus brilhantes adjuntos (no rol destes teve a satisfação de se ver incluído), porque, assim, teve oportunidades de aprender muito e de melhor produzir em benefício das operações.

O presente relatório acha-se calcado no do Chefe da 3a. Seção, na parte de operações, e, destarte, não podia ser mais fiel aos acontecimentos que se desenvolveram na Europa. Isso, longe de se constituir um plágio, é o reflexo da preocupação de não fugir à verdade e à unidade

Dr. Mathy
uj.
de vistas que sempre presidiu a vontade do pessoal de transmissões nos campos de batalha; e é uma satisfação honrosa.

Quanto à parte material deste documento, não pôde ela ter a reição desejada, devido ao fato de ter sido o trabalho de datilografia feito, uma parte na Europa e a outra aqui no Brasil, por varios graduados e soldados de boa vontade mas que não eram datilografos, em máquinas e locais diferentes, não havendo mais tempo nem pessoal habilitado para tornar a datilografiá-lo outra vez.

da Matta
my.
AS TRANSMISSÕES NO Vº EXERCITO:

Chefe da Secção de Transmissões do Vº Ex.:

Gen. de Brigada MORAN (depois substituído pelo Sr. Cel.
KENNETH F. ZITSMAN, quando passou
a chefiar a Secção de Transmissões
do 15º Grupo de Ex.)

Cel. KENNETH F. ZITSMAN

Chefe do Serviço de Transmissões do IVº Corpo de Exercito:
Cel. E. D. CUNNINGHAM, JR.

Chefe do Serviço de Transmissões da 1ª. D.I.E.:
Major ARNALDO AUGUSTO DA MATTA

AS TRANSMISSÕES NA 1ª. D.I.E.:

Composição do Serviço de Transmissões:
Chefia:

Major ARNALDO AUGUSTO DA MATTA
1º Ten. HERVÉ BERLANEZ PEDROZA

Deposito de Material de Transmissões:

1º Ten. AFRÂNIO VIÇOSO JARDIM (ferido gravemente
em ação no dia 4-I-45; substituído pelo
2º Ten. CARLOS PEREIRA)
2º Ten. CARLOS PEREIRA

Grupo de Tradutores:

Asp. a Of. PEDRO ABDALA

Serviço Radio da F.E.B.:

2º Ten. ARISTIDES PEREIRA DE MORAES

Oficiais de comunicações (das Unidades da 1ª; D.I.E.):

do 1º R.I.:

Cap. MANOEL THOMAZ CASTELLO BRANCO

do 6º R.I.:

Cap. ORLANDO HENRIQUE DE ARAUJO

do 11º R.I.:

Cap. RENATO RIBEIRO DE MORAES

da BIA. DE CMDO. da A.D.:

Cap. FRANCISCO SARAIVA MARTINS;

do 1º G.O.:

Cap. OLDEMAR FERREIRA GARCIA

do 2º G.O.:

Cap. OSWALDO DE ARAUJO SOUZA

do 3º G.O.:

Cap. PAULO CARNEIRO THOMAZ ALVES

do 4º G.O.:

Cap. ARIEL PACCA DA FONSECA

do 9º B.E.:

1º Ten. ORLANDO PEREIRA DO ESPIRITO SANTO

do Esq. Rec.:

1º Ten. SOLON RODRIGUES D'AVILA

da mata
Comandante da Cia. de Trns. (na parte administrativa e disciplinar) e adjunto do Chefe do S.Trns. (na parte de instrução e emprêgo da Cia.):

Cap. MARIO DA SILVA MIRANDA

Executivo (sub-comandante) da Cia. Trns. e seu oficial de motores:

Cap. HELIO RICHARD

Oficial de linhas da Divisão (Comandante da Secção de Construção): 1º Ten. MARCELO MENA BARRETO DE BARROS FALCAO

Oficial de Centro de Mensagens da Divisão (Cmt. do Grupo de Centro de Mensagens da Secção de Exploração):

1º Ten. RUY DE ANDRADE COSTA

Oficial T & T da Divisão (de teleronia e telegraria - Cmt. do Grupo T & T da Secção de Exploração):

1º Ten. GERNES DA SILVA COSTA (gravemente ferido no dia 4-I-45; substituído pelo

2º Ten. HELIO DA COSTA NUNES PINTO (antes auxiliar do oficial de linhas da Divisão)

Oficial radio da Divisão (Cmt; do Grupo Radio da Secção de Exploração):

1º Ten. ANTONIO CARLOS SEQUEIRA

OFICIAL INTENDENTE, O S-4 DA CIA. DE TRNS.:

1º Ten. OSWALDO SIQUEIRA

O 2º Ten. RUBENS DE MATTOS GOMES exerceu, durante algum tempo, as funções de Oficial de C.M. e, depois, as de T & T da Divisão; posteriormente, passou a auxiliar do Oficial Radio da D.I.E.

MORTOS:

2º Sgt. Radio-operador ASSAD FRERES

3º Sgt. Radio-operador JOAO SANTANNA

2º Sgt. Radio-operador ASSAD FRERES
3º Sgt. Radio-operador JOAO SANTANNA

1º Ten. AFRANIO VIÇOSO-JARDIM ,	ferido no dia	4-I-45
1º Ten. GERNES DA SILVA COSTA ,	" " "	4-I-45
2º Sgt. ANTONIO LOPES TATAGIBA,	" " "	8-XI-44
2º Sgt. MARTIM DOS SANTOS,	" " "	13-I-45
Cabo ANTONIO MEIRELLES,	" " "	8-XI-44
Cabo Belcario ADRIANO DE SOUZA,	" " "	4-I-45
Cabo BENEDITO DE SOUZA,	" " "	23-XII-44
Sold. DIONISIO ALVES RIBEIRO	" " "	8-XI-44
Sold. JOSE ALVAREZ CANNETTI	" " "	4-I-45
Sold. JURANDYR RINALDO	" " "	4-I-45
Sold. CEZAR MARQUES-TEIXEIRA	" 3 "	9-XI-44
Sold. HERMINIO DIAS DA SILVA	" " "	8-XI-44
Sold. GENTIL DIAS DOS REIS	" " "	23-XII-44
Sold. OSWALDO RODRIGUES REIMAO	3 " "	14-IV-45
Sold. MOACYR MARIANO	" " "	25-II-45
Sold. ULPIANO DOS SANTOS	" " "	25-2-45

Obs.: O sold. ULPIANO DOS SANTOS, em virtude dos
 meritos recebidos, faleceu.

Como Chefe do S.Trns. da 1a D.I.E., eu atesto quão árduo tem sido o pesado porém grandioso trabalho dos elementos de transmissões, a cujo titânico esforço, competência técnica, destemor e sobretudo amor à responsabilidade, eu rendo especial homenagem. Os de construção de linhas telefônicas têm sido incansáveis; enfrentando o rogo do inimigo, as minas por este colocadas nos campos e até atravessando rios a nado com a ponta do cabo de campanha nos dentes, apesar de toda a escuridão da noite, em regime de "black-out" absoluto, e do intenso frio reinante, com a preocupação exclusiva de, à outrance, sem horário, construir o circuito que vai ligar o Comando à tropa, eles bem já ingressaram no registro dos bravos e dos heróis, à custa de ingentes sacrifícios - os nomes gravados à sangue.

E' elevadissimo o moral dos soldados das transmissões e a minha confiança nos elementos da Cia. de Trns., bem como nos das Unidades da D.I.E., é imensa.

TUDO PELO BRASIL.

A. da Matta
ry.

I - ORGANIZAÇÃO	Fl. 1
1 - ORGANIZAÇÃO DAS TRNS. NA 1ª. D.I.E.	1
1 - SERVIÇO DE TRANSMISSORES	2
2 - CIA. DE TRNS.	3
3 - CONSIDERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA CIA. DE TRNS.	10
4 - I.D.	12
5 - E.I.	13
6 - A.R.	23
7 - G.O. 105	27
8 - G.O. 155	32
9 - ESQ. 230.	33
10 - S.E.	35
11 - S.S.	37
12 - CIA. NANY. LEVE	38
13 - DEPOSITO DE PESSOAL DA F.E.B.	39
II - RECRUTAMENTO DO PESSOAL DE TRANSMISSORES PARA AS UNIDADES E DEMAIS ELEMENTOS DA F.E.B.	40
1 - DIFICULDADES	40
2 - COLABORAÇÃO DO SENADOR VILHOMAR ORSITA	43
3 - O MASSO BRILH. DE AMBATAI E PROBLEMA DO EL - NO OPERACIONE E RECLUTOS DE AMBTA.	44
III - A INSTRUÇÃO DE TRABALHADORES DE PESSOAL DA F.E.B., NO BRASIL, ANTES O INGRESSO DO 1º ESCALÃO	45
IV - INSTRUÇÃO DE TRABALHADORES DE TRANSMISSORES NO BRASIL AVANÇADO DA D.I.E.	50
V - CONTINUAÇÃO DA INSTRUÇÃO NO BRASIL	52
VI - INGRESSO DO GRUPO DE PESSOAL DE TRNS. NO 2º ESCALÃO DA D.I.E.	53

4ª. PARTE

INSTRUÇÃO DO PESSOAL DE TRANSMISSORES NO BRASIL OPERACIONE DA TRAFIA	54
A - INSTRUÇÃO DO PESSOAL DO ESCALÃO AVANÇADO	54
1 - NO DESENVOLVIMENTO DE SACOLÉ	54
2 - NO DESENVOLVIMENTO DE TACOLÉ	55
3 - NO DESENVOLVIMENTO DE VARE	55
B - INSTRUÇÃO DO 2º ESCALÃO DA D.I.E.	56
1 - ORGANIZAÇÃO GERAL DA INSTRUÇÃO	56
2 - INSTRUÇÃO PRÁTICA	56
3 - AVALIAÇÃO	56
4 - COMISSÃO PARA OFICIAIS E BRIGAS	56
5 - DESENVOLVIMENTO GERAL DA INSTRUÇÃO	56

Ad. Mathias
uj.

ÍNDICE DO RELATÓRIO

1a. PARTE

I - ORGANIZAÇÃO	Fl. 1
A - ORGANIZAÇÃO DAS TRNS. NA 1a. D.I.E.....	1
1 - SERVIÇO DE TRANSMISSÕES	1
2 - CIA. DE TRNS.	5
3 - CONSIDERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA CIA. DE TRNS.....	10
4 - I.D.	12
5 - R.I.	13
6 - A.D.	23
7 - G.O. 105	27
8 - G.O. 155	32
9 - ESQ. REC.	33
10 - B.E.	35
11 - B.S.	37
12 - CIA. MANT. LEVE	38
13 - DEPOSITO DE PESSOAL DA F.E.B.	39
B - RECRUTAMENTO DO PESSOAL DE TRANSMISSÕES PARA AS UNIDADES E DEMAIS ELEMENTOS DA F.E.B.	40
1 - DIFICULDADES	40
2 - COLABORAÇÃO DO BATALHÃO VILAGRAN CABRITA....	43
3 - O NOSSO GRITO DE ALERTA; O PROBLEMA DOS RADIODIOPERADORES E MECÂNICOS DE RADIO.....	44
II - A INSTRUÇÃO DE TRANSMISSÕES DO PESSOAL DA F.E.B., NO BRASIL, ATÉ O EMBARQUE DO 1º ESCALÃO	48
III - EMBARQUE DO DESTACAMENTO DE TRANSMISSÕES DO ESCALÃO AVANÇADO DA D.I.E.	50
IV - CONTINUAÇÃO DA INSTRUÇÃO NO BRASIL	52
V - EMBARQUE DO GROSSO DO PESSOAL DE TRNS. NO 2º ESCALÃO DA D.I.E.	53

2a. PARTE

INSTRUÇÃO DO PESSOAL DE TRANSMISSÕES NO TEATRO DE OPERAÇÕES DA ITÁLIA	54
A - INSTRUÇÃO DO PESSOAL DO ESCALÃO AVANÇADO	54
1 - NO ESTACIONAMENTO DE BAGNOLI	54
2 - NO ESTACIONAMENTO DE TARQUINIA	54
3 + NO ESTACIONAMENTO DE VADA	55
B - INSTRUÇÃO DO 2º ESCALÃO DA D.I.E.	56
1 - ORGANIZAÇÃO GERAL DA INSTRUÇÃO	56
2 - INSTRUÇÃO PRELIMINAR	56
3 + ESTÁGIOS	56
4 - CURSOS PARA OFICIAIS E PRAGAS	56
5 + DESENVOLVIMENTO GERAL DA INSTRUÇÃO	56

Ad. h. m. j.

ÍNDICE DO RELATÓRIO

1a. PARTE

I - ORGANIZAÇÃO	Fl. 1
A - ORGANIZAÇÃO DAS TRNS. NA 1a. D.I.E.....	1
1 - SERVIÇO DE TRANSMISSÕES	1
2 - CIA. DE TRNS.	5
3 - CONSIDERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA CIA. DE TRNS.....	10
4 - I.D.	12
5 - R.I.	13
6 - A.D.	23
7 - G.O. 105	27
8 - G.O. 155	32
9 - ESQ. REC.	33
10 - B.E.	35
11 - B.S.	37
12 - CIA. MANT. LEVE	38
13 - DEPOSITO DE PESSOAL DA F.E.B.	39
B - RECRUTAMENTO DO PESSOAL DE TRANSMISSÕES PARA AS UNIDADES E DEMAIS ELEMENTOS DA F.E.B.	40
1 - DIFICULDADES	40
2 - COLABORAÇÃO DO BATALHÃO VILAGRAN CABRITA....	43
3 - O NOSSO GRITO DE ALERTA; O PROBLEMA DOS RADIO OPERADORES E MECÂNICOS DE RADIO.....	44
II - A INSTRUÇÃO DE TRANSMISSÕES DO PESSOAL DA F.E.B., NO BRASIL, ATÉ O EMBARQUE DO 1º ESCALÃO	48
III - EMBARQUE DO DESTACAMENTO DE TRANSMISSÕES DO ESCALÃO AVANÇADO DA D.I.E.	50
IV - CONTINUAÇÃO DA INSTRUÇÃO NO BRASIL	52
V - EMBARQUE DO GROSSO DO PESSOAL DE TRNS. NO 2º ESCALÃO DA D.I.E.	53

2a. PARTE

INSTRUÇÃO DO PESSOAL DE TRANSMISSÕES NO TEATRO DE OPERAÇÕES DA ITALIA	54
A - INSTRUÇÃO DO PESSOAL DO ESCALÃO AVANÇADO	54
1 - NO ESTACIONAMENTO DE BAGNOLI	54
2 - NO ESTACIONAMENTO DE TARQUINIA	54
3 + NO ESTACIONAMENTO DE VADA	55
B - INSTRUÇÃO DO 2º ESCALÃO DA D.I.E.	56
1 - ORGANIZAÇÃO GERAL DA INSTRUÇÃO	56
2 - INSTRUÇÃO PRELIMINAR	56
3 + ESTÁGIOS	56
4 - CURSOS PARA OFICIAIS E PRAGAS	56
5 + DESENVOLVIMENTO GERAL DA INSTRUÇÃO	56

*Adm. hãm
ij.*

5º PERIODO (DE 10-3 A 8-4-45)	Fl. 77
I - DEFENSIVA TEMPORARIA	77
II - EVOLUÇÃO DO SETOR DEFENSIVO	77
III- PREPARATIVOS PARA A RETOMADA DA OFEN- SIVA.....	79
6º PERIODO (DE 9-4 A 2-5-45)	79
OFENSIVA DA PRIMAVERA	79
I - 1a. FASE (DE 9-4 A 12-4-45)	80
II - 2a. FASE (DE 13-4 A 18-4-45)	80
A - COMBATE DE MONTESE	80
B + REORGANIZAÇÃO DO SISPOSITIVO ...	81
III- 3a. FASE (DE 19-4 A 22-4-45)	82
APROVEITAMENTO DO ÊXITO	82
A - COMBATE DE ZOCCA	82
B - PROGRESSÃO SOBRE VIGNOLA E RECO- NHECIMENTO DA MARGEM W. DO PANARO	82
IV - 4a. FASE (DE 22-4 A 2-5-45)	83
PERSEGUIÇÃO	83
A - OPERAÇÕES ENTRE OS RIOS PANARO E ENZA	83
B - OPERAÇÕES NOS VALES DOS RIOS ENZA E PARMA	85
C - OPERAÇÕES NO VALE DO TARO	85
1 - COMBATE DE COLLECHIO	85
2 + COMBATE DE FORNOVO	85
D - OCUPAÇÃO DA MARGEM DO RIO PÓ E SUA TRANSPOSIÇÃO	86
E - OCUPAÇÃO DE ALESSANDRIA - LIGAÇÃO COM O EXERCITO FRANCÊS E COM A 92 D.I. (USA).....	86
F - AS TRANSMISSÕES NO 6º PERIODO	87
7º PERIODO -(DE 3-5 A 20-6-45)	88
OCUPAÇÃO	88
I - DISPOSITIVO INICIAL	88
II- EVOLUÇÃO DO DISPOSITIVO	88
8º PERIODO (DE 4-6 A 23-6-45)	89
DESLOCAMENTO DA DIVISÃO PARA A ZONA DE EMBARQUE	89
TOTAL DE CABO DE CAMPANHA DISTRIBUIDO PELO DEPOSITO DE MATERIAL DE TRANSMISSÕES, DURANTE AS OPE- RAÇÕES NA ITALIA	90

4a. PARTE

*Ad. ha
p. 11*

I -	AS TRANSMISSÕES COMO ARMA OU SERVIÇO	Fl.	91
	NECESSIDADE DE SUA INDEPENDENCIA		91
II -	LIGEIRO COMENTARIOS SOBRE:		
a)	ORGANIZAÇÃO DAS TRANSMISSÕES NA DIVISAO ...		93
b)	MATERIAL DETRANSMISSÕES		95
c)	CAPACIDADE DAS BOBINAS N.A.		104
	QUANTIDADES DE CENTRAIS E QUADROS COMU- TADORES DISTRIBUIDOS AS UNIDADES ..		105
	QUANTIDADES DE TELEFONES EE-8		106
	QUANTIDADES DE TELEFONES MAGNETICOS TS-10		107
	PREÇOS DE MATERIAL		108
c)	EQUIPAMENTO E ARMAMENTO		110
d)	SUPRIMENTOS E REPARAÇÕES		111
III -	AS AGÊNCIAS E OS MEIOS DE TRANSMISSÕES EMPREGADOS		117
1)	O CENTRO DE MENSAGENS E O MENSAGEIRO		118
2)	COMUNICAÇÕES COM FIO		121
	DESLOCAMENTOS DE P.C.		126
	ORDENS E INSTRUÇÕES		126
	CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO DE LINHAS		126
	RECOLHIMENTO DE CABO DE CAMPANHA		126
	OPERAÇÕES E EXPLORAÇÃO TELEFÔNICAS.....		127
	ESTATÍSTICAS		128
	LIGEIRO COMENTARIOS		131
	RELATORIOS SEMANAIS SOBRE CONSUMO DE MATERIAL		133
	QUANTIDADE DE CABO DE CAMPANHA RECEBIDA PE- LAS UNIDADES		135
3)	O POMBO CORREIO		137
4)	O RÁDIO		138
a)	NO INTERIOR DA D.I.E.		140
	CIRCUITOS DE RADIO		143
	SILENCIO DE RADIO		143
	ATIVIDADE DURANTE AS SUBSTITUIÇÕES		144
b)	PARA O IVº C.E.X.		145
c)	CIRCUITO BRASIL-ITALIA		145
	ESTATÍSTICA		146
	DESLOCAMENTOS DE "JJQW"		146
	A HORA DO EXPEDICIONARIO, EM FONIA ...		146
5)	PROCESSOS OTICOS		148
IV -	LIGAÇÃO DA D.I.E. COM O IVº C. EXERCITO E COM O Vº EX.		148
V -	O EMPREGO TÁTICO DAS TRANSMISSÕES		149
a)	CONSIDERAÇÕES		150
b)	ORDENS DE TRANSMISSÕES		154
c)	AS I.E.T. E AS N.G.A.		154
d)	A SEGURANÇA DAS TRANSMISSÕES.....		154
	RESPONSABILIDADE		155
	SERVIÇO DE INFORMAÇÕES		156
	O PELOTAO "SIAM"		156

Ad. matter
uj.

VII - AS TRANSMISSÕES NO Q.G. DA Ia. D.I.E.	Fl. 158
1) JUNTO AO G-1	158
2) COM O CMT. DO Q.G.	158
3) COM O G-2	158
4) COM O G-3	158
5) COM O G-4	159
AS TRANSMISSÕES NO CONTROLE DA CIRCULAÇÃO DO TRAFEGO	159
6) AS TRANSMISSÕES NO CONTROLE DA CIRCULAÇÃO DO TRAFEGO	159
VII - AS TRANSMISSÕES NAS UNIDADES DA D.I.E. E NO DEPOSITO DE PESSOAL DA F.E.B.	161
1) NO R.I.	161
2) NA A.D.	163
3) NO B.E.	170
4) NO B.S.	172
5) NO ESQ. REC.	173
6) NO DEPOSITO DE PESSOAL DA F.E.B.	173+

1a. - P A R T E *matos*I - ORGANIZAÇÃO: *S. J. J.*A) - ORGANIZAÇÃO DAS TRANSMISSÕES NA 1a. D.I.E..

-----:§:-----

1 - SERVIÇO DE TRANSMISSÕES

De acordo com o Bol. Res. do Ex. nº 18 P, dâ S.G.M.G., de 5-2-44, fazendo parte do ESTADO MAIOR ESPECIAL DA 1a. D. I.E., o S.TRNS. teve a seguinte constituição:

- Chefe do S.TRNS. (CMT. DAS TRNS. DA 1a.D.I.E.) -
1 Ten.Cel. (a função foi exercida por um major de Engenharia).
- Aprovisionador de material de trns. - 1 Sub-Ten..
- Arquivista - 1 2º Sgt.
- Auxiliar do arquivista - 1 cabo
- Datilografo - 1 soldado.
- Desenhista de eletricidade - 1 3º Sgt.
- Motorista - 1 soldado.
- Mensageiro(impropriamente chamado
"agente de transmissões" pelo Bol.)
(motorista de viatura de 1/4 ton.) - 1 soldado.

Com a entrada da D.I.E. em linha, surgiram enormes dificuldades consequentes de varios fatores, principalmente porque eramos uma Divisão Brasileira integrada num Corpo de Ex. Norte-Americano, onde a diferença de lingua causou muitos embarços. Como solução, fôram tomadas as seguintes providências que facilitaram extraordinariamente as nossas atividades:

- 1 A) - Creação pelo Vº Ex. de um Destacamento de Transmissões composto de elementos norte-americanos que falavam alguma coisa a lingua portugueza, o qual, completamente equipado de pessoal e material, passou à disposição do S.TRNS. da 1a.D.I.E. com a missão de:

*A. da Mata
p.j.*

- a) - Contato direto, recebimento de ordens, etc. do Comando Brasileiro, por intermédio do S.Trns..
 - b) - traduzir e verter, do inglês para o português e vice-versa, somente os documentos sobre as operações militares;
 - c) - instalar, manter e explorar todas as agências e os meios de transmissões, fazendo a conexão do sistema de transmissões brasileiro com o norte-americano do IVº CORPO e do Vº EX..
 - d) - DESIGNAÇÃO DO DESTACAMENTO:
"2688th. SIGNAL DETACAMENT"
 - e) - ORGANIZAÇÃO:- a mesma da Cia. Trns. norte-americana, porém com efetivo reduzido.
 - f) - MATERIAL:- o mesmo utilizado pela Cia. Trns., em quantidade necessária ao cumprimento das missões.
 - g) - COMANDO:- De 1º Tenente.
 - h) - EFETIVO:-
- 1 B) - Creação pelo Comando da 1a.D.I.E. dos seguintes novos órgãos destinados à atender às necessidades surgidas:
- a) - depósito de material de transmissões, dado o vulto do movimento atingido, por isso que, além das atividades previstas pelas N.G.A. de uma divisão, a 1a.D.I.E. tinha os seus elementos de retaguarda. As divisões norte-americanas, geralmente só dispõem de um simples "dump" ("ponto de distribuição"),

que aliás é muito prático, uma vez que os depósitos do EX.(O Corpo, que é só unidade tática, não fornece material) não fiquem localizados muito distantes.

*Adm. Mat. 7
A. Jij.*

- b) -Grupo de tradutores; creado para suprir as necessidades de tradução e versão, funcionando junto ao C.M.norte-americano.
- c) -SERVICO RÁDIO DA FEB; CIRCUITO ITALIA-BRASIL; creado para manter a ligação do Comando da Ia.D.I.E., na Italia, com o Exmº Snr. Ministro da Guerra.
- d) -VIATURAS DO S.TRNS.

CHEFIA - 2 de 1/4 ton. (Jeep)

DEPOSITO DE MAT.TRNS.: - 1 de 1,1/2 ton.

2 de 2,1/2 ton..

S.RÁDIO DA FEB: - 1 de 3/4 ton.

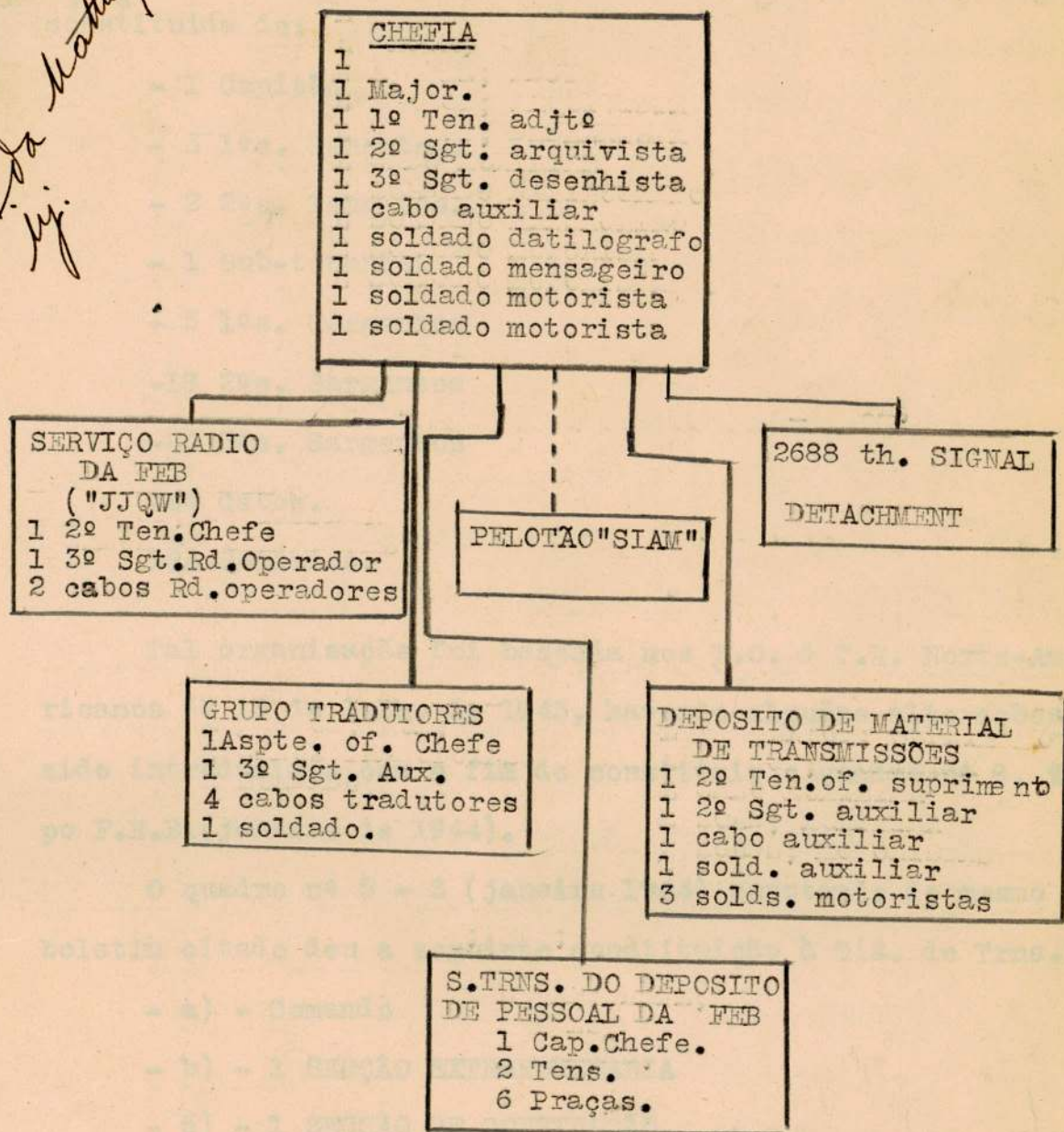
porta armas.

1 de 2,1/2 ton.

c/ a Est.Rá-
dio SCR-399.

ORGANISACÃO FUNCIONAL DO S.TRNS; DURANTE AS OPERAÇÕES (
(QUADRO EXPOSITIVO)

Adm. Materij.



VER EM ANEXO O "QUADRO ELUCIDATIVO DAS TRNS, NA "FEB".

2) - COMPANHIA DE TRANSMISSÕES

Ainda de acordo com o Bol. Res. do Ex. nº 18 P., éra constituída de:

- 1 Capitão
- 3 1ºs. Tenentes.
- 2 2ºs. Tenentes.
- 1 Sub-tenente.
- 5 1ºs. Sargentos
- 18 2ºs. Sargentos
- 20 3ºs. Sargentos
- 44 Cabos.
- 124 Soldados.

Tal organização foi baseada nos T.O. & T.E. Norte-Americanos de 15 de Julho de 1943, havendo algumas alterações sido introduzidas com o fim de constituir o quadro nº 8, tipo F.E.B. (janeiro de 1944).

O quadro nº 5 - 3 (janeiro 1944) constante do mesmo boletim citado deu a seguinte constituição à Cia. de Trns.:

- a) - Comando
- b) - 1 SECÇÃO EXTRANUMERARIA
- c) - 1 SECÇÃO DE CONSTRUÇÃO
- d) - 1 SECÇÃO DE EXPLORAÇÃO

-----:§:-----

a) - COMANDO DA CIA.: 1 Capitão

b) - SECÇÃO EXTRANUMERARIA, constituída de:

1) - GRUPO DE COMANDO:

- | | |
|--|-------------|
| - Sargenteante ----- | 1 - 1º Sgt. |
| - Sargento do Rancho ----- | 1 - 2º Sgt. |
| - Datilografo ----- | 1 - Cabo |
| - Datilografo(motorista de
viatura de
1/4 ton.)----- | 1 - Soldado |
| - Cozinheiros ----- | 1 - Cabo |

*da nota
p. 11.*

- Cozinheiros -----	1 - Cabo e
-----	4 - Soldados
- Ajudantes de cozinheiros -----	3 - Soldados
- Motoristas de Caminhões leves-	2 - Soldados
- Reservas -----	20 - Soldados

-----:§:-----

2) - GRUPO TÉCNICO:-

- Mecânico chefe de rádio -----	1 - 2º Sgt.
- Mecânico de telefonia e	
telegrafia ----	1 - 2º Sgt.
- Armêiro -----	1 - Cabo
- Mecânico de teletipo -----	1 - 3º Sgt.
- Mecânico de rádio -----	1 - 3º Sgt.
- Mecânico de rádio(motorista de	
viatura de 2,1/2 ton).-----	2 - Cabos
- Mecânico de telefonia -----	1 - Cabo
- Mecânico de telefonia(motorista	
de viatura de 1,1/2 ton.)--	1 - Cabo

-----:§:-----

3) - GRUPO DE APROVISIONAMENTO E TRANSPORTE:

- Dntendente -----	1 - 1º Ten.
- Chefe dos transportes(Sub-Ten.	
da Cia.) -----	1 - Sub-Ten.
- Encarregado das Viaturas -----	1 - 2º Sgt.
- Furriel -----	1 - 2º Sgt.
- Datilografô(motorista de viatu-	
ra de 1/4 ton.) -----	1 - Cabo
- Mecânicos de automovel -----	1 - 3º Sgt.
- Mecânicos de automovel -----	2 - Cabos
- Mecanico de automovel(Motoris-	
ta de viatura de 2,1/2-	2 - Soldados
- Encarregado do material -----	1 - Cabo

-----:§:-----

*da mata
rij.*

REGAPITULAÇÃO DO EFETIVO DA SECCÃO EXTRANUMERARIA A

- 1 - 1º Tenente
- 1 - Sub-Tenente
- 1 - 1º Sargento
- 5 - 2º Sargento
- 3 - 3º Sargento
- 11 - Cabos
- 34 - Soldados

-----§:-----

c) - SECCÃO DE CONSTRUÇÃO:-

1) - COMANDO -

Cmt. da Secção - 1-1º Tenente

2) - GRUPO DE COMANDO:-

Auxiliar do Cmt. da Secção ----- 1 - 1º Sgt.

Auxiliar de construção(mot. de 1/4
de ton.) ----- 1 - cabo

3) - 3 GRUPOS DE CONSTRUÇÃO, cada um constituído
do seguinte modo:-

- Cmt. do Grupo ----- 1 - 2º Sgt.

- Auxiliar do Cmt. do Grupo-- 1 - 3º Sgt.

- Auxiliar de Construção ---- 1 - Cabo

- Auxiliar de construção(mo-
torista de 2,1/2ton) 2 - Cabos

- Auxiliar de construção ---- 7 - Soldados

- Auxiliar de construção(mo-
torista de 1/4 e
3/4 ton.) ----- 2 - Soldados

-----§:-----

4) - GRUPO DE MATERIAL:-

- Cmt. do Grupo ----- 1 - 2º Sgt.

- Auxiliar de construção ---- 1 - Cabo

- Auxiliar de construção(mo-
torista de 2,1/2ton) 2 - Soldados

- Fl. 8 -

- Auxiliar de Construção --- 1 - Soldado.

-----§:-----

RECAPTULAÇÃO DO EFETIVO DA SECÇÃO DE CONSTRUÇÃO

- 1 1º Tenente.
- 1 1º Sargento.
- 4 2ºs. Sargentos.
- 3 3ºs. Sargentos.
- 11 Cabos.
- 30 Soldados.

-----§:-----

D) - SECÇÃO DE EXPLORAÇÃO:-

1) - COMANDO - Cmt. da Secção - 1 - 1º Ten

2) - COMANDO DO GRUPO:-

- Cmt. do Grupo ----- 1 - 1º Sgt.
- Aux. do Cmt. do Grupo 1 - 2º Sgt.
- Escrevente chefe do
Centro de transmissões 1 - 2º Sgt.
- Escrevente do Centro
de transmissões - 1 - 2º Sgt.
- Escrevente do Centro
de transmissões - 1 - 3º Sgt.
- Despachante de Msgs.- 1 - Cabo.
- Criptografos ----- 2 - 3º Sgt.
- Criptografos (um é mot.
de 3/4 ton.)----- 4 - cabos.
- Datilografo ----- 1 - Cabo
- Datilografos (2 mot.
de 1,1/2ton))---- 5 - Solds.

3) - GRUPO RÁDIO:-

- Cmt. do Grupo ----- 1 - 2º Ten.
- Rádio-telegrafistas
chefe ----- 1 - 1º Sgt..
- Rádio-telegrafista -- 1 - 2º Sgt..
- Rádio-telegrafista

- fl. 9 -

- Rádio telegrafis aux. ---- 2 - 2ºs.Sgt.
 - Rádio-telegrafistas ----- 6 - 3ºs.Sgt.
 - Rádio-telegrafistas ----- 7 - Cabos
 - Rd.-Tel.(mot. de 3/4 e
 2,1/2 ton.) ----- 1 - Cabo
 - Rd.-Tel.(mot.de 1/4 e
 2,1/2 ton.)----- 1 - Cabo
 - Rd.-Tel.(7 mot. 3/4 e
 2,1/2 ton.) ----- 15 - Solds.
 - Rd.-Tel.(mot. de 1/4 ton)- 1 - Soldado
 -----:§:-----

4) - GRUPO TELEFONICO E TELEGRAFICO:

- Cmt. do Grupo:----- 1 - 2º Ten.
 - Chefe da rede ----- 1 - 1º Sgt.
 - Teletipista Chefe ----- 1 - 2º Sgt.
 - Aux. do Chefe de rede -- 1 - 2º Sgt.
 - Telitipista auxiliar --- 1 - 3º Sgt.
 -Telefonista chefe Central 1 - 3º Sgt.
 - Telegrafista Chefe ----- 1 - 2º Sgt.
 - Mecânico de telefonia e
 telegrafia ----- 1 - 3ºSgt.
 - Reparador de cabos telefonico e
 telegrafico(mot.
 de 1/4 ton.) -- 1 - Cabo.
 - Mecanico de telefonia -- 2 - Cabos
 - Mecanico de telefonia(2
 mot. de 3/4ton.)-- 7 - Solds.
 - Telefonista de Central-- 1 - Cabo
 - Telefonista de Central-- 6 - Solds.
 - Telegrafista(mot.1,1/2t.) 1 - Cabo
 - Telegrafistas(mot.de
 1,1/2 ton.)----- 2 - Solds.
 - Telegrafista-teletipista 2 - 3º.Sgt.
 - Telegrafista-teletipista 2 - Cabos.

- fl. 10 -

- Telegrafista-teletipista-

(2 mot. de 2,1/2 ton.)-- 3 - Solds.

-----§:-----

RECAPITULAÇÃO DO EFETIVO DA SECÇÃO DE EXPLORAÇÃO:

- 1 1º Ten.

- 2 2º Ten.

- 3 1º Sgt.

- 9 2ºs. Sgts.

-14 3ºs. Sgts.

-22 Cabos.

-60 Soldados.

-----§:-----

3) - CONSIDERAÇÕES SOBRE A ORGANISAÇÃO PUBLICADA NO
BOLETIM RESERVADO DO EXERCITO Nº 18 P, rétro-
referida:

Durante a guerra, ficou constatada a impropriedade de certos termos que por nós foram abandonados e substituídos por outros mais adequados e que figuravam nas nossas NORMAS GERAIS DE AÇÃO. Assim por exemplo:

O Chefe das transmissões passou a ser denominado oficial Cmt. das transmissões da Divisão; os oficiais da Cia. de Transmissões - oficiais de transmissões; os oficiais das unidades encarregados das transmissões - oficiais de comunicações; o oficial Cmt. da Secção de Construção - oficial de construção; o oficial Cmt. da Secção de exploração - oficial de centro de mensagens; o grupo de comando da Secção de Exploração - grupo de C.M. e de Mensageiros; o oficial Cmt. do Grupo rádio - oficial rádio; o oficial Cmt. do Grupo T & T; o agente de transmissões - mensageiro (a pé ou motorizado, conforme o caso), etc., tudo por imposição da prática.

durante
aumen

St. Petersburg

Foram estabelecidas, bem caracterizadas, as funções de oficial de reaprovisionamento(S - 4),liberando as atividades do sub-tenente, e as do oficial de motores. O efetivo da secção de construção foi grandemente majorado, tudo de acordo com a proposta que se acha em anéxo.

— — — — — § — — — — —

VER O ANEXO Nº (Quadro da Cia. Trns.)

VER O ANEXO Nº (proposta para novo efetivo
da Cia. Trns.).

— — — — — § — — — — —

-: MATERIAL DA CIA. TRANSMISSÕES :-

A dotação de material prevista pelo Bol. Res. do Ex.
nº de , baseado nos To & TE nº de
, foi, pelos proprios Norte-Americanos al-
terado e a que passou a vigorar atendeu melhos às nossas ne-
cessidades. Foi a que se acha em anexo nº ANEXO Nº
Foi de acordo com ela que trouxemos o material para o Brasil.
Somos de opinião que o material Norte-Americano é o melhor
possivel, já pela **rusticidade** e, portanto pela **resistencia**,
já pela qualidade, a melhor possivel.

4) - INFANTARIA DIVISIONARIA

Adm. Infanteria
A. J. J.

Não existe na organização da D.I. norte-americana e a sua inclusão no efetivo da Divisão criou um caso para as TRNS. porque fôram aumentados os encargos destes sem que lhes fossem proporcionados na mesma ocasião, meios pessoais e materiais. O desenvolvimento das operações de guerra é também uma aplicação de lei de NEWTON, amarrada ao tempo e ao espaço. Para o comando sentir as ações do inimigo, ele precisa, o mais rapidamente possível, receber informações obtidas por todos os meios, inclusive os que devem provir da linha de frente, dos elementos em contáto. Quanto menor fôr o numero de fátôres que retardem os fluxos de informações e de ordens, num e noutro sentido, tanto melhor; quanto maior fôr a unidade de doutrina e de comando, tanto melhor para as operações. Assim sentindo e pensando, o Norte-americano, não tem na sua D.I. a I.D., o que permite um contáto mais diréto entre o Comando da Div. e os dos R.I. ou os dos GRUPAMENTOS TÁTICOS, si fôr o caso. Em vez do Gen.Cmt. da I.D., o Norte-americano tem o Gen. de Bgda. ^{como} EXECUTIVO DA D.I., verdadeiro Sub-Cmt. da grande Unidade, substituto eventual do seu Comando. É muito mais pratico. No caso das Transmissões, isso implica em uma ~~uniao~~ Central Telefônica a menos nas comunicações dos Comando e do E.M. DIVISIONARIO com os R.I., o que equivale a aumento de velocidade nas conversações telefônicas, além de outras vantagens no que diz respeito a todos os meios de transmissões e a sua exploração.

5) - REGIMENTO DE INFANTARIA

- PESSOAL: - Foi o seguinte o pessoal de transmissões do R.I.:

I - Na TROPA ESPECIAL DO R.I.:

A) - Na CIA. DE COMANDO:

A 1) - NO PELOTÃO DE TRNS.:

1 Cap. Cmt. (oficial de comunicação do R.I.).

1 Sub-Ten. Assistente.

1 1º Sgt. Chefe Técnico.

1 2º Sgt. Chefe das Trns. rádio e ótica.

1 2º Sgt. Chefe do C.M..

1 2º Sgt. Chefe dos Telefonistas e Telegrafistas.

1 Cabo Criptografo.

2 Soldados Criptografos.

3 Soldados Mensageiros.

5 Cabos rádio-operadores.

10 Soldados rádio-operadores.

1 Cabo Telefonista de Central.

3 Soldados Telefonista de Central.

1 Cabo motorista.

4 Cabos telefonista e telegrafista.

11 Soldados telefonista e telegrafistas.

1 cabo reparador de rádio.

-----:§:-----

B :- NA CIA. DE SERVIÇOS

B-1) - NA SECÇÃO DE COMANDO.

1 soldado mensageiro.

B-2) - NO PEL. DE COMANDO DO R.I.:

a) - NA SECÇÃO DO E.M..

1 soldado mensageiro.

b) - NO AIMOXARIFADO

- fl.14 -

b) - NO AIMOXARIFADO

1 Soldado mensageiro.

-----§:-----

II - NA TROPA

A - NA CIA. A. C.

A.1) - NO GRUPO DE COMANDO:

1 3º Sargento de Trns.

2 Solds. mensageiros.

1 Sold. rádio-operador.

A.2) - EM CADA PEL. A.C.:

A.2a)-No GRUPO DE COMANDO:

1 sold.mensageiro.

-----§:-----

B - NA CIA. DE OBUZES - 105

B.1) - NA SECÇÃO DE COMANDO:

2 Sold.mensageiros

2 Sold. rádio-operadores
telefonistas.

B .2)- em cada pelotão de Obz.

B-2-a) no Grupo de Cmdo.

1 Sold. mensageiro

1 Sold. rádio-opera-
dor telefonista

-----§;-----

C - Em cada BATAIÃO DE INFANTARIA:

C -1) - na CIA. DE COMANDO:

C -1a) no PELOTÃO DE TRNS.

1 - 1º Ten.of. de
comunicações1 - 2º Sgt.Chefe
de Trns..1 - 2º Sgt.Chefe
da Secção Rá-
dio e Sinali-
sação.

*Adm. Santos
A. Jij.*

- 1 - 3º Sgt. Chefe C.M.
- 1 - 3º Sgt. Chefe Te-
lefonista e Te-
legrafista.
- 1 - Cabo instalador
reparador de li-
nhas.
- 4 - Soldados instala-
dores reparadores
de linhas.
- 4 - Sold. mensageiros.
- 2 - Cabos rádio-ope-
radores.
- 2 - Sold. rádio-ope-
radores.
- 1 - Cabo telefonista
de central.
- 1 - Sold. Telefonis-
ta de central.
- 1 - Cabo reparador
de rádio.
- 1 - Cabo criptografo.
- 1 - Sol. criptografo.

-----§:-----

C-1.b) - No Pel. A.C..

Grupo de comando:
1 sold. mensageiro
(motorista).

C-2) - NA CIA. DE PETRECHOS

PESADOS:-

C.2a) - NA SECÇÃO DE CMD.

1 3º Sgt. de Trns.

3 Sols. mensageiros

C.2b) - Em cada pel. met

Ass. M. J.

C-2.b)-Em cada pel.Metr.30.

Grupo de Comando:

2 sold.mensageiros.

C-2.c)-No pel.Morteiros 81

No Grupo de Cmd..

2 Sol.Mensageiros

C-3) - EM CADA CIA.DE FUZILEIROS:-

C-3.a)-Na SECÇÃO DE COMANDO:-

1 3º Sgt. Trns..

3 Sold.Mensageiros.

C-3.b)-em cada Pel.de Fuz..

(No grupo de Cmd.).

2 sold.mensageiros

C-3.c)-No pel. de Petrechos.

(No grupo de Cmd.).

2 Sold.mensageiros

Na Secção de Morteiros.

60:-

1 Sol.mensageiro.

Na Secção de MORTEIRO

LEVE:-

1 sold.mensageiro.

-----§:-----

- OBSERVAÇÃO:-

- Apesar de ser bem distribuido dentro do Regimento, o seu pessoal de Trns. foi insuficiente para atender a todas as necessidades decorrentes das contingencias impostas pelas operações militares.

Pelo officio n.246-ST, de 7-4-45, a Chefia do S.Trns. solicitou ao Comando da Divisão os seguintes aumentos de efectivos:

a) - No Pelotão de Trns. da Cia. de Comando do R.I.:

1 Cabo inst. e construtor de linhas.

3 solds. instaladores e construtores de linhas.

b - Na Cia. de Obz. do R.I.:

2 cabos instaladores e construtores de linhas.

6 solds. instaladores e construtores de linhas.

3 solds. instaladores, digo, telefonistas de central.

c - No Pel.Trns. da Cia. de Cmd. de cada Btl.:-

2 cabos inst. e constores de linhas

5 solds. inst. e construtores de linhas.

1 sold. telefonista de central.

d - Na Secção de Comando de cada Cia. de Fuzileiros:-

1 cabo inst. e construtor de linhas.

3 solds. inst. e construtores de linhas.

1 soldado telefonista de central.

-----§:-----

M A T E R I A L:-

- Aqui fazemos ligeira referencia à pequena parte dele, sómente para que se faça idéia do que se dispoz em campanha:-

- DE CONSTRUÇÃO DE LINHAS:-

- desenroladeira(à mão) RL-27-A:

- Na Cia. de Cmdo. do R.I. - 6

- Em cada Btl. ----- 3

- desenroladeira RL - 31:-

- Na Cia. de Cmd. do R.I. ---- 4

- Em cada Btl. ----- 1

- equipamento CE - 11:-

- na Cia, de Cmd. do R.I. ---- 8

- Na Cia. A.C. -----12

- na Cia. de Obz. -----12

- em cada Batalhão -----34

- estojo de ferramenta TE - 33:-

- na Cia. Cmd. do R.I. ----- 50

- na Cia. A.C. ----- 14

- na Cia. de Obz. ----- 17

- em cada Btl. ----- 48

-----:§:-----

MATERIAL DE EXPLORAÇÃO TELEFONICA E TELEGRAFICA:-

- Telegrafo TG - 5:-

- na Cia. Cmd. do R.I. ----- 4

- em cada Btl. ----- 1

- Telefone EE - 8:-

- na Cia. Cmd. do R.I. ----- 12

- na Cia. Obz. ----- 8

- em cada Btl. ----- 8

- Quadro BD - 71:-

- na Cia. Cmd. do R.I. -----

na Cia. de Obz. ----- 1

em cada Btl. ----- 1

- Quadro BD - 72 (12 direções):-

- na Cia. Cmd. do R.I. ----- 2

-----:§:-----

MATERIAL R Á D I O :-

- SCR - 284:-

- na Cia. Cmd. do R.I. ----- 6

- na Cia. A.C. ----- 1

- em cada Btl. ----- 1

-

- SCR - 300:-

- na Cia. Cmd. do R.I. ----- 12

- na Cia. A.C. ----- 5

- na Cia. de Obz. ----- 5

- em cada Btl. ----- 6

- SCR - 536:-

- na Cia. de Cmd. do R.I. --

- em cada Btl. ----- 24

-----:§:-----

MATERIAL DE CENTRO DE MENSAGENS:-

- M - 209 (Criptografo):-

- na Cia. Cmd. do R.I. ----- 2

- em cada Btl. ----- 2

-----:§:-----

Mr. nat.
Mr. pij.
:- CONSIDERAÇÕES GERAIS:-

- CONSIDERAÇÕES SOBRE MATERIAL TELEFÔNICO:-

- Em se tratando de material, o maior problema durante as operações foram os telefones, os quadros Comutadores (BD-71 e BD-72) e as estações-rádio SCR-511(a serem substituídas pelas SCR - 300 e SCR- 610).

Devido ao arraigado e intensivo uso e abuso do telefone por parte do nosso pessoal, podemos dizer que os R.I. tinham permanente fome de aparelhos telefônicos e de Centrais; os seus oficiais de comunicações viviam solicitando-os, mais e mais. E tal fato se passou também nas outras unidades, porque o mal era geral. Não houve recomendação que o sanasse e o remédio foi dar-se um jeito de arranjá-los na medida do possível.

Quasi todo o movimento administrativo das Unidades foi feito pelo telefone, não obstante reiterar-se, constantemente, que as conversações não deviam ser longas, e até relatórios que deveriam ter sido remetidos por mensageiros, foram transmitidos pelo telefone.

Pelas normas Norte-americanas somente os oficiais diretamente ligados às operações tinham direito ao telefone, mas nós, refletindo os nossos hábitos, tivemos nas linhas de frente às vezes 18 assinantes ligados a um quadro comutador de 6 direções, de Btl., o que provocou o aproveitamento dos chamados "Cachos telefônicos"(varios telefones num mesmo circuito metalico ligados em paralelo. Os telefones conectados em paralelo formavam rêsdes comandadas que, aliás, prestaram relevantes serviços, indo até as posições de tiro. Foram utilizados os chamados "telefones magnéticos"("SOUND-POWERED TELEPHONE HANDSET) TS - 10 nas citadas rêsdes, em virtude da falta de outros.

Adm. Mater.
Este tipo de aparelhos prestou grandes serviços nas atividades de patrulhas, usando-se o cabo leve (duplo) W-130.

Depois de muito custo o S.Trns. conseguiu do Deposito de Material de Trns. do Vº Ex. um apreciavel aumento de telefones EE- 8 para a Divisão.

- VÊR O NOVO QUADRO DE DOTAÇÃO (T.O.) no anêso n.

Logo no inicio da defensiva, impoz-se a necessidade do aumento do material telefonico na seguinte base para o R.I.:

- para o Btl. ----- 1 BD - 71 (quadro)
- 4 EE - 8 (telefone)
- para a Cia. Fz.:-- 1 RL - 27 (desenroladeira)
- 2 CE - 11
- para a Cia. P.P--- 3 RL - 27

Releva notar a importancia da RL - 27 sempre muito necessaria; foi muito empregada nos Btls. e nas Cia.s. de Fuz..

-----:§:-----

-:GRUPO MOTOR * GERADOR - P E - 75:-

- É material de trns. destinado a servir de fonte de energia para o funcionamento das estações de rádio. Não se destina à iluminação que é uma atividade á cargo do SERVIÇO DE ENGENHARIA e não do de TRNS.. Como o S.Trns. dispunha, no seu Deposito, de sobressalentes para os casos de defeitos nos da dotação da Cia.Trns., acabou cedendo, por imprestimo, um a cada um dos Regimentos, ao 2º e ao 4º G.O., unidades essas que os utilizaram todo o tempo na iluminação dos P.C.. Somos de parecer que cada Unidade déve ser dotado de 1 desses grupos, que lhes prestaram relevantes serviços.

-----:§:-----

Mr. Hates
py
- M A T E R I A L - R ' A D I O -

Por falta das estações SCR-300 fôram distribuidas, à título precario, para os Btl. e Cia. Obz. as SCR - 511, tipo antiquado da cavalaria.

O resultado foi o peor possivel, pois as SCR - 511 crearam terriveis casos para as operações. Conseguimos do Vº Ex., primeiro, a substituição de 4 da Cia. de Obz. por 4 SCR 610 (tipo artilharia) à título precario, devez que às Cias. de Obzs. constantemente passavam à disposição da A.D.. Posteriormente, para o 3º ataque do MONTE CASTELLO, em 18-2-45, foi que conseguimos, depois de titânico esforço, que o Vº Ex. substituisse dez (10) SCR - 511 do 1º R.I., por igual numero de SCR 300, as quais se revelaram magnificas para os fins a que se destinam.

A 4-3-45, para o ataque á CASTEL NUOVO, conseguimos mais 20, sendo 10 para o 6º R.I. e 10 para o 11º R.I., em substituição de igual numero de SCR-511.

O restante não foi possivel conseguir, apesar de todos os processos do oficial Chefe das Trns. do Vº Ex..

-----:§:-----

-: QUALIDADE DO MATERIAL:-

Todos fôram unanimes em reputar ótimo o material de Trns. Norte-Americano.

O cabo W - 110 apresentou magnificas caracteristicas mecânicas e eletricas, o seu isolamento é muito bom.

O Cabo W - 130 tem o isolamento elétrico muito fraco.

-----:§:-----

-: V I A T U R A S :-

Devido ao fáto do S - 4 do R.I. nem sempre dispôr de viaturas para atender rapidamente aos pedidos do oficial de

comunicação do R.I. (transporte de cabo de campanha do Depósito da Divisão para o R.I. e transportes de material de trns. dentro do proprio Regimento), foi sentida a necessidade de se pedir o aumento de numero de viaturas de trns. do R.I. de uma 3/4 ton. porta arma..

hater
Dr. pij

PERSONAL DE TRNS. DA A.D.-

- A) - DA VIA DE COMANDO:-

- 1 - Sup. of. de comunicações da A.D..

A-1)- DA SECCAO DE TRNS.:-

1 - 1º Ten. Sup. da Seccão.

A-1-a)- DA SUBSECCAO DE COMANDO:-

1 - 1º Sgt. Sup. da Seccão.

1 - 2º Sgt. Sup. da Seccão.

1 - Cabo de Seccão.

1 - Sold. instalador e telegrafista.

A-1-b)- DA SUBSECCAO DE TELECOMUNICACOES:-

1 - 1º Sgt. tel. Sup. da Seccão.

1 - 2º Sgt. tel. Sup. da Seccão.

1 - Cabo telegrafista da Seccão.

1 - Sold. telegrafista da Seccão.

1 - Sold. telegrafista da Seccão.

1 - Sold. telegrafista da Seccão.

1 - Sold. telegrafista da Seccão.

1 - Sold. telegrafista da Seccão.

1 - Sold. telegrafista da Seccão.

6) - ARTILHARIA DIVISIONARIA

- (Bateria de Comando) -

A. de M. J.

O grande e necessario efetivo de pessoal de transmissões bem como a copiosa quantidade, tambem indispensavel, de material de transmissões em toda a A.D. fôram um dos fatores do êxito brilhante alcançado pela poderosa ARMA. Durante as operações, as necessidades sempre crescentes impuzeram um aumento no efetivo das trns., o que nos mostra e demonstra quão indispensaveis fôram elas ao Comando.

-----§:-----

- PESSOAL DE TRNS. DA A.D.:-

- A) - DA BIA. DE COMANDO:-

- 1 - Cap. of. de comunicações da A.D..

A-1)- DA SECÇÃO DE TRNS.:

1 - 1º Ten. Cmt. da Secção.

A-1-a)-da TURMA DE COMANDO:-

- 1 - 1º Sgt. Chefe das Trns..
- 1 - 2º Sgt. Chefe do C.M..
- 1 - Cabo de C.M..
- 1 - Sold. instalador e telefonista(mot.).

A-1-b)-da TURMA DE TELEFONISTAS:-

- 1 - 2º Sgt. telefonista(Chefe de Trns.).
- 4 - Cabos telefonistas(chefes de equipes).
- 1 - Cabo telefonista de Central
- 1 - Sold. telefonista de Central.
- 4 - Cabos instaladores e telefonistas.
- 14 - Solds. instaladores e telefonistas.

Ad. Natus
p.j.

- 2 - Sold. motoristas(metra-
lhadores)

A-1-c)-da TURMA DE RÁDIO:-

- 1 - 2º Sgt.rádio-operador(chefe de turma)
- 2 - 3ºs.Sgt. rádio-operadores
- 2 - Cabos rádio-operadores(1 é mot. de viatura rádio)
- 2 - Sold.rádio-operadores
- 1 - 3º Sgt. mecânico de rádio(mot.da viatura rádio).

A-2)- SECÇÃO DE OPERAÇÕES:-

- da TURMA DE OPERAÇÕES:

- 1 - 3º Sgt. rádio-operador(mot. de viat.do chefe do E.M.da A.D.)
- 1 - Sold. rádio-operador(mot.da viatura do oficial de comunicações da A.D.)..

material
MATERIAL - (Somente alguns equipamentos).

Fig.
DE CONSTRUÇÃO DE LINHAS:-

desenroladeiras RL-27 ----- 4
desenroladeiras RL-31 ----- 3
desenroladeiras RL-26A----- 1
desenroladeiras RL-39 ----- 1
equipamento CE - 11 -----
jogo de ferramenta TE-33 ----- 26

DE EXPLORAÇÃO TEL. E TELEGRAFICA:-

Telefone EE - 8 ----- 24
Telegrafo TG - 5 ----- 5
Quadro comutador BD-71 ----- 1
Quadro comutador BD-72 ----- 2
Central Telefonica TC - 4 ----- 1 (posterior)

MATERIAL RÁDIO:-

Aparelho rádio SCR - 193 ----- 1
Aparelho rádio SCR - 284 ----- 2
Aparelho rádio SCR - 608 ----- 2
Remoto Control RM - 29 ----- 2

MATERIAL DE C.M.:-

Aparelho de criptografia M-209 ---- 2

MATERIAL DIVERSO:-

De OBSERVAÇÃO METEOROLOGICAS ML - 110 - 1

-----:§:-----

OBSERVAÇÕES SOBRE O MATERIAL:-

De muito boa qualidade, o material de trns. na A.D. só apresentou problema na questão de quantidade de telefones, de central telefonica e de quadros comutadores. Posteriormente, ela foi dotada de 1 Central TC - 4, o seu nº de telefones sensivelmente aumentado e os quadros comutadores sempre lhe foram emprestados por outra Unidade, quando houve necessidade, por intermédio do S.Trns..

- VER O NOVO QUADRO DE DOTAÇÃO NO ANEXO Nº

nota
- MATERIAL DE TRANSMISSÕES DE TODA A ARTILHARIA:-

da
- (alguns equipamentos)-

- TODA A A.D., compreendendo os seus propios elementos de trns. e os dos 4 Grupos de obuzes, dispõem dos seguintes principais equipamentos:

- DE CONSTRUÇÃO DE LINHAS:-

- desenroladeira RL - 27 - A -----	24
- desenroladeira RL - 31 -----	32
- desenroladeira RL - 26 - A -----	5
- desenroladeira RL - 39 -----	31
- equipamento CE - 11 -----	
- jogo de ferramenta TE - 33 -----	263

- DE EXPLORAÇÃO TELEFONICA & TELEGRAFICA:-

: telefones EE - 8 -----	209
- aparelhos telegraficos TG - 5 -----	9
- quadros comutadores BD-71 -----	29
- quadros comutadores BD-72 -----	10
- central telefonica TC - 4 -----	1

- MATERIAL R A D I O:-

- aparelho rádio SCR-193 -----	5
- aparelho rádio SCR-284 -----	10
- aparelho rádio SCR-608 -----	14
- aparelho rádio SCR-610 -----	97
- remoto control RM - 29 -----	10

- MATERIAL DE C.M.:-

- aparelho de criptografia M - 209 -----	10
--	----

-----:§:-----

V I A T U R A S:-

- A quantidade prevista pela dotação da A.D.(Bia. de Cmd.) foi suficiente.

7) - CADA UM GRUPO DE OBUZES - 105 -

- PESSOAL DE TRNS. DE CADA G.O. - 105:-

A) - da BIA. DE COMANDO:-

- Cmt.- 1 Cap. oficial de comunicações do G.O.

A-1) - SECÇÃO DE TRNS;:

- Cmt. 1 - 1º Ten..

A-1-a)-TURMA DE COMANDO:-

1 - 2ºSgt. Chefe das Trns.

1 - 3ºSgt. Chefe de C.M..

1 - Cabo de C.M..

A-1-b)-TURMA DE TELEFONISTAS:

1 - 2ºSgt. Telef.(Chefe de turma).

4 - Cabos telef.(chefe de equipe).

2 - Sold. telef. Central.

14 - Sold. instaladores e telefonistas(1 é mot. do Cmt. da Secção).

3 - Sold. instaladores e telef.(mot.).

1 - Sold. motorista.

A-1-c)- TURMA DE RÁDIO:-

1 - 2ºSgt. rádio-operador (chefe de turma).

1 - 3ºSgt. rádio-operador

3 - Cabos rádio-operadores (1 é o mot. da viatura rádio).

5 - Sold. rádio-operadores

1 - 3ºSgt.mecânico de rádio

1 - Cabo mecânico de rádio (rádio-operador e mot. da viat. rádio).

Ad. Mattos
rij

1 - cabo metralhador.

1 - soldado metralhador.

A-2) - SECCÃO DE OPERAÇÕES:-

A-2-a)-TURMA DE OPERAÇÕES:-

1 - 3ºSgt. rádio-operador.

1 - cabo rádio-operador.

1 - sold.rádio-operador.

A-2-b)-DE CADA UMA DAS 3 TURMAS DE LIGAÇÃO:-

1 - cabo rádio-operador.

2 - solds. rádio-operadores

1 - cabo instalador e telefonista(motoristas)

2 - sold.instaladores e telefonistas(mot.das viaturas das turmas de ligação).

B) - DA BIA. DE SERVIÇO:-

- DO TREM DE MUNIÇÕES(TURMA DE COMANDO):-

- 1 - cabo rádio-operador.

C) - DE CADA UMA DAS 3 BATERIAS DE OBZ.105:-

- DO DESTACAMENTO DE RECONHECIMENTO:-

1 - 2º Ten. Cmt. (of.comunic. da Bia.)

3 - 3ºSgt. telefonistas.

6 - cabos instaladores e telefonistas(1cabo em cada Bia.dirige a viat.3/4 ton.).

18 - solds. instaladores e telefonistas.

3 - cabos instaladores e telefonistas(mot).

6 - solds. telefonistas de central(sendo 3 mot.).

3 - cabos rádio-operadores.

6 - solds. rádio-operadores.

3 - cabos mecânicos de rádio(rádio-operadores).

da *pi* *hate*
O efetivo foi distribuido do seguinte modo no G.O. (em 24-I-945):-

- Cap. of. de comunicações ----- 1
- 1º Ten. Cmt. de Secção ----- 1
- 2º Sgt. Chefe das Trns.. ----- 1

- TELEFONISTAS:-

- Na BATERIA DE COMANDO:-

- 2º Sgt. Chefe de turma ----- 1
- Cabos chefes de equipes ----- 4
- Soldados telefonistas ----- 14
- Solds. telefonistas de central - 2
- Solds. telef. motoristas ----- 4
- T o t a l ----- 25 (praças)

- Em cada 1 das 3 Biss. de Tiro:-

- 3º Sgt. Chefe de turma ----- 1
- Cabo Chefe de equipe ----- 1
- Soldados telefonistas ----- 6
- Solds. telefonistas de Central - 1
- Cabo motorista telefonista ----- 2
- T o t a l ----- 11 (praças)

- RÁDIO + OPERADORES:-

- Na BATERIA DE COMANDO:-

- 2º Sgt. Chefe de turma ----- 1
- 3º Sgt. Rádio-operador ----- 2
- 3º Sgt. Mecânico de rádio ----- 1
- Cabos rádio-operadores ----- 5
- Cabo mecânico de rádio ----- 1
- Soldados rádio-operadores ----- 8
- T o t a l ----- 18 (praças)

- Em cada uma das 3 BIAS. DE TIRO:-

- Cabo mecânico de rádio ----- 1
- Cabo rádio-operador ----- 1
- Soldado rádio-operador ----- 1
- T o t a l ----- 3 (praças)

- Na BATERIA DE SERVIÇO:-

- Cabo rádio-operador ----- 1

- Soldado rádio-operador ----- 1

- T o t a l ----- 2 (pracas)

— — — — — : S : — — — — —

- TOTAL DE TELEFONISTAS DO G.O.:----- 59

- TOTAL DE RÁDIO-OPERADORES ----- 27

- TOTAL DE MECÂNICOS DE RÁDIO ----- 5

W. A. K. K. K.

- MATERIAL:- (alguns equipamentos)

- de CONSTRUÇÃO DE LINHAS:-

- da
A. py*
- desenroladeiras RL-27-A----- 6
 - desenroladeiras RL-31 ----- 7
 - desenroladeiras RL-39 ----- 8
 - desenroladeiras RL-26-A -----
 - jogos de ferramentas TE-33 -- 60

de EXPLORAÇÃO TELEFONICA E TELEGRAFICA:-

- telefones EE-8 ----- 47
- aparelhos telegraficos TG-5 - 1
- quadros comutadores BD-71 --- 7
- quadros comutadores BD-72 --- 2

- MATERIAL RÁDIO:-

- estação rádio SCR-193 ----- 1
- estação rádio SCR-284 ----- 2
- estação rádio SCR-608 ----- 3
- estação rádio SCR-610 ----- 25
- remoto-control RM - 29 ----- 2

- MATERIAL DE C.M.:-

- aparelhos de criptografia M-209--- 2

-----:§:-----

- O material revelou-se de ótima qualidade.

As SCR - 610 são muito boas e prestaram relevantísimos serviços às operações, principalmente no caso dos observadores avançados. Foi feito largo emprego do RM - 29 para facilitar a colocação das estações RM em pontos dominantes, e o rendimento foi sempre magnífico.

Devido à falta de cabo leve W-130 a artilharia usou quasi que somente o W-110, com muito melhor proveito.

- V I A T U R A S:-

- Foram suficientes as da dotação.

8) - GRUPO DE OBUZES - 155

- P E S S O A L:-

- A organização é a mesma do G.O. 105, não tendo, porém, o pessoal de transmissões das 3 turmas de ligação da SECÇÃO DE OPERAÇÕES.

-----§:-----

- M A T E R I A L:-

- de CONSTRUÇÃO DE LINHAS:-

- desenroladeiras RL - 27 -A ----- 3
- desenroladeiras RL - 31 ----- 7
- desenroladeiras RL - 39 ----- 5
- desenroladeiras RL - 26-A -----
- jogo de ferramenta TE-33 ----- 57

- de EXPLORAÇÃO TELEFONICA & TELEGRAFICA:-

- telefones EE - 8 ----- 44
- aparelhos telegraficos TG- 5 --- 1
- quadros comutadores BD - 71 ---- 7
- quadros comutadores BD - 72 ---- 2

- MATERIAL RÁDIO:-

- estação rádio SCR - 193 ----- 1
- estação rádio SCR - 284 ----- 2
- estação rádio SCR - 608 ----- 3
- estação rádio SCR - 610 ----- 22
- remoto-control RM - 29 ----- 2

- -- MATERIAL DE C.M.:-

- aparelho de criptografia M-209-- 2

-----§:-----

- As observações a respeito do pessoal e do material do G.O. 155, são as mesmas feitas para o G.O. 105.

- V I A T U R A S :-

- As da dotação satisfazem as necessidades.

-

9) - 1º ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO:-

- PESSOAL:-

- A) - SECÇÃO DE COMANDO:-

- 1 - 1º Ten. Chefe das Lig. e Trns. (of. comunicações do Esq.).
- 1 - 3º Sgt. Aux. das ligações e transmissões.
- 3 - cabos rádio-operadores (mot.).

- B) - da SECÇÃO DE MANUTENÇÃO:-

- 1 cabo rádio-operador (mot.).
- 1 cabo reparador de rádio.

- C) - EM CADA UM DOS 3 PEL. DE RECONHECIMENTO:-

C - 1) na SECÇÃO DE CARROS:-

- 3 cabos rádio-operadores (mot.).
- 3 sold. rádio-operadores (atiradores).

C - 2) na SECÇÃO DE APOIO:-

- 2 rádio-operadores (volteadores).

-----:§:-----

- OBSERVAÇÕES:-

- Durante a defensiva o Esquadrão de Reconhecimento, foi sempre empregado como tropa de infantaria, tendo tido necessidade de improvisar equipes de construção e de manutenção de linhas, porque pelo efetivo nada lhe cabe nesse particular.

Seria interessante e útil incluir na Secção de Comando 1 cabo instalador e construtor e 3 soldados instaladores e const. de linhas; Na secção de manutenção aumentar 1 cabo rádio-reparador.

- MATERIAL:-

- de CONSTRUÇÃO DE LINHAS:-
- Somente:-

Cinto para instalador LC-23	-----	3
Estribos para trepar LC - 6	-----	3
jogo de ferramenta TE - 33	-----	37

É de toda conveniencia dotar o Esq. do seguinte:-

desenroladeiras RL-27-A	-----	2
desenroladeiras RL-31	-----	1

de EXPLORAÇÃO TELEFONICA & TELEGRAFICA:-

- não tem -

Será de real utilidade dotá-lo de:-

telefones EE - 8 ----- 6

quadro comutador ED - 71 1

-----§:-----

de R Á D I O:-

estação rádio SCR-506 ----- 13

estação rádio SCR-508 ----- 11

estação rádio SCR-510 ----- 10

estação rádio SCR-528 ----- 3

aparelho de S.SCR-211 ----- 1

de C.M.:-

aparelho de criptografia M - 209-- 13

10) - BATALHÃO DE ENGENHARIA:-

- PESSOAL:-

A) - na CIA. EXTRANUMERARIA:-

A-1) - na SECCÃO DE ADMINISTRAÇÃO:-

- 1 - 2ºSgt. de Trns..
- 1 - 3ºSgt. rádio-operador.
- 1 - cabo rádio-operador.
- 1 - soldado rádio-operador.
- 1 - 3ºSgt. mecânico de rádio.

A-2) - na SECCÃO DE RECONHECIMENTO:-

- 1 - cabo rádio-operador (mot.).
- 1 - sold. rádio-operador (mot.).

Supomos que houve qualquer equívoco no estabelecimento do efetivo do B.E., porque:

- 1ª - ele dispõe de dotação de material de construção de linhas e de exploração telefônica e telegráfica e no entanto não tem no seu pessoal um construtor de linhas sequer;
- 2ª - porque possui uma regular quantidade de rádio e no entanto não dispõe de rádio-operadores em quantidade suficiente para operá-los em todas as contingências.

Durante as operações, foi pedido pelo Cmt. do 9º B.E. o aumento de:-

- 1 cabo rádio-operador.
- 4 soldados rádio-operadores.
- 1 cabo inst. e cons. de linhas.
- 3 soldados inst. e cons. de linhas.
- 1 cabo telefonista de central
- 2 soldados telefonistas de central.

-----§-----

- MATERIAL:-

- de CONSTRUÇÃO DE LINHAS:-

- desenroladeiras RL-126 (carrinho) --- 1
- desenroladeiras RL- 31 ----- 1
- desenroladeiras RL- 27 -----

- jogo de ferramenta TE - 33 ----- 3

de EXPLORAÇÃO TELEFONICA E TELEGRAFICA:-

telefones EE - 8 ----- 5

aparelhos telegraficos TG - 5 ----

quadros comutadores BD - 71 ----- 2

quadros comutadores BD - 72 -----

de R ÁDIO :-

estação rádio SCR - 284 ----- 4

estação rádio SCR - 511 ----- 9

estação rádio SCR - 593 ----- 27

aparelho de sintonia SCR-211 ----- 1

de C.M.:-

aparelho de criptografia M - 209 - 1

MATERIAL DIVERSO:-

detetores de minhas SCR - 625 --- 15

equipamento fotografico PH-383 -- 1

C O N S I D E R A Ç Õ E S:-

É insuficiente a dotação de material de transmissões do B.E.. Não funcionou a rede de Cmd. do B.E. por falta de operadores habilitados(SCR-284) e a do Cmd. da Cia. Eng. porque as SCR-511 não deram resultado e também a falta de rádio operadores.

Assim é preciso aumentar a dotação de:

desenroladeiras RL - 27-A ----- 2

jogos de ferramenta TE- 33 ----- 6

quadros comutadores BD- 71 ----- 1

estações rádio SCR-300 -----

11
- P E S

- P E S S O A L :-

- A) - COMANDO E DESTACAMENTO: DE COMANDO:-

- 1 - 1º Sgt. de Trns..
- 1 - Cabo rádio-operador
- 1 - 3º Sgt. mecânico de rádio.

- B) - EM CADA UMA DAS 3 CIAS. DE EVACUAÇÃO:-

- 1 - 3º Sgt. das Trns. e ligações.
1 - Cabo rádio-operador.

- OBSERVAÇÕES:-

- Não funcionou: a rede de Cmds do B.S.(SCR-284) por falta de operadores e de Cmds da Cia, de Evacuação(ligação com os seus Pelotões) por falta de operadores e das estações SCR-300 que não fôram distribuídas.

— — — : § : — — —

- MATERIAL:-

- de CONSTRUÇÃO:-

- Nenhum -

- de EXPLORAÇÃO TELEFONICA & TELEGRAFICA:-

- Nenhum -

- de R Á D I O:-

- | | |
|-------------------------------|----|
| - estação rádio SCR-234 ----- | 4 |
| - estação rádio SCR-300 ----- | 12 |

12) - COMPANHIA DE MANUTENÇÃO LEVE:-

PESSOAL -

- Sem pessoal especializado em trns..

MATERIAL:-

- Só dispõe de painéis e de lanternas TL - 122..

As necessidades da Cia. de Manutenção fôram sempre atendidos pelo pessoal de trns. do destacamento do Escalão de Retaguarda.(Q.G. Recuado), de acôrdo com as NGA..

13) - DEPOSITO DE PESSOAL DA F.E.B.:-

No deposito de Pessoal da F.E.B. houve um Serviço de Trns. cujo Chefe foi o proprio Cap. Chefe do Serviço de Engenharia do citado Órgão não Divisionario. Apesar de em plena atividade de guerra, com organização e normas calcadas sobre o sistema Norte-Americano, o brasileiro relutava sempre em desapegar-se de sua antiga rotina, não obstante saber que ela é obsoleta e absolutamente sem justificativa. E as transmissões no Deposito ficaram amarradas à Engenharia. A missão das Trns. no Deposito se constituiu em atender às necessidades das comunicações no interior do acampamento de Stafoli e, com uma escola de transmissões bem organizada e bem dirigida, formar novos especialistas para o completamento de claros existentes nas Unidades de linha de frente. O objetivo ia sendo conseguido aos poucos devido às dificuldades de toda ordem. O que mais se conseguiu preparar foram telefonistas de Central e pessoal para C.M..

Já a preparação de rádio-operadores e de mecânicos de rádio foi um problema mais sério, porque a materia prima - o elemento homem - absolutamente não ajudava. De turmas grandes de candidatos, poucos conseguiam progredir satisfatoriamente.

A Escola foi muito bem organizada e teve a assistência do Cap. Norte-Americano do Signal Corps JOHN N. JOHNS.

Na INSPEÇÃO FEITA a 31-3-945, pela Chefia do S. Trns. da Ia. D.I.E. ao S. Trns., em STAFOLI, a impressão foi a melhor possível a respeito do Curso de Trns..

Pelo officio 245)ST de 7-4-45 esta Chefia propoz ao Cmdo a realização de estádios na linha de frente do pessoal do Deposito, os quais não chegaram a realizar-se.

B) - RECRUTAMENTO DO PESSOAL DE TRANSMISSÕES PARA AS
UNIDADES E DEMAIS ELEMENTOS DA F.E.B..

1) - D I F I C U L D A D E S:-

- O que se passou conosco naquela afanosa fase de com-
pletamento de claros, nos efetivos das transmissões, é difi-
cil de explicar em poucas palavras e deve servir de ensina-
mento aos bons brasileiros, em particular para os nossos che-
fes militares que desejam o nosso Exército em condições de
poder, em qualquer oportunidade, servir à sua própria finali-
dade e cumprir a sua sagrada missão.

Ficou provado mais uma vez que não temos reserva de
pessoal especializado em transmissões, em quantidade e quali-
dade que se possa considerar e, sem essa reserva, não podere-
mos ter a desejada confiança no futuro que jamais saberemos
qual seja, de vez que as desmedidas ambições dos povos são
de molde a trazer constantes incertezas aos nossos corações.

Todos sabemos que as transmissões são o sistema nervoso
das operações de comando, são mesmo a tão falada Arma do Co-
mando e que, sem elas, nada poderá ser feito nos campos de ba-
talha. Aliás, no próprio exercício das atividades normais de
um povo, durante o período de paz, elas são imprescindíveis
à administração. E o que vemos e sentimos é que, no mundo
civil, elas, as transmissões, são livres, independentes e,
destarte, se desenvolvem, cada vez mais, alicerçados em for-
tes organizações industriais e comerciais, enquanto que, na
vida militar, elas mal vivem e podem manter-se, em crue-
lante dependência material e moral de tudo e de todos. O consequen-
te ambiente de relativo desânimo por parte dos que nelas tra-
balham, infelizmente tem sido um fato incontestável. E não po-
dia ser de outro modo. Quando um oficial, servindo em uma
Unidade de transmissões, começa a entusiasmar-se pela nova
especialidade, é transferido para uma de Pontoneiros ou de
Sapadores, ou ainda, o que é mais comum, para uma construção de
estradas onde ha uma gratificação pró-labore que, para quem

*da
jij*
vive de vencimentos, ^{sempre} é muito tentadora. Inevitavelmente, ele
pende o estímulo: porque, sendo as transmissões uma atividade
de especialidíssima e difícil, exigem tenacidade nos estudos
e muita paciência na aplicação; porque não ha estabilidade
na função; porque elas não proporcionam lucros materiais i-
mediátos em forma de gratificações; porque são assás ingra-
tos e não se prestam para apresentações teatrais onde haja
oportunidade de, facilmente, despertar a atenção do leigo;
porque não oferecem vantagens de melhoria na carreira; por-
que elas só são pressentidas e sentidas quando falham, pro-
porcionando grandes aborrecimentos e até desgostos aos que
por elas são responsáveis; e, finalmente, porque, infeliz-
mente, alastrou-se no nosso meio a desanimadora fama de que
o oficial de transmissões tem por principal escôpo, junto ao
Comando, explicar e justificar porque as transmissões não fun-
cionam.

O resultado desses fatores que, à primeira vista, parecem insignificantes foi que, para organizar uma Cia. de Transmissões e completar os claros dos efetivos desta especialidade nos Corpos da F.E.B., foi preciso que a Chefia do Serviço de Transmissões, auxiliada pelo Capitão Cmt. da Cia. de Transmissões, pessoalmente, fossem indagar dos amigos e conhecidos, militares e civis, onde podiam encontrar um telefonista, um telefonista, um rádio-operador, um mecânico de telefonia, um mecânico de teletipo, ou um mecânico de rádio, porque o processo da convocação em vigor havia falhado quasi completamente. A dificuldade atingiu o auge nos casos dos rádio-operadores e dos mecânicos, porque aqueles que eram convocados como tal muitas vezes jamais haviam manipulado uma vez sequer. Convocados porque eram empregados braçais em casa de venda de rádio-receptores, quando submetidos aos "testes", naufragavam completamente e tinham de ser substituídos. Ainda às vesperras do embarque do 2º escalão da F.E.B. (aliás o restante da 1a.D.I.E.) o numero de claros de rádio

Dr. M. J.
operadores e de mecânicos de rádio nas Unidades era alarmante, o que obrigou o Major Chefe do S.Trns. a ir, viajando em "Jeep", pessoalmente, a todas as oficinas de rádio e a todas as escolas civis de rádio operadores para , óra pedindo quasi pôr favôr, ora quasi que intimando os patrões, deles conseguir os nomes, as idades e as referências sobre as aptidões tecnicas dos seus empregados. Desse modo, fôram conseguidos alguns elementos, muitos dos quais casados e com a idade além do limite estipulado pela lei para a convocação e se tornou possível o preenchimento de algumas das muitas vagas existentes, depois de ser conseguido pelo Exmº Snr. Gen. Cordeiro de Farias, Cmt. do 2º Escalão da F.E.B. que o Exmº Snr. Ministro Convocasse os especialistas em questão, independente das condições exigidas pela legislação vigente. Apesar de todos os titânicos esforços dispendidos, o restante da Divisão ainda partiu com varios claros de pessoal de transmissões. E mais: nenhum dos outros escalões, partidos posteriormente, levou aiquer um rádio-operador ou um mecânico de rádio em condições, justamente porque não havia sido possível recrutar no deserto. Mesmo os que fôram com o titulo de telefonistas não tinham aptidões e muitos deles, quando falavam, nem ao menos sabiam expressar-se.

2) - A GRANDE COLABORAÇÃO DO BATALHÃO VILAGRAM CABRITA:-

Justo é salientar a contribuição sempre pronta e decidida do então Cmt. do Btl. Vilagram Cabrita, Cel. FERNANDO FERNANDES DO NASCIMENTO TÁVORA, na cessão dos seus elementos para as unidades da F.E.B., o que foi realizado sem preocupação de limites. As dificuldades do Btl., naquele momento eram quasi as mesmas da D.I.E., por isso que a maior parte dos seus especialistas havia sido transferida antes para as outras Cias. de Trns. que ali nasceram e depois se transferiram para o Norte do Paiz. Pelo feito, nós os expedicionarios de Transmissões, deixamos registrado o nosso preito de gratidão ao Cel. TÁVORA, pelo muito que fez em favor da F.E.B. e uma especial homenagem ao BATALHÃO VILAGRAM CABRITA.

3) - NOSSO GRITO DE ALERTA - O PROBLEMA DOS RÁDIO-OPERADORES E DE MECÂNICOS DE RÁDIO

Ha um arraigado costume no nosso meio de considerarmos faceis todos os problemas, encarando os brasileiros como inteligentes e capazes de, em pouco tempo, aprenderem, aprenderem e cumprirem qualquer missão, em melhores condições do que os militares de outras nações. Tal pratica é extremamente perigosa e devemos combatê-la à outrance. Tivemos agora uma pequena prova nesta hontosa e feliz oportunidade em que tomamos parte na grande catastrophe chamada 2a. GUERRA MUNDIAL.

Que nos sirvam os seus ensinamentos, a maior parte dos quais auferidos pelos nossos aliados, para que melhor nos organizemos e, assim, proporcionemos meios e, principalmente, estímulo para que nós e os que vão continuar a obra do fortalecimento do nosso Exercito e do engrandecimento da nossa Pátria, possamos, todos, sanar os nossos inconvenientes e ajustar a nossa maquina militar de modo ainda mais eficiente. Os êrros de agóra poderão ser suicídios no futuro. Vai aqui, portanto, o nosso grito de alérta. Desejamos que as nossas expressões sejam bem interpretadas, não como critica a respeito de pessoas ou fátos, mas tão simplesmente como produto de observações, de anciedades e de sofrimentos que nos prenderam muito a atenção e nos fizéram por vezes déveras apreensivos. Sem desmerecer a atuação do nosso pessoal durante as operações de guerra, no teatro da Italia, a qual foi a melhor que podia ter sido, dentro da realidade das coisas e considerando os fátôres de todas as ordens que influíram nos nossos destinos, nós podemos asseverar, cingindo-nos tão unicamente ao que se refére às transmissões, nas suas diversas modalidades, que fomos muito felizes chegando à Európa quando o nosso inimigo já se achava em baixo, na curva descendente da evolução da guerra. Ele, no teatro de operações da Italia, quasi sem aviação e com os meios de transportes preju-

Adm. M. J. J.
dedicados atrozmente pela ação impiedosa, contínua e eficaz, dos nossos aliados e também nossas, não poudes, no setor da nossa Divisão, tirar proveito das falhas que praticámos técnica e taticamente no emprêgo das transmissões, principalmente no que diz respeito á sua segurança. E essas falhas fôram cometidas não porque fôssemos incapazes, mas sim porque, em geral, os nossos elementos não tinham ainda instrução e treinamento bastantes para que agissemos pelos reflêsos em consequencia de hábitos adquiridos por grande pratica e pela compenetração das necessidades a realizar; por que até o fim da nossa atuação na guerra, não obstante terem sido envidados todos os esforços, não conseguimos completar os claros de especialistas de transmissões em todas as Unidades, como por exemplo na Cia. de Trns. onde o grupo Rádio trabalhou com quasi 50% de claros.

Não chegamos a experimentar e a viver todos os aspêctos da guerra, porquanto o capricho do destino nos encaminhou somente para casos particulares, fóra das normas gerais de ação de uma grante Unidade, e isso independente da vontade de ação dos nossos Comandos. Todavía, as diferentes situações porque passámos, julgamos terem sido bastantes a nos darem autoridade para falarmos neste relatorio com sinceridade sobre o assunto, apontando os senões e sugerindo medidas com a intenção de colaborar para o melhor equilibrio do nosso sistema. Nas transmissões todos são especialistas; o proprio mensageiro que na sua aparente simplicidade tanto valôr encerra, é um elemento precioso que precisa reunir em si uma apreciavel soma de qualidades fisicas, morais e intellectuais. Ele não pôde ser qualquer soldado bizonho, pegado de qualquer jeito; deve ter a intelligencia vivaz, de módo a poder, em curto prazo, desenvolvê-la bastante e ser devidamente instruido.

Relêva também notar a necessidade imperiosa de uma formação perfeita de rádio-operadores, o que não pôde ser conseguido rápidamente. É preciso que no Exercito Brasileiro

SD. *ho*
e mesmo em todo o Brasil, seja este assunto encarado com mais realismo; é inestimável o valor de um bom rádio-operador e o seu preparo deve ser feito na paz. E na Guerra moderna ha necessidade de um elevado numero deles. Não devemos ser descuidados, precavemo-nos, estimulemos o pessoal que exerce tal atividade, proporcionemo-lhes maiores vantagens pecuniarias e aumentemos o seu numero o mais possivel. Assim procedendo, estamos preparando o nosso dia de amanhã e não nos acontecerá mais o que sucedeu na preparação do pessoal para a F.E.B., quando houve ~~uma~~ dificuldade enorme para se os conseguir, por isso que os poucos existentes não podiam ser retirados de onde se encontravam para não haver prejuizo das atividades naqueles setores. O trabalho do rádio-operador não demonstra a outrem o quão rude é na realidade; monótono, exigindo do homem uma permanência devéras longa, tantas vezes sem horario, sentado em uma cadeira, e com a maior atenção voltada para os sinais do alto-falante ou dos fones, vai e-le desgastando rapidamente o homem. Não são poucos os casos de tuberculose e de neurastenia entre os rádio-operadores.

Para se ser bom rádio-pperador não basta querer, é preciso ter vocação, inclinação natural; de modo que si não houver qualquer relativa vantagem para o exercicio dessa função, muito poucos a ela se candidatam e quem perde é a coletividade, seja ela uma organização militar, seja ela a comunidade civil. Não se póde escalar qualquer um para ser rádio-operador, e dentre muitos candidatos às vezes somente se aproveita um.

Na F.E.B. tivemos a prova de como as rêdes divisionarias de rádio são bastantes complexas; devido a não dispormos de uma quantidade suficiente de bons rádio-operadores houve necessidade do proprio oficial rádio da Divisão ir para o manipulador. E houve casos, como no 9º B.E. e no B.S., em que as rêdes radio deixaram de funcionar por falta de rádio-operadores em condições. Quando se precisa dessas rêdes de modo absoluto, nota-se o quanto devem ser "competentes" os

seus exploradores, pois não basta manipular e receber os sinais; ha outras condições precípuas, de capital importancia, a serem atendidas, sobresaindo-se dentre elas a compreensão e a compenetração do seu papel. Integridade de caráter, iniciativa à serviço de inteligencia bem flexivel, desembaraço, educação civil e militar são outros tantos fatores que completam o conjunto de qualidades do bom rádio-operador para a campanha.

Tudo exposto, é evidente que o processo de recrutamento de pessoal de transmissões, durante o tempo de paz, no nosso meio, precisa ser aperfeiçoado. Os homens devem ser previamente escolhidos por meio de testes.

Ass. Mather
A. M. J.

Ar. mat.
py.
II - A INSTRUÇÃO DE TRANSMISSÕES DO PESSOAL DA FEB, NO BRASIL, ATÉ O EMBARQUE DO 1º ESCALÃO.

A instrução da tropa, iniciada em outubro, simultaneamente com a própria organização das Unidades, foi muitíssimo prejudicada pelas medidas de repletamento, inspecção de saúde e adaptação ao novo tipo de preparação, providências essas que assoberbavam sobremaneira todos os oficiais e praças. Agravava o mal o armamento e o material Norte-americanos, que deveríamos usar, não terem logo sido distribuídos em quantidade suficiente, tornando precária a situação. Teve a instrução de ser reajustada pela DIRETIVA GERAL de 27-XII-43 que fixou em 10-I-44 o início do seu 1º período, ^{sem que fosse atingido} indo até 1-VI-44, prazo este que expirou, completamente, o objetivo colimado, isto é, nivelar a instrução e homogeneizar a situação de todos os elementos, devido a fatores que independeram da vontade dos Comandos e das Chefias.

Com a criação do Centro de Instrução Especializado (C.I.E.), sob a direção do Exmº Snr. Gen. de Bda. GUSTAVO CORDEIRO DE FARIA, foi estabelecido que todo o pessoal de Trns. da D.I.E. fosse nelo matriculado no Curso de Trns., onde os instrutores seriam os da Escola de Transmissões, sob o Comando e direção do então Ten.Cel. Benjamim Rodrigues Galhardo, tendo como instrutor Chefe do Curso o próprio Chefe do S.Trns. da 1ª.D.I.E., major ARNALDO AUGUSTO DA MATTA. Foi titânico o esforço dispendido pelo Exmº Snr. Gen. GUSTAVO CORDEIRO DE FARIAS, pelo Cel. Galhardo e por todos os demais instrutores que os auxiliaram na ingente tarefa. Todos os oficiais que deveriam exercer atividades de Transmissões na D.I.E. tiveram o curso que foi, tanto quanto possível, normal. O mesmo, porém, não pôde acontecer com as praças que tiveram o seu período de instrução muito prejudicado pelos motivos já expostos. Neste particular cumpre salientar a flutuação dos efetivos do pessoal de transmissões naquela época de crise. Muitos elementos foram convocados e depois ~~de~~

Adm. inf.
matriculados nos cursos de trns. fôram considerados , fisicamente incapazes. Outros faltavam às instruções no C.I.E. porque eram solicitados pelos seus Cmts. para fins administrativos. Outros faltavam a instrução, de caso pensado, aproveitando-se da situação.

Dentro das Unidades, a instrução acabou, ficando a cargo dos proprios oficiais de comunicações dada a impraticabilidade de se continuar de outro modo.

A ação fiscalizadora do Comando da Divisão à instrução de transmissões foi exercida atravez do seu oficial de transmissões.(Cmt. das Trns. da Div.).

O pessoal de trans. da F.E.B. tem prazer em registrar neste relatorio uma especial homenagem aos nomes do Exmº Snr. Gen. Bda. GUSTAVO CORDEIRO DE FARIAS e do Ten. Cel. BENJAMIM RODRIGUES GALHARDO, iniciadores da nova era das Trns. no nosso EXERCITO, que muito fizéram em beneficio das trns. da la. D.I.E..

A DIRETIVA de 24-IV-44 determinou o inicio da instrução de embarque e desembarque, interrompendo assim o desenvolvimento da instrução de transmissões.

- PARADA E DESFILE DA la. D.I.E.:-

A 24-V-44, todos os elementos de Transmissões da D.I.E. tomaram parte no grande desfile na Av. Rio Branco, em continencia ao Exmº Snr. PRESIDENTE DA REPÚBLICA.

-

III - EMBARQUE DO DESTACAMENTO DE TRANSMISSÕES
DO ESCALÃO AVANÇADO DA D.I.E.

A operação de embarque deveria ser feita debaixo de segredo e assim a DIRETIVA DE INSTRUÇÃO de 31-V-44 do Comando da D.I.E. estabeleceu o 2º período de instrução a ser iniciado a 5-VI, não estipulando a sua duração total, mas estabelecendo que a sua 1ª. fase seria de 5-VI a 8-VII (cinco semanas).

Pelo Comando foi determinada a constituição de GRUAMENTOS TÁTICOS, com o fim aparente de flexionar a Divisão para os exercícios de marchas e estacionamentos, bem como de realizar, em seu interior, exercícios táticos elementares. Foram organizados 3 grupamentos, e o segundo deles foi o que se constituiu o ESCALÃO AVANÇADO DA 1ª. D.I.E. pouco tempo depois. O anexo nº 1 da DIRETIVA deu a constituição dos GRUAMENTOS e organizou os elementos de transmissões de modo completamente diferente das Normas Gerais de Ação, tornando-os deficientes para a finalidade tática como ficou depois provado, já no teatro de operações na Italia, onde foi necessário aumentar o seu efetivo com pessoal de tropa do 6º R.I., completamente desconhecido em transmissões, ainda a ser devidamente instruído nos estacionamentos. Isso deu lugar a grandes aborrecimentos e preocupação naquela ocasião, ao comando da Divisão e ao seu E.M. e mais ainda, ao oficial Cmt. do Destacamento de Transmissões.

De acordo com a ordem provida de instancia superior o Destacamento foi organizado somente com "a metade da Seção de Exploração" sem nele ter sido incluído um elemento sequer de construção, nem de administração. O S.Tns. ponderou, prontamente e por escrito, mas lhe foram dadas as explicações que aquele Destacamento tinha sido organizado em virtude das instruções dadas pelos proprios Norte-Americanos e que era somente para efeito de transporte (embarque). Posteriormente, surgiram os embaraços, e as dores de cabeça foram grandes.

Do referido Destacamento que foi comandado pelo então 1º Ten. HERVE BERLANDEZ PEDROZA, o qual se desobrigou do melhor modo possível, durante o tempo em que esteve só no T.O. da Italia, nenhum elemento do S.Trns. fez parte.

As DIRETIVAS PARTICULARES de 26 e 27 de junho de 1944 determinaram a realização das Manobras já previstas na DIRETIVA GERAL de 31-V-44 e os 1º e 3º GRUPAMENTOS deslocaram-se para as suas respectivas zonas a partir da noite 29/30 junho.

- EMBARQUE DO DESTACAMENTO -

Com o 2º GRUPAMENTO TÁTICO iniciou ele, constituindo o ESCALÃO AVANÇADO da 1a.D.I.E., na noite de 28/29 junho, no Cais do Porto do Rio de Janeiro, o seu embarque que terminou na noite de 30/1º julho, pelo transporte de guerra Norte-americano GENERAL MANN que partiu na manhã de 2-VII-44, chegando a Napoles (ITALIA) a 16-VII-44, onde se realizou, no mesmo dia o desembarque. Desse ESCALÃO AVANÇADO da 1a.D.I.E. não fez parte elemento algum do S.Trns..

Ad. Mateus
py.
IV - CONTINUAÇÃO DA INSTRUÇÃO NO BRASIL

Ficou no Cmda. dos elementos da Div. no Brasil o Exmo
Snr. Gen. CORDEIRO DE FARIAS.

A DIRETIVA de 31-V-44 continuou a vigorar e a de 8-VII-44 estabeleceu a 2a. fase com a duração de 9 semanas, a começar a 12-VII-44.

Continuavam os Corpos com a sua situação anormal, ainda como consequencia do repletamento em andamento, e a instrução sempre a ser prejudicada.

O C.I.E. e a Escola de Trns., continuaram a lutar contra todos os obices conseguindo bons resultados na instrução técnica do pessoal.

A DIRETIVA PARTICULAR de 1-VIII-44 rearticulou os grupamentos e de 22-VIII a 10-IX as instruções de marcha, de estacionamentos e de embarque foram intensificadas,

V - EMBARQUE DO GROSSO DO PESSOAL DE TRANSMISSÕES NO
2º ESCALÃO

Com os diversos elementos do grosso da Divisão, constitutivos do 2º ESCALÃO DA D.I.E., embarcaram, nos dias 18, 19 e 20 de Setembro, os restantes elementos de transmissões, inclusive os do S.Trns., nos transportes Norte-americanos GENERAL MANN e GENERAL MEIGS, os quais partiram do Rio de Janeiro a 22-IX-, chegando a Napoles a 6-X.

Em Napoles foi feito no mesmo dia, o transbordo para embarcações L.C. I. (^{CRAFT} LANDING COMMAND INFANTRY), desembarcando-se em LIVORNO (Italia) nos dias 11 e 12 de outubro 1944.

Ad. hon. 4
ij.

2ª PARTE

Fl. 54

INSTRUÇÃO DO PESSOAL DE TRANSMISSÕES NO TEATRO DE OPERAÇÕES
(ITALIA)

A- INSTRUÇÃO DO PESSOAL DO ESCALÃO AVANÇADO.

1 - NO ESTACIONAMENTO DE BAGNOLI

a - INSTRUÇÃO PRELIMINAR

A DIRETIVA PARTICULAR nº 1 de 22/VII/44 do Comando da Divisão determinou o ajustamento dos efetivos das Unidades, sendo a Instrução Preliminar prescrita pela DIRETIVA GERAL nº 3 de 23 do mesmo mês. Como o material não havia ainda sido distribuído, os trabalhos se limitavam a exercícios de educação física, instrução geral, treinamento de marchas, etc.

b- RELAÇÃO COM OS NORTE AMERICANOS

Como oficial de ligação e como orientador da instrução sobre o material de transmissões, o seu funcionamento e o seu emprego, ficou à disposição do ESCALÃO AVANÇADO, o Cap. JOHN N. JOHNS, do SIGNAL CORPS.

As relações com os norte-americanos foram as mais amistosas e delas foram auferidos reais benefícios para as atividades da tropa brasileira.

2 - NO ESTACIONAMENTO DE TARQUINIA

a) ORGANIZAÇÃO DO ESTACIONAMENTO

Na manhã de 1/VIII/44, o pessoal iniciou o seu deslocamento de Bagnoli, chegando a Tarquinia na noite de 1/2 agosto e a 3 a nova ORDEM DE ESTACIONAMENTO estava cumprida.

O Depósito de material de transmissões da P.B.S. , achava-se, então, em CIVITAVECHIA. O do Vº EXERCITO EM CECINA.

b) ARTICULAÇÃO GERAL DO ESCALÃO AVANÇADO

A Diretiva de Conjunto do Comando de 8/VIII/44 estabeleceu a nova organização do Escalão, do seguinte modo:

GRUPAMENTO TÁTICO

TROPA ESPECIAL

QUARTEL GENERAL DO ESCALÃO AVANÇADO

O Destacamento de Transmissões ficou pertencendo ao Grupamento Tático. O 1º Ten. HERVÊ PEDROSA, Cmt. do Destacamento, exerceu, acumulativamente, as funções de Chefe do S. Transmissões no Q.G. do Escalão Avançado.

continua...

c) INSTRUÇÃO DA TROPA

Não tendo sido ainda, naquela altura, feita a distribuição de armamento e de todo o material de transmissões, a instrução continuou a ser ministrada do mesmo modo por que vinha sendo feita em Bagnoli, aumentada da instrução técnica individual.

d) VISITA DO COMANDO NORTE-AMERICANO

Foi feita uma, pelos Chefes de Secções do E.M. e pelo Chefe do S. Trns. do Vº Exército, o então Exmo. Sr. Gen. Bgda. MORAN, o qual percorreu o estacionamento do Destacamento de Transmissões e tomou conhecimento do que se passava, digo, processava.

3 - NO ESTACIONAMENTO DE VADA.

a) ORGANIZAÇÃO DO ESTACIONAMENTO

Início do deslocamento de Tarquinia para Vada: a 18/VIII/44.
ORDEM DE ESTACIONAMENTO cumprida a 20/VIII/
Depósito da P.B.S. em Cécina.

b) INSPEÇÃO DO Vº EXÉRCITO

Foi feita a inspeção da instrução de transmissões pelo Exmo. Sr. Gen. MORAN, Chefe do S. Trns do Vº Exército.
A 25/VIII/44 o Exmo. Sr. Gen. CLARK passou em revista a tropa brasileira, nela integrado o pessoal de trns.

c) PERÍODO FINAL DE INSTRUÇÃO.

Estabelecido pela DIRETIVA GERAL nº 5 de 21/VIII/44, foi iniciado a 22 do mesmo mês, com a duração de 2 semanas, prazo este depois aumentado de mais uma semana.
Os exercícios de Cia., Btl., Grupos, etc... se realizaram em períodos, satisfatoriamente, tendo o pessoal de transmissões das unidades e do Destacamento se desobrigado bem das missões atribuídas.

d) EXERCÍCIO DE CONJUNTO

O exercício de conjunto montado para o GRUPAMENTO TÁTICO teve lugar durante as jornadas de 10 e 11 de Setembro como coroa-mento de instrução. A crítica foi feita pelos dois Comandos: o Brasileiro e o Norte-Americano. As transmissões se saíram bem.

e) ESCOLA DE MOTORISTAS

Sendo a Cia. de Trns. toda motorizada, o problema de direcção de viaturas era um caso importante que não podia ser relegado a 2º plano. E assim, no dia 26/VIII/44, começou a funcionar uma ESCOLA DE MOTORISTA, de acordo com a DIRETIVA PARTICULAR, nº 5, de 25/VIII/ do Comando.
Os resultados foram satisfatórios.

f) ESTÁGIOS NA LINHA DE FRENTE

Fôram regulados pela DIRETIVA nº 6 do Comando. Nas transmissões fixáram-nos o asp. a of. HELIO PINTO e o 3º Sgt. RAYMUNDO, na 85ª D.I. (USA), ao Sul do rio ARNO.

B- INSTRUÇÃO DO "2º" ESCALÃO DA D.I.E.

1 - ORGANIZAÇÃO GERAL DA INSTRUÇÃO.

Foi dada inicialmente pela DIRETIVA GERAL nº 7 de 11/X/ para as tropas do 2º Escalão estacionadas em PISA, com a duração de 15 dias para o PERÍODO DE INSTRUÇÃO, a começar, em data a ser posteriormente fixado, dependendo da distribuição do material. O Depósito de Material de Trns. da P.B.S. (Peninsular Base Section) que deveria suprir as necessidades da 1ª D.I.E. se achava em LIVORNO. Era o S-6- N-17

2 - INSTRUÇÃO PRELIMINAR

Não tendo sido distribuído todo o material de transmissões devido, até 23/X/, foi dada á tropa uma instrução preliminar sobre a parte técnica, tiro, minas, motoristas, marchas, etc... aproveitando-se o reduzido material disponível.

3 - ESTÁGIOS

Os oficiais de trns. da Cia. de Trns. e os de Comunicação das Unidades fôram mandados ás linhas de frente fazer estágios de observações sobre o modo por que eram instaladas e exploradas as trns. em cada caso.

4 - CURSO PARA OFICIAIS E PRAÇAS

Funcionaram cursos não só sobre o material de trns, sua instalação e emprêgo, como também de minas, que fôram tirados pelos elementos de trns. Referidos cursos tiveram a supervisão de oficiais e praças norte-americanos do Vº Exército.

5 - DESENVOLVIMENTO GERAL DA INSTRUÇÃO

"Em virtude da necessidade de maiores efetivos em linha, no teatro de operações da ITALIA, o período de Instrução previsto não poudo ter o desenvolvimento regular desejado.

"Os 1º e 11º R.I. estacionaram na zona determinada para o treinamento (região de LE CORTI - VECCHIANO), de onde, depois de alguns exercicios, se deslocaram para a zona de combate. A Cia. de Trns., menos o Dest. Trns do 1º Escalão, se deslocou do estacionamento de PISA, diretamente para a zona de Combate, no dia 4/XI/44, para PORRETA TERME.

Procurou-se, o mais possivel, dentro de cada Unidade, sob a orientação do S. Trns. e aproveitando-se a ajuda de oficiais e praças norte-americanos, instruir o pessoal de transmissões principalmente nos seguintes pontos:

continua

Ad. Mij.
RADIO= prática de códigos, normas especiais de exploração para o T.O. de Italia, inclusive em fonia, uso do conversor M-209, uso das cadernetas de mensagens M-210, prática contínua de exploração de rédes de campanha, trabalhando com os C.M., uso das I E T.

CONSTRUÇÃO DE LINHAS= emendas ~~de pos e~~ de cabos de campanha, nós de amarração, etiquetagens, subidas em postes, instalação da desenroladeira RL-26 nas viaturas de 3/4 ton, uso das RL-26, RL-27 e RL-31, métodos de lançamentos do cabo nas construções de linhas rastejantes e suspensas (passagem de pontos críticos), uso do cabo de 5 pares C-345, em conjunção com as régua terminal (TM-184), uso do telefone EE-8, do repetidor EE-89, do quadro BD-71 e 72 do teste EE-65...

TELEFONIA E TELEGRAFIA

Etiquetagem de linhas e emendas , subidas em postes, cuidado, manutenção e operação da TC- 4 e dos quadros BD-71 e BD-72, uso e emendas do cabo de 5 pares (C-345), uso da régua terminal (TM-184), uso dos circuitos apropriados (simplex e fantasmas), instalação do teletipo, sua operação e manutenção.

CENTRO DE MENSAGENS

Uso do conversor M- 209, normas de CM, prática de operações de campanha com o rádio, improvisação do equipamento necessário ao CM., uso das cadernetas M-210.

PRÁTICA DE DIREÇÃO DE VIATURAS E MANUTENÇÃO DE 1º ESCALÃO

C - INSTRUÇÃO DA D.I.E. DURANTE AS OPERAÇÕES

1 - Durante o período da Defensiva e da Estabilização.

a) CONDUTA NO COMBATE

" A DIRETIVA GERAL nº 8 de 9/XI, do Comando, chamou a atenção da tropa para uma série de aspectos da conduta no combate (Patrulhas, objetivos conquistados, ligação Infantaria-Artilharia).

" A DIRETIVA GERAL nº 9, de 11/XII/44 estabeleceu a defesa anti-aérea. O sistema de transmissões, já montado, foi devidamente reajustado para tal mistér. A instalação de sirene de alarme foi feita para o Cmt. do Q.G. Avançado numa viatura. Houve tentativa de aproveitamento de uma grande sirene existente na própria cidade de PORRETA-TERME, instalada na torre de um edificio, e que servira aos alemães quando ali se encontravam. Todavia, devido a falta de energia elétrica suficiente, de vez que o inimigo havia destruido as represas hidro-elétricas, não foi possível realizar o intento.

Continua

b) TROPAS EM RESERVAS

O Comando baixou as DIRETIVAS PARTICULARES nºs 18 e 20, de 23/XII/44 e 9/I/45, recomendando que as tropas, quando em reserva, deviam ser instruídas, e, assim, o S. Trns. baixou instruções no sentido de que o pessoal de trns. fosse instruído, dentro da Unidade, pelo seu próprio oficial de comunicação.

c) CURSOS

O Vº Exército manteve sempre em CASERTA cursos regulares para preparação e aperfeiçoamento de especialistas de transmissões. Um dos requisitos exigidos para a matrícula era falar e entender a língua inglesa, e isso se constituía grande obstáculo para nós que não dispunhamos de elementos que atendessem à essa exigência. Mesmo assim, em fevereiro de 1945, foram matriculados alguns oficiais e alguns praças nos cursos de rádio e de manutenção de rádio. Não foi possível maior número de matriculados, digo matrículas, porque os Cmts. de Unidades não concordaram em que fossem desfalcados os seus efetivos de pessoal de trns. devido às necessidades imperiosas dos trabalhos em curso.

d) A INSTRUÇÃO TENDO EM VISTA ~~HA~~ A OFENSIVA

Pela DIRETIVA GERAL nº 11 de 1/II/45 foi prescrito pelo Comando para todos, um período intenso de instrução, tendo em vista as futuras e, então, próximas operações ofensivas, visando "o aperfeiçoamento da capacidade de Comando em todos os escalões, o aumento da capacidade combativa dos executantes e o desenvolvimento do moral da tropa."

Foi cumprida por todas as Unidades a DIRETIVA de instrução para o pessoal de trns., obtendo-se um resultado muito satisfatório; em PORRETA TERME, o próprio oficial de Trns. do Vº Exército teve oportunidade de fazer referências elogiosas ao estágio de instrução da Divisão.

2 - DEPOIS DO INÍCIO DO PERÍODO DA OFENSIVA

A DIRETIVA GERAL nº 13 de 23/III/45 do Comando fez vêr a necessidade de se desenvolver a resistência física da tropa e robustecer a sua instrução referente às ações ofensivas.

Na tropa de Trns. foram realizados exercícios de marcha, instrução de tiro, etc...

3ª PARTE

AS TRANSMISSÕES NA CAMPANHA DA ITALIA (1944 - 1945)

1º PERÍODO

I - OPERAÇÕES DO DESTACAMENTO DE TRANSMISSÕES NO ESCALÃO AVANÇADO DA F.E.B.. (de 8/IX/ a 1/XI/44)

" O Comando do Vº EXERCITO, nos primeiros dias de Setembro, decidiu empregar o Escalão Avançado da F.E.B., nas operações então em curso, ao N. do Rio ARNO, incorporando-o ao IVº CORPO DE EXERCITO. Em consequencia, foi baixada pelo Comando da D.I.E. a DIRETIVA GERAL nº 6 de 11-9-44 dando a organização do DESTACAMENTO, sob o Comando do Exmo. Sr. Gen Bgda. EUCLIDES ZENOBIO DA COSTA, determinando que esse elemento ficasse diretamente subordinado ao Comando do IVº CORPO. "O Exmo. Sr. Gen. Cmt. da D.I.E., juntamente com o Escalão Avançado do Q.º G. eo Depósito de Pessoal, permaneceu em VADA, transportando-se, posteriormente, para PISA. - Às 18,00 horas de 11-9, o então Destacamento da F.E.B. passou a receber ordens do seu Cmt., iniciando o seu deslocamento, na jornada de 13, para a zona de combate. A 15 de setembro de 1944, ele entrou em linha, substituindo tropas americanas, passando a ficar em Contato com o inimigo.

a) TROPA E DEMAIS ELEMENTOS DE TRANSMISSÕES

A única tropa de transmissões era o Destacamento de Transmissões do Escalão Avançado, constituído de 3 oficiais e 60 praças, comandado pelo então 1º Ten. HERVÊ BERLANEZ PEDROZA.

— x —

QUANTIDADE DE CABO DE CAMPANHA DISTRIBUIDA Á TODAS AS UNIDADES DA 1ª. D.I.E., pelo Deposito de Material de Transmissão. At-e' o dia 8 de Setembro de 1944:

Cabo pesado W-110

1761 bobinas DR-4, ou sejam = 1.391.190ms
389 bobinas DR-5, ou sejam = 622.400ms

Cabo leve W-130

240 bobinas DR-8, ou sejam = 96.000ms
41 bobinas DR-4, ou sejam = 131.200ms

Cabo multipar (5 pares): CC- 345

5 bobinas DR-5, ou sejam = 2.000 ms. aproximadamente.

Do dia 8 - 9 até o dia 1-XI-44, isto é, durante o 1º período (operações do Dest. de Trns. do Escalão Avançado foi distribuída a seguinte quantidade de cabo de campanha:

W - 110 B=

36 bobinas DR-4, ou sejam 28.440 ms.
47 bobinas DR-5, ou sejam 75.200 ms.

Cabo Leve W - 130=

58 bobinas DR-4, ou sejam 185.600ms.

2º PERÍODO

I - DEFENSIVA NO VALE DO SERCHIO (de 1-11 a 4/XI)

Continua

sd. h. m. j.

A situação da tropa brasileira na Italia, no 31/X/44 era a seguinte: " O DESTACAMENTO DA F.E.B., sob o Cmdo do Exmo. Sr. Gen. Bgda. ZENOBIO DA COSTA operava no Vale do SERCHIO e o 2º ESCALÃO DA 1a. D.I.E., sob o Cmdo do Exmo. Sr. Gen. Bgda. CORDEIRO DE FARIAS, estava concentrado no estacionamento de SAN ROSSORE, em PISA". No dia 1-XI-44, o Exmo. Sr. Gen. Div. JOÃO BAPTISTA MASCARENHAS DE MORAES assumiu às 00,00 horas, o Comando da totalidade dos meios da 1a. D.I.E., instalando o seu Q.G. avançado em PONTE A MORIANO; em consequência, o Exmo. Sr. Gen. ZENOBIO deixou o Cmdo do Dest. da F.E.B. e assumiu as suas funções de Cmt. da IDE/1; o Exmo. Sr. Gen. CORDEIRO assumiu o Comando da ADE/1, ficando extinto o 2º Escalão da F.E.B.

Naquela ocasião, o S.Trns. passou á subordinação do Exmo. Sr. Gen. Cmt. da 1a. D.I.E. e a sua organização era a seguinte:

Chefia:- Major ARNALDO AUGUSTO DA MATTA

Of. Supr. Mat. Trns. = 1º Ten. AFRANIO VIÇOSO JARDIM

Aprovisionamento = Sub-Ten. CARLOS PEREIRA

Auxiliares = 4 praças

TROPA DE TRANSMISSÕES

A tropa de Transmissões era a seguinte:

a) á disposição do Destacamento da F.E.B., em operação no vale do SERCHIO - 3 Oficiais e 75 praças

b) em preparativos recebimento de material etc., no estacionamento de SAN ROSSORE, em PISA.

A 1ª Cia Trns. (menos o Dest. Trns. do 1º Escalão), sob o Comando do Cap. MARIO DA SILVA MIRANDA.

A missão do Destacamento da F.E.B., em operação, passou a ser: "Na linha SOMMOCOLANDIA - ALBIANO SAN PIETRO- GALICANO - M. PAETO - COLOMINI, impedir a progressão do inimigo de S. de LAMA, S. QUIRICO e sobre a região W. do SERCHIO. Barrar a penetração inimiga para L., cobrindo este flanco em SOMMOCOLANDIA E BARGA e a W. nas regiões de COLOMINI E TRASSILICO. Reconhecer, ativamente, as posições inimigas de LAMA, S. QUIRICO, FLATORE, MONTE ALTISSIMO e BRUCCIANO. Barrar a progressão inimiga entre o SERCHIO E o TOGLEORA"

Foi expedida, então, a O.G.O. nº 1 de 1-XI-44 a que acompanhou, em anexo, a ORDEM DE TRANSMISSÃO Nº 1 de mesma data (Ver em anexo).

Continua.

Ad. L. H. 11/11

Apoiando a ação do 6º R.I., no Destacamento e à sua disposição, achavam-se as seguintes tropas norte-americanas.

Cia. "C" do 701 TD (USA)

Cia. "C" do 751 TD (USA)

I/370 e III/370 RI (USA)

A pesar das N.G.A. determinaram que a Unidade que apóia estabelecê e instala os sistemas de transmissões necessários às operações telefônicas, foram feitos pelo pessoal brasileiro, para os TD e TM.

O 2º Pel. / 1º Esq. Reconhecimento no Escalão Avançado:

Foi empregado como infantaria, durante todo o tempo de operações do Escalão Avançado da 1a. D.I.E.

A 1a/9ª BE teve sempre os seus, digo, suas ligações telefônicas feitas pelo pessoal do Dest. Trns.

- A Central Telefônica, com o indicativo de "LUTA", explorada pelo pessoal brasileiro e o C.M. se achavam instalado no torreação do edificio onde estava funcionando o Q.G. Avançado do Escalão Avançado da F.E.B., em PONTE A MORIANO.

- A Central "LUGAR" foi instalada no mesmo edificio e foi explorada pelos norte-americanos.

II - ROCADA PARA O VALE DO RENO

Às 12,00 horas de 4/XI/44, o Exmo. Sr. Cmt. da 1a. D.I.E. passou o Comando do Setor ao Cmt. da 92ª D.I.(USA), sendo iniciado, na mesma data, o deslocamento do Q.G. brasileiro para PORRETA TERME.

A 1a D.I.E., no Vale do Reno, substituiu as tropas do C.C.B. (1a. Div. Bld. U.S.A.) então utilizada como infantaria.

O Exmo. Sr. Gen. Cmt. da 1a. D.I.E. deslocou-se para PORRETA TERME no dia 5/XI/, onde, no seu novo Q.G. Avançado, acompanhou a chegada e a progressiva entrada em linha das suas Unidades. Nessa mesma data deslocou-se, de PONTE A MORIANO para PORRETA TERME, o Chefe do S. Trns. com o seu pessoal, e de acordo com a ordem preparatória, dada por este, deslocou-se de PISA para PORRETA TERME o grosso da Cia. de Trns. sob o comando do Cap. MARIO DA SILVA MIRANDA. De acordo com a ordem ~~(verbal)~~ verbal dada pelo Chefe do S. Trns, e ainda no mesma data, foi iniciada a substituição do pessoal de transmissões norte-americano pelo pessoal brasileiro.

A Central telefônica norte-americana que servia á C.C.B. e estava instalada no 1º andar na casa nº 11 da Via MAZZINI, passou a ser explorada pelo pessoal de transmissão do Destacamento 2688 (U.S.A.) á disposição da 1a. D.I.E., com o indicativo "LUGAR". Do mesmo modo, o Centro de

o Centro de Mensagens. A Central Telefônica brasileira (uma TC 4) foi instalada mesmo, digo, numa das dependências do 2º andar do mesmo edifício; nesse mesmo andar foi instalado o S.Trns. O edifício em questão distava cerca de 30 metros do edifício onde se achavam o Cmt. da 1a. D.I.E. e o seu Estado Maior Geral. A cia. de trns. acantonou, ocupando o único prédio de 4 andares desocupado, existente em PORRETA, bem junto á PONTE do rio RENO. Depois teve que deixá-lo por causa dos terríveis bombardeios da artilharia inimiga, passando para outro também em PORRETA. O pessoal do Grupo T e T que explorava a Central "LUTA" ficou alojado num quarto vizinho ao em que se achava a própria Central, para maior facilidade de serviço. No dia 9/XI/44 o Exmo. Sr. Gen. Cmt. da 1a. D.I.E. assumiu o Cmdo. do Setor RIOLA-MARANO compreendendo a FORÇA GARDNER(U.S.A) e o 6º RI. Em reserva da D.I.E., naquela ocasião ficou o 1/6º RI, em C.DI CRISTO e VAIARANA.

AS TRANSMISSÕES DURANTE O 2º PERÍODO (de 1-XI a 4-XII-44)

MEIOS UTILIZADOS: mensageiros, a pé e motorizados, intensivamente; telefonia (com fio), intensivamente.

MODO POR QUE FÓRAM EMPREGADOS OS MEIOS

Pelos especialistas (pessoal de transmissão ou de comunicação):

deficientemente, devido a falta de instrução e portanto de refléxos por parte do pessoal especializado; pessoal de construção de linhas ainda em desenvolvimento;

PELOS que utilizaram os meios (pessoal do Comando e da tropa- Oficiais e praças);

impropriamente, devido a falta de paciência e muitas vezes de urbanidade para com os telefonistas de central os quais, já não sendo muito habilitados, ficavam completamente desorientados com as descomposturas que recebiam e atrapalhavam-se no serviço, causando demoras nas ligações, etc.; devido á falta de rigoroso cumprimento das IET(Instruções para o emprêgo das Transmissões), principalmente nas questões de régras de exploração e nas de criptografia (cifras e códigos), comprometendo a segurança das transmissões; sobrecarga dos circuitos telefônicos devido a conversações muito demoradas e a tráfego de relatórios; falta

de compreensão do Centro de Mensagens e da sua finalidade por parte da oficialidade; sobrecarga do seu uso.

DIFICULDADES - Circuitos telefônicos muito longos, além de 30 Kms., com o uso do cabo W-110, criaram certos problemas que só puderam ser resolvidos em parte, por não dispôr a Divisão de outra qualidade de cabo de campanha. Fôram usados os repectivos EE-89, as bobinas de carga C-114. Não fôram feitas apropriações de circuito, nem foi utilizado o telégrafo TG-5A.

QUANTIDADE DE CABO DE CAMPANHA DISTRIBUIDA PELO DEPOSITO, de 1/XI/44 a 4/XII/44:

DEFENSICA NO VALE DO SERCHIO:

Cabo W- 110 B

668 bobinas DR-4, ou 527.720 ms.

47 bobinas DR-5, ou 75.200 ms.

Cabo W- 130

98 DR-4 ou sejam 313.600 ms.

505 DR-8 ou sejam 202.000 ms.

3º PERÍODO (11/XI/44 a 16/II/45)

DEFENSIVA NO VALE DO RENO

I - 1ª Fase

Defensiva ~~agressiva~~

(de 11/XI/44 até 21/XII/44)

A 11/XI/44 o setor da 1a. D.I.E. que éra de RIOLA-MARANO foi ampliado e o Exmo. Sr. Gen. Cmt. da 1a. D.I.E. assumiu o Comando das tropas norte-americanas que guarneciam as regiões de BOMBIANA, NW e W de SILLA e W. de PORRETA TERME.

Naquela oportunidade o Exmo. Sr. Gen. MASCARENHAS DE MORAES tinha sob o seu Comando imediato nas operações da linha de frente:

6º R.I.

2º Pel. /1º Esq. Rec.

IIº G.O.

9º B.E.

1a. Cia. Trns.

II/370 R.I. (USA)

13 Btl. Danks D. (USA)

Cia. D./81 Rec. (USA)

751 Tank M. (menos Cia C e um pel da Cia D)(USA)

68 Bn. A.Al. (USA)

Idéia de manobra do Cmdo. da D.I.E.:

"Defender as regiões de LA SERRA - PALAZZO AFRICO; cobrir esta posição face a W., com o maior esforço nas regiões de BOMBIANA E DE CROCIALE; exercer vigilancia a W. de PORRETA TERME -VENTURINA, ao S. do Rio SILLA, de acordo com a O.G.O. nº 2 de 11/XI/44

DISPOSITIVO^{DE} ENTÃO, DA D.I.E.

QUARTEIRÃO: de L: Cia. A /13 Bn. Tanks(USA) e 6º RI
Sub-SECTOR N.: 6º RI (menos o I Btl.), um Pel. e uma Sec.
do 2º Pel. da Cia. D./751 Bn Tanks (USA) e um Pel. Cia. B/13

QUARTEIRÃO W: II/370 RI (USA)

QUARTEIRÃO S: 81 Rec. (USA) e 2º Pel. do 1º Esq. Rec.

ARTILHARIA (ainda sob o Comando direto do IVº CORPO EX.)-
- II G.O., em apoio direto ao S/S. N., - 68 Bn.
A. em apoio direto ao Quartelão W. e em reforço
ao IIº G.O.

RESERVA- II/6º RI (menos a 3a. Cia)

SUB-CMT. da DIVISÃO: o Gen. Cmt. da IDE/1

A la. Cia. Trns. iniciou a substituição dos meios da C.C.B.,
segundo o EIXO DE TRANSMISSÕES: PORRETA TERME- SILLA- MARANO-
RIOLA.

" Começou assim a Defensiva no vale do rio RENO. O grosso da
Divisão ainda se encontrava em instrução e alguns elementos
começavam a deslocar-se para o Vale do RENO, tendo em vista
a fase de operações de Defensiva agressiva a 'ser iniciada".

A 13-XI todo o 9º BE estava reunido em PORRETA TERME, TAVIANO
e SUVIANA em plena atividade.

Já a 12-XI, a Bia. de Cmdo. da A.D.E./1 e o IIIº G.O., bem como
a la. Bia. do IVº G.O. haviam iniciado o seu estacionamento na
região de CASTEL DE CASSIO. O 1º Esq. Rec. (menos o 2º Pel.)
estacionou, no mesmo dia, em GRANAGLIONE. " O contáto durante
o início da la. fase foi, por vezes, ativo e se carecterizou pe-
lo comêço do sistema do lançamento de patrulhas.

A la. Cia. Trns. estabeleceu totalmente, o sistema de trns.
do dispositivo divisionário. As O.G.O. nº 3 de 15-XI-44 de-
terminavam o início das ações ofensivas da Divisão.

Caracterizaram toda a fase as modificações sucessivas dos limites
de Setor da Divisão, cuja frente se alargou enormemente, indo
muito além de qualquer expectativa, se tornando necessário o
estabelecimento da COBERTURA DE FLANCO que foi feita inicial-
mente pelo 1º Esq. Recn. e por uma Secção Eng. do 9º BE.

A ocupação da COTA 670 no (S/S.N.) pelo II/6º RI, a 14/XI/44,
foi uma ofensiva local que " foi praticamente o início da fa-
se da Defensiva agressiva" da Divisão.

A 16-XI/44, o I/6º RI (no Quartelão L.) "Cerrando sobre as posições inimigas, conquistou e ocupou as alturas de BOSCACIO-IL SASSO, MONTE CAVALORO e estabeleceu ligação com a 6a. S.A. Armd. Div. (USA), ao S. de C. IAREDA DI SOPRA.

No dia 17-XI, a C.C.AC/6º RI foi posta á disposição do S./S.L. agindo como infantaria e" os elementos do 1º RI começaram a se reunir entre PONTE DELL'A VENTURINA e PORRETA TERME; logo a seguir fôram postos em linha. O II/1º RI. substituiu logo, a 19/20-XI, o III/6º RI.

A 18-XI o II/370 RI.(USA) e o 1º Esq. Recn. passavam á disposição da Task Force 45 (U.S.A.)

A 20/21-XI, o 1º RI (menos o I Btl.), substituiu o 6º RI. que passou para a reserva.

A Cia. Obuzes do 6º RI. permaneceu no S/S.L. e a Cia. Obuzes do 1º RI. em BORRO, às ordens da D.I.E.; esta, logo a 22-XI, passou também á disposição do S/S.L.

Estavam em pleno andamento os preparativos para conquista de CASTELNUOVO.

"A 22/23-XI o inimigo tentou sucessivos golpes de mão sobre as posições de TORRE DI NERONE e LEVIGNE, sendo repellido".

A 24-XI, o III/6º RI. que haviapassado á disposição da Task Force 45 pela O.G.O. nº 5 de 22-XI, atacou, mediante ordem do 2º Grupo Blindado (Task Force 45), as posições inimigas de MONTE CASTELLO, juntamente com um Btl. do 370 R.I. (USA). O ataque, fracassou; na manhã de 25 foi ele renovado, não tendo sido ainda a operação bem sucedida.

A 26-XI foi largamente ampliado o limite SW da la. D.I.E., passando a abranger MONTE CASTELLO, revertendo á D.I.E. o 1º Esq. Recn., o III/6º RI. e o I/1º RI. que estavam á disposição dos norte-amricanos.

Outra vez foi empregado, como infantaria, o 1º Esq. Recn., na região de BRAINETA- CASA M. de BOMBIANA.

Passaram á disposição da D.I.E. um pel. da Cia. B/751 Bn. Tanks(USA) e um pel. da Cia. A/894 Bn T.D. (USA)

A 26, na região S. de MONTE CASTELLO, o III/RI. repeliu um ataque local alemão.

Características da fase: variação de limites do Sector e Substituições sucessivas de tropas.

ABL.

Continua.

A - 1º COMBATE DE MONTE CASTELLO (De 27-XI até 5-XII-44)

De ordem do IVº CORPO EX. a D.I.E. teve a seguinte missão, a 26/XI/44: " Dentro de sua zona de ação capturar a crista que corre do M. BELVEDERE para o N.L., inclusive o M. CASTELLO, afim de impedir que o inimigo tenha vistas sobre a estrada 64."

" Continuar as operações para a conquista da crista de CASTEL NUOVO"

"O Comando da Divisão, para o cumprimento da missão procurou reunir meios, o que fez com grandes dificuldades, sobretudo tendo em vista o fato de se vêr obrigado a empenhar em uma ação ofensiva tropas bisonhas e de atacar a 29 de novembro, conforme prescrição perentoria do IVº CORPO DE EX."

A 27/XI, o III/11º RI. entrou para a zona de combate da Divisão, acantonando em SILLA.

A O.G.O. nº 7 de 28/XI deu a seguinte ~~idéia~~ de manobra:

- "1º) manter as posições nas condições prescritas na O.G.O. nº 5;
- 2º) apoderar-se, na jornada de 29, de MONTE CASTELLO, para, em seguida e em combinação com a Task Force 45, repelir o inimigo das alturas de 1027 e 1053".

DISPOSITIVO da 1a. D.I.E.

S/S.L (sem alteração)- I/6º RI (menos 1a. Cia); 13º Bn. Tanks (menos Cia. B); Cia. Obuzes /1º RI.; C.CA.C/ 6º RI.

S/S.W. (sem alteração) - 1º RI. (menos 1º Btl e a Cia. de Obuzes); 1º Pel. 751 Bn.T.; 1º pel. da Cia. B. do 13º Bn.T.

GRUPAMENTO DE ATAQUE: Cmdo = Gen. ZENOBIO

TROPA: 1º/I RI., III/ 11º R.I., III/6º R.I., dois pel. Tanks, um pel. Tank D.

1º ESQUADRÃO RECONHECIMENTO- Num sub-quartelão de ligação entre o Grupamento de ataque e o S/S. W.

ARTILHARIA - Iº G.O., em apoio direto ao I/1º RI.; II G.O. em apoio direto ao III/11º RI; III G.O., em apoio direto ao S/- Setores L. e W.; IVº G.O., em ação de conjunto. ARTILHARIA do IV CORPO EX. reforçará as ações em proveito do ataque.

RESERVA - A partir de 20.00 horas de 28, uma Cia. Fz. do II/- 6º RI. em SILLA. A 1a./I/6ºRI. na região de VAIARANA.

O II/6º R.I. (menos uma Cia) a partir de 12.00 horas de 29.

ABL

Continua.

ENGENHARIA - O 9º BE, além de continuar com a conservação das estradas no interior do Setor da Divisão, foi empregado nas comunicações, tendo em vista o ataque (SILLA - BOMBIANA e SILLA- GAGGIO MONTANO) e foi feita a previsão do levantamento de minas (BOMBIANA - ABETIAIA), em provieto dos Tanks.

Cia. TRANSMISSÕES - Estabeleceu todo o sistema de ligações, particularmente tendo em vista o Grupamento de ataque, segundo o eixo de trns.: PORRETA TERME- SILLA- BOMBIANA.

A mesma O.G.O. prescreveu a missão para o Grupamento de ataque, cuja principal parte era" apoderar-se de M. CASTELLO, com esforço na direção de C. VITELLINE- 887", e também as convenientes substituições de tropas.

A 29-XI entrou em linha a 4a/II/6ºRI, passando a cobrir o flanco W. do Grupamento de ataque e fazendo a ligação com o II/37ORI.(USA) e, nesse mesmo dia, depois de preparação de artilharia, foi desencadeado o ataque que encontrou a posição visada fortemente organizada ~~e~~ obstinadamente defendida", e fracassou.

O inimigo a 28 e 29-XI realizou várias ações locais sobre a região de GUANELLA BOMBIANA e o S/S.W. sofreu pesadissimo bombardeio.

A 1-XII foi reorganizado pela O.G.O. nº 8 de I-XII o DISPOSITIVO da D.I.E., começando, então, esta a dispôr de todos os seus elementos combatentes orgânicos e estabeleceu a nova idéia de manobra, "manter particularmente as regiões de MONTE CAVALORO - BOSCACCIO- LE RONCOLE e de GAGGIO MONTANO".

De acordo com a nova situação, a Cia. de Trns. reorganizou o novo dispositivo de Trns.

Houve uma série de substituições de tropa no interior de S/S. W.

Na noite de 2/3-XII, o inimigo desencadeou um ataque local na região de GUANELLA, visando as posições do I/11º RI. (S/S. W.) cuja 1a. Cia. abandonou as posições, provocando o recuo do restante do Btl. De acordo com as O.P.O. 18 B de 3-XII, o III/6º RI progrediu e ocupou as posições abandonadas pelo I/11º RI., sendo completamente restabelecida a situação.

A O.P.O. nº 19 de 3-XII determinou a substituição do III/6º RI. pelo II/ 11º R.I., o qual reverteu ao seu R.I.

ABL

Continua.

A O.P.O. nº 20 de 4 de 4- XII reajustou a missão do S/S. W. (11º RI. menos o 1º Btl).

Cabo de Campanha distribuido, durante o período de 27/XI/44 a 5/XII/44 (ocasião do 1º Combate de MONTE CASTELLO):

W- 110 B

292 DR 4, ou sejam = 230.680 ms.

341 DR 5, ou sejam = 545.600 ms.

W- 130

4 DR-4, ou sejam = 12.800ms.
115 DR-8, ou sejam = 46.000ms.

B)- 2º COMBATE DE MONTE CASTELLO (de 6/XII até 21/XII/44)
Missão da D.I.E. em 5-XII-44 " Capturar e manter a crista BELVEDERE- TORRACIA. Estar preparada para, por ordem do IVº CORPO , Capturar CASTEL NUOVO e MONTE DELLA CROCE."
O limite W. da D.I.E. foi ampliado e passou a abranger totalmente o MONTE BELVEDERE, ficando a frente da Divisão muitíssimo larga.

A O.G.O. nº 11 de 10-XII montou a operação de ataque ao MONTE CASTELLO com a seguinte IDÉIA DE MANOBRA=

"Numa 1a. fase de operações:

Continuar a manter as atuais posições entre MONTE CASTELLO e o RIO RENO, com maior esforço nas regiões de MONTECAVALORO, BOSCACCIO, TORRE DI NERONE, AFRICO, posse de MONTE CASTELLO e isolamento do MONTE DELLA TORRACCIA do massiço MONTE GORGOLESCO - MONTE BELVEDERE".

A mesma O.G.O. estabeleceu o DISPOSITIVO e deu o Comando do Grupamento de ataque ao Exmo. Sr. Gen. ZENOBIO.

A Cia de Trns. manteve todo o sistema de trns., segundo o eixo: PORRETA, SILLA, CASELINA- LIVORNO- BOMBIANA.

" Um golpe de mão no dia 11-XII dado pelos brasileiros no S/S.W., na região de C. VITELINE encontrou toda a guarnição inimiga morta pela ação do nossos bombardeios".

Na noite de 11/12-XII foi por nós realizada uma ação divisionária no setor L. Nessa mesma noite o inimigo atacou as posições norte-americanas de MONTE BELVEDERE, nosso flanco esquerdo, desalojando-os daquela elevação.

Hora do ataque a MONTE CASTELLO: 06,30 horas de 12-XII, antes do alvorecer, por surpresa e sem preparação de artilharia.

Devido a uma série de contratempos que não interessa serem descritos neste relatório, " o ataque perdeu logo a sua impulsão", tendo sido suspenso em virtude do recuo do escalão de ataque e da necessidade de se guarnecer a antiga base de partida."

A O.P.O. nº 23 de 12-XII deu o Comando do S/Setor W. ao Cmt. do 1º R.I. que reajustou o seu dispositivo defensivo.

Houve substituições sucessivas de tropas.

A 15-XII, o MONTE BELVEDERE passou a pertencer ao setor da la. D.I.E. e a O.G.O. nº 13 de 16-XII, deu o novo DISPOSITIVO DEFENSIVO, sendo, então, criado QUARTEIRÃO W. (III/11º R.I.). As transmissões providenciaram as devidas instalações, reajustando tudo. A 17-XII, terminou a fase de defensiva agressiva do setor da D.I.E.

DISTRIBUIÇÃO DE CABO DE CAMPANHA DURANTE OS PERIODOS:

(Durante o período de 6-XII a 21-XII-44), (2º Combate de MONTE CASTELLO), o Depósito distribuiu:

W- 110 B

257 bobinas DR-4, ou sejam = 203, 030 ms.

572 bobinas DR-5, ou sejam = 915,200 ms.

W - 130:

62 bobinas DR- 8, ou sejam = 24.800 ms.

Durante toda a la. Fase - DEFENSIVA AGRESSIVA, isto é, de 11-XI-44 at-e' 21-XII-44, foi distribuido o seguinte:

W - 110 B

668 bobinas DR-4, ou sejam = 527.720 ms.

589 bobinas DR-5, ou sejam = 942.400 ms.

W- 130

98 bobinas DR- 4, ou sejam 313.600 ms.

505 bobinas DR- 8, ou sejam 202.000 ms.

II - 2a. FÁSE

ESTABILISACÃO (22-XII-44 até 16-II-45)

A O.G.O. nº 14 de 22-XII deu a IDEIA DE MANOBRA que iniciou a fase da estabilisação e prescreveu o novo DISPOSITIVO que provocou várias substituições de tropas.

A Cia. de Trns. montou o novo sistema de Trns., segundo os eixos: PORRETA TERME - SILLA- MARANO- RIOLA e PORRETA TERME -SILLA - CROCIALE- GAGGIO MONTANO.

Foi estabelecido, então, "um sistema de P.A. numa linha além da qual deveriam ser enviados os reconhecimentos agressivos, os quais não chegaram a realizar-se, por isso que" a néve começou a cair e a defensiva entrou na rotina, subordinada a idéia essencial de serem mantidas as posições ocupadas!

Durante a estabilisação, influíram muito nas trnsmissões, alterando o ritmo que estava sendo mantido: as substituições de tropa, o plano de ações contra paraquedistas, as ações continuadas de patrulhas tanto brasileiras como inimigo e a grande atividade das artilharias de ambas as partes.

A Artilharia inimiga se conservou muito ativa, bombardeando constantemente as nossas posições, as comunicações e o Q.G. da Divisão em PORRETA TERME.

Os preparativos para a OFENSIVA conjunta da 1a. D.I.E. e da 10a. Div. Mont. (U.S.A) começaram no dia 8-II e fôram se desenvolvendo até 16-II-45, período êste em que foi cuidadosamente estudado o PLANO "ENCORE" do IVº CORPO.

O Dispositivo da D.I.E. foi reajustado e pela O.G.O. nº 18 de 8-II-45 foi absorvido pela Divisão o S/S.W. libertando assim o 1º RI (menos II Btl.)

A O.P.O. nº 32 de 8-II-45 substituiu o II/1º R.I. pelo I/6º R.I. no S/S.L., ficando o Iº R.I. completamente recuperado para ser empregado posteriormente.

Cabo de Campanha distribuido durante o período de 22-XII-44 a 16-2-45, época da estabilização; fôram distribuidos:

W- 110 B

612 DR-4 ou sejam 483.480 ms.

173 DR-5 ou sejam 276.800 ms.

W- 130

6 DR-4 ou sejam 19.200 ms.

11 DR-8 ou sejam 4.400 ms.

AS TRANSMISSÕES DURANTE O 3º PERÍODO (de 11-XI-44 a 16-2-45)

MEIOS EMPREGADOS: mensageiros, a pé e motorizados;

POMBO CORREIO - Algumas vezes, porem com muito pouco rendimento, devido a falta de prática e tambem de confiança por parte do pessoal das Unidades ^{que} se julgava sempre muito ocupado, sempre lhes faltando ^{tempo} para o trabalho dos pombos.

TELEFONIA- (com fio) - o seu uso foi até o abuso; muitos senões praticados contra a velocidade do tráfego e contra a segurança das transmissões.

TELEGRAFIA- não **foi** usada nas operações; somente na instrução; não se dispunha de operadores em condições e em quantidade suficiente para haver conveniencia no seu emprêgo. As apropriações "Simplex" crearam casos muito sérios durante as operações e os circuitos fantasmas fôram aproveitados para telefones.

RADIO-TELEGRAFIA- foi empregada somente: no circuito Brasil-Italia, pela estação JJQW; no circuito Q.G.Av./1a. D.I.E. - Q.G. Recuado (PORRETA TERME- PISTOIA), como auxilio ao Tráfego telefônico, nos casos de necessidades; na rede de Comando nº 1 da Divisão, somente na instrução e rigorosamente de acordo com a CARTA DE SILENCIO E DE ATIVIDADE DO RADIO distribuida pelo S.Trns. de acordo com as instruções do Vº Ex. e do IVº CORPO de EX.

RÁDIO-TELEFONIA (estações de F.M.) - usada de acordo com as necessidades, com as retrições impostas pelas IET quanto á exploração e á segurança das transmissões; apesar da vigência das IET e das Ordens de Serviço fazendo inúmeras e reiteradas re-

recomendações^{dadas} pelo Comando da Divisão, fôram cometidos muitos e graves sinões que comprometeram déveras as comunicações, os quais não tiveram maiores consequencias porque o nosso inimigo já não mais estava em condições de agir por falta de meios materiais e também efetivos; nas rêdes de Btls. , principalmente, era comum ouvir-se a comunicação, em linguagem clara, fazendo referencia á posições e a tropa, dando nomes e coordenadas; os utilizadores da fonia, tal como acontecia com o telefone com fio, não coordenavam as suas idéias antes de usar o microfone, pensando no que iam dizer de modo a reduzir ao mínimo o número de palavras, e, destarte, as comunicações éram por vezes muito longas, contrário ás regras de exploração, porque comprometia a segurança e provocava muito gasto de material (consumo elevado de baterias).

SINALISAÇÃO POR ATIFICIOS - Foi usada em missões especiais, unilateralmente.

ACÚSTICOS- Fôram utilizadas sirenes para os alarmes anti-aéreos em PORRETA TERME.

LOCALIZAÇÃO DO S. TRANSMISSÕES= PORRETA terme " Do Depósito de Material de Trns.= PORRETA TERME

LOCALIZAÇÃO DA Cia. TRNS. = PORRETA TERME, depois MOLINO DEL PALONE.

DISTRIBUIÇÃO DE CABO DE CAMPANHA (Em todo o 3º Período, isto é de 11-XI-44 até 16-2-45, a quantidade de cabo de campanha distribuida pelo Depósito de Mat. de Trns. ás Unidades foi:

W - 110 B

1.256 bobinas DR-4, ou sejam 992.240 ms.

589 bobinas DR-5, ou sejam 942.400 ms.

Cabo W-130

98 DR-4, ou sejam = 313.600 ms.

DR-8, ou sejam = 205.200 ms.

4º PERÍODO. OFENSIVA DO IVº CORPO DE EXERCITO

(Preliminares da Ofensiva da Primavera)

(17-2 ate 9-3-45)

I - PREPARATIVOS DE ATAQUE

"A O.G.O. nº 19 de 18-2-45, tendo em vista a ofensiva do IVº Corpo, a futura missão da Divisão e a redução do limite do Setor, reorganizou totalmente o dispositivo da 1a. D.I.E."

Pela 1a. vez a F.E.B. iria agir, então, jogando com uma Unidade inteira, em operações que se aproximavam das N.G.A.

O dispositivo da D.I.E. passou, então, a ser:

-S/S.L. = sem alteração

-S/SN. = a mesma tropa, mas o seu limite W. foi ampliado, passando a incluir o vale do MARANO.

Continua

ABL.

QUARTEIRÃO CENTRO- II/11º RI., reforçado com 2 pel. Fz. e 1 pel. mtr. do mesmo R.I.

- S/S.W. = 1º RI.

ARTILHARIA= Iº G.O. em apoio direto^{do} S/S.W.; IIº G.O. ao QUARTEIRÃO CENTRO; IIIº G.O., aos S/S.N.eL.; IV G.O., em ação de conjunto.

ENGENHARIA= sem alteração

TRANSMISSÕES= adotou o sistema de trns., já tendo em vista o ataque.

RESERVA= 11º R.I. (menos os elementos do Quartelirão Centro.)

II - COMBATE DE MONTE CASTELLO (de 18-2 até 22-4-45)

(Realização do Plano Encore)

"Para a 1ª. fase das operações, foi estabelecido a seguinte IDÉIA DE MANOBRA, de acordo com a O.G.O. nº 20 de 19-2-45:

A) em permanente ligação com a 10a. Div. Mont. (USA), conquistar sucessivamente:

1º) a região 875- FORNACE;

2º) as encostas N. e N.L. dos MONTE CASTELLO, mediante ações pela crista S. de MALANDRONE e na direção de LE RONCOLE- 887;

3º) a linha RONCOVECCHIO- SENEVEGLIO, por meio de uma progressão ao N. de MARANO.

B) - Antes da operação principal, realizar uma ação ~~div~~divisória no corredor de ABETAIA."

- O dispositivo de ataque determinado pelas O.G.O. nº 19 e 20 referidas, foi realizado totalmente.

Todo o sistema de transmissões para o ataque foi montado segundo os eixos de transmissões: 1) PORRETA TERME -GADELLE - SERREZONE- GAGGIO MONTANO- LE RONCOLE;

2º) PORRETA TERME - SILLA- GAGGIO MONTANO- LE RONCOLE;

3º) PORRETA TERME- SILLA- MARANO- RIOLA.

" A manobra montada pelo Comando pôdeser interpretada, em resumo, do seguinte modo: uma ação ofensiva principal, atribuída ao 1º RI., sobre MONTE CASTELLO;

Uma ação secundária, de progressão limitada, para a cobertura do flanco da ação principal; - uma frente defensiva, mantendo as posições não interessadas na ação ofensiva do momento."

O dia D. da ofensiva foi a 19- 2-45, quando se iniciou o ataque da 10a. Div. Mont. (USA), desenvolvendo-se, vitoriosamente, ocupando no dia 20 o MONTE BELVEDERE e prosseguindo.

ABL

Continua.

Adm. Hating
ny.
A ação ^{et}divisoria prevista foi iniciada às 10,00 do dia 20-2-45 pelo II/11º R.I.

"A 10a. Div. Mont. (USA) atingiu a região de MAZZANCANA E o 1º R.I., então, deu início do movimento dos seus elementos que vão ser empenhados naquela região".

A hora H do ataque do 1º R.I. foi marcada para 05,30 de 21-2-45 e, neste dia, "ao alvorecer, ele iniciou uma ação frontal de S. L. na direção da Cota 887 e uma de desbordamento, decisiva, na direção del036 - 977".

"Às 07,00 horas (manhã) do mesmo dia, um Btl. de reserva da Divisão (III/11º R.I.) já havia ocupado GAGGIO MONTANO".

O combate se desenvolveu com uma série de acontecimentos. O Comando do 1º R.I. empregou, na tarde do mesmo dia, o IIº Btl. (menos 1a. Cia) em seu flanco direito, afim de aumentar a ação de força sobre as resistências alemãs das encostas de MONTE CASTELLO".

A A.D. apoiou, com oportunidade e eficiência decisiva, ora em benefício do conjunto do ataque, ora em benefício de um e de outro Btl. A sua ação também se realizou em proveito da ação secundária (II/11º R.I.) "Ao cair da tarde a ação desbordante se transformou em envolvimento e a ação frontal ao mesmo tempo, progrediu. A ação secundária, ininterruptamente, cobriu o flanco de ação sobre a cota 887.

MONTE CASTELLO caiu nas mãos dos brasileiros.

O sistema de transmissões do 1º R.I. foi muito bem montado e se apoiou, principalmente, sobre a telefonia com fio; somente a rede telefônica instalada pelo Regimento na base de partida atingiu uma densidade enorme, tendo sido estendidos cerca de 70 Kms. de cabo. Depois de desencadeada a ação, a telefonia sem fio (fonia pelo radio) constituiu um meio de inestimável valor para os pequenos escalões privados do telefone de campanha logo nos primeiros passos em direção ao objetivo. Todo o serviço funcionou bem.

Em anexo, o relatório das transmissões no ataque de MONTE CASTELLO.

DISTRIBUIÇÃO DE CABO DE CAMPANHA DURANTE O TEMPO do 3º Combate de MONTE CASTELLO(de 18-2 a 22-4- 45); o Deposito forneceu às Unidades D.I.E.:

W- 110 B

1963 DR-4, ou sejam = 1.550.770 ms

968 DR-5, ou sejam = 1.548.800 ms

W- 130

48 DR-4 ou sejam = 153.600 ms.

39 DR-8 ou sejam = 15.600 ms.

III COMBATE DE LA SERRA (23-2 a 26-2-45)

" A O.P.P.O. nº 34, de 23-2-45, ampliou o sistema de P.A. O Comando tinha em vista repelir o inimigo das alturas que, de maneira imediata, dominavam as encostas de MONTE CASTELLO. Em consequencia, os P.A. deveriam executar uma ação ofensiva, para depois tomar o dispositivo defensivo, isto é, executar a sua missão propriamente dita.

Ao mesmo tempo, o Comando desejava auxiliar a 10a. Div. Mont. (USA), dentro do espírito da missão atribuída a 1a. D.I.E. e, assim fôram tomados na noite de 24/24-2:

LA SERRA, 958 e BELLA VISTA, posições essas que fôram contra-atacadas forte e sucessivamente na madrugada de 24 pelos alemães que fôram repelidos.

DISTRIBUIÇÃO DE CABO DE CAMPANHA; (de 23-2 a 26-2-45) fôram distribuídos pelo Depósito:

W- 110 B

49 DR-4, ou sejam 39.710 ms.

48 DR-5, ou sejam 76.800 ms.

W- 130

2 DR- 4, ou sejam 6.400 ms.

IV- REAJUSTAMENTO DO DISPOSITIVO (de 26-2 a 1º-3 -45)

"O Comando da 1a. D.I.E. passou a encarar o prosseguimento da ofensiva e expediu a O.P.O. nº 36 de 26-2 e a O.G.O. nº 21 de 28-2-45, dando nova missão, substituindo tropas e adotando novo DISPOSITIVO. Nesta altura das operações, " o setor da Divisão ficou com um dispositivo dividido em duas partes, tendo entre elas a zona de ação da 10a. Div. Mont. (USA), uma constituída pelo S/S.N. e o Quartelão Centro, e a outra pelo Grupamento W.

CABO DE CAMPANHA DISTRIBUIDO : (De 26-2 a 1-3-45), fôram distribuídos:

W- 110 B

105 DR.4 ou sejam 82.950 ms.

68 DR.5 ou sejam 108.800 ms.

V- LIMPEZA DO VALE DO MARANO (de 2-3 a 4-3-45).

As O.G.O. nº 22 de 2-3-45 e 23-3-45 determinaram missões a todos os elementos, no sentido de que o MONTE DELLA CROCE fosse ativamente reconhecido pelo 6º R.I., e que o 11º R.I (menos o II e III Btl.) ficasse em linha entre o 6º R.I. e o limite L. do setor. "Completava-se, assim a limpeza do Vale do Marano e preparava-se o dispositivo para o prosseguimento das operações."

ABL

Continua.

Nas jornadas de 3 e 4, o Grupamento de W. lançou numerosas patrulhas e reconhecimentos, causando danos ao inimigo.

Cabo de Campanha distribuído (De 2-3 até 4-3-45); fôram distribuídos: pelo Depósito:

W - 110 B

225 DR-4 ou sejam 177.750 ms.

65 DR-5 ou sejam 104.000 ms.

VI - COMBATE DE CASTELNUOVO (De 4-3 a 9-3-45)

" A O.G.O. nº 24 de 4-3-45 estabeleceu a seguinte idéia de manobra:

- apoderar-se, inicialmente, da região 702-722; em seguida, conduzir o ataque segundo o eixo 722- CASTELNUOVO, em combinação com uma investida por IAREDA DI SOPRA - C. BONZONE sobre a região imediatamente N.L. de CASTELNUOVO.

- Levar o aproveitamento do êxito até a transversal C. SOSSA SERRA DI GATTO, pelos eixos CASTELNUOVO- AFRICA e ESTRADA 64." Foi montado, em consequência, o devido DISPOSITIVO e as TRANSMISSÕES instalaram o seu sistema, tendo em vista um eixo principal: PORRETA TERME- SILLA- MARANO- RIOLA (para atender a tropa de ataque) e um outro: PORRETA TERME- SILLA- IL PALAZZO- GABBA (para atender ao Grupamento W.)

A operação montada e conduzida pela Divisão, consistiu, em resumo, em dois ataques combinados, um progredindo sobre a crista de CASTELNUOVO e pelo flanco da posição inimiga, o outro procurando desbordar o baluarte desta localidade e cortar a retirada pela estrada CASTELNUOVO- AFRICA"

O 11º R.I. conseguiu atingir com os seus elementos avançados a estrada CASTELNUOVO - AFRICA e logo depois o 6º R.I. penetrava e se apossava do seu objetivo final."

A O.G.O. nº 25, de 6-3, regulou o aproveitamento do êxito na direção de AFRICA, deu indicações para a defensiva do 6º R.I. e tomou o 11/6º R.I. para reserva da Divisão."

A O.G.O. nº 26 de 7-3-45 estabeleceu um novo dispositivo, do seguinte modo:

GRUPAMENTO W. - Cmt. Gen. ZENOBIO

Tropa: 1º R.I., III/11º R.I., 9/III/6º R.I., C.C.A.C. do 11º R.I. e 1º Esq. Recn.

-S/S.L.= 6º R.I.(menos a 9a. Cia.).

A 3a. Secção (G-3) durante todo o período da ofensiva do IVº Corpo, acompanhou o ataque ao MONTE CASTELLO, junto ao 1º R.I., ao II/ 11º R.I., no P.O. da Divisão; destacou uma ligação junto a 10a. Div. Mont. (USA) durante as fases de M. BELVEDERE- M. TORRACCIA- e limpeza do MARANO; acompanhou o combate de CASTELNUOVO junto aos P.C. do 6º e do 11º R.I., e no P.O. da Divisão.

Para atender a todas as necessidades de ligação do G-3 nas situações acima referidas, o sistema de transmissões foi devidamente instalado de modo a atender-lhe a todas as conveniências. O esforço principal foi feito sobre o telefone com fio.

Cabo de Campanha distribuído; durante o período de 4-3 a 9-3-45 foram distribuídos pelo depósito:

W- 110 B

160 bobinas DR-4, ou sejam 126.400 ms.

106 bobinas DR-5, ou sejam 169.600 ms.

W- 130

6 DR-8 ou sejam 2.400 ms.

TOTAL DE CABO DE CAMPANHA DISTRIBUIDO, durante o período (de 17-2-45 até 9-3-45) da OFENSIVA DO IVº CORPO:

W - 110 B

823 bobinas DR-4 ou sejam 650.170 ms.

424 bobinas DR5 ou sejam 678.400 ms.

W- 130

5 DR-4 ou sejam 16.000 ms.

12 DR-8 ou sejam 4.800 ms.

AS TRANSMISSÕES DURANTE O IVº PERÍODO (de 18-2-45 até 9-3-45):

MEIOS EMPREGADOS: os mesmos usados durante o 3º Período, ainda com os mesmos senões.

LOCALIZAÇÃO DO S. TRANSMISSÃO = PORRETA TERME

Do DEPOSITO DE MAT. TRNS. = PORRETA TERME

DA Cia. TRNS. = MOLINO DEL PALONE

OBSERVAÇÕES- Durante o Combate de CASTELNUOVO em que o 11º R.I. teve a principal ação, deu-se um acidente com a Central telefônica "LAPA" (do P.C. do citado Regimento) que por alguns momentos quase produziu o pânico. O disparo de uma peça de artilharia norte-americana, de grosso calibre, produziu tão forte deslocamento de ar nas suas vizinhanças que derrubou todos os quadros BD-71 e BD-72 da Central, partiram -lhe as conexões, interrompendo todas comunicações do Comando, não só do R.I. como da própria Divisão que, naquela oportunidade, se encontrava no mesmo P.C. A Chefia do S. Trns. foi chamada com urgência, mas quando chegou ao local da Central "LAPA", já o Cap. RENATO, oficial de comunicação do R.I. se achava com o seu pessoal

ABL

Continua.

recompondo todo o sistema, o que foi conseguido em cerca de 15 minutos.

5º PERÍODO

I- DEFENSIVA TEMPORÁRIA (de 10-3 até 8-4-45)

A 8-3-45 foi suprimido o "corredor" da 1ª Div. Mont. (USA) no interior do setor da Divisão e a nossa tropa foi retirada das operações do Vale do RENO na direção geral de BOLONHA. A O.G.O. nº 27 de 10-3-45 estabeleceu nova IDÉIA DE MANOBRA e deu novo DISPOSITIVO à tropa, do seguinte modo, o qual foi realizado:

S/S.N. - 11º R.I. (menos III Btl. e C.C.A.C.

Quartelão Centro - III/11º R.I.

S/S.S. - 1º R.I.

Quartelão W. - 1º Esq. Recn. C.C.A.C/ 1º R.I.- C.C.A.C/11º R.I., 9a/III/6º R.I.

As TRANSMISSÕES estabeleceram devidamente o seu novo sistema. O Q.G. avançado da Divisão deixou PORRETA TERME e se instalou em LIZZANO - IN BELVEDERE no dia 12-3-45.

A O.G.O. nº 28 de 15 estabeleceu IDÉIA DE MANOBRA, distribuiu missões no sentido de que fossem mantidas as posições, e instruiu a tropa para agir no caso de recuo do inimigo.

O S. de Trns. se deslocou com os seus elementos para a instalação do novo P. C., de PORRETA TERME para LIZZANO IN BELVEDERE, no dia 11-3-45. No dia 12 a central "LUTA" já estava em pleno funcionamento.

II - EVOLUÇÃO DO SETOR DEFENSIVO

(de 17-3 até 6-4-45)

A O.G.O. nº 29 de 17-3-45 prescreveu tudo sobre a situação no Setor defensivo, tendo sido mantidas as mesmas MISSÃO DA DIVISÃO foi melhorado, tendo em vista o revêramento da tropa e possibilidade de repouso e passou a ser:

S/S N.- 11º R.I. (menos o III Btl, C.C.A.C. e Cia. Obz.)

S/S. Centro: 6º R.I. (menos o II Btl C.C.AC. e Cia. Obz.)

S/S. W. : 1º R.I. (menos IIº Btl, C.C.AC. e Cia. Obz.)

A Cia. Obz./1º R.I. passou à disposição do IIº G.O. para o apoio direto ao S/S.W.

A Cia. Obz./ 6º R.I. passou à disposição do IIIº G.O. para o apoio direto ao S/S.Centro.

A Cia. Obz./11º R.I. passou à disposição do Iº G.O. para o apoio direto ao S/S.N.

Sda. Mateus
As TRANSMISSÕES reorganizaram o seu sistema, tendo em vista adaptar-se ao novo dispositivo.

RESERVA DA D.I.E.: III/ 11º R.I., II/ 1º R.I. e 1º Esq. Recn.

RESERVA DO IVº CORPO: II/ 6º R.I.

A O.G.O. nº 30, de 23-3, reorganizou o QUARTEIRÃO DE COBERTURA, guarnecendo-o com o II/6º R.I. e fazendo reverter as C.C.A.A. aos seus respectivos Regimentos.

A O.P.O. nº 41 de 29-3 regulou a cobertura do flanco W. do Setor, quando foi posto á disposição da Divisão um GRUPAMENTO DE PARTISANS (italianos) e a "cobertura passou a ser assegurada pelo II/6º R.I. (Quartelirão de Cobertura()), 1º Esq. Recn. e Grupamento de Partisans.

O 9º B.E. prolongou em profundidade essa cobertura, mantendo um sistema de patrulhas além da zona de seu estacionamento.

"Durante essa época, a atividade de patrulhas e de reconhecimento no setor foi considerável, havendo mesmo um sistema agressivo.

AS TRANSMISSÕES NO QUARTEIRÃO W. (Período de 2 a 27-3-45)
Como principal tropa do Quartelirão W., o ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO foi usado como infantaria, e o seu oficial de comunicações foi designado oficial de comunicações de todo o QUARTEIRÃO. Em vista das grandes dificuldades surgidas na ocasião, já porque o Esquadrão e as sub-unidades á disposição do QUARTEIRÃO não dispunham de pessoal de construção e de manutenção de linhas, já porque não dispunha de material suficiente; considerando que aquela região onde se achavam era muita montanhosa, sendo o terreno de muito difícil acesso por ser muito escarpado, o S.Trns. pôz á disposição do Quartelirão elementos de construção de linhas, de T e T e de Rádio para auxiliar os trabalhos necessários. A equipe de construção de linhas de constituiu de um 2º Sgt., 2 cabos e 3 soldados, dispondo de 1 viatura 3/4 Ton. com uma RL-26; 1 viatura 1/4 Ton. (Jeep) com uma RL-31, e todo o material de construção restante, inclusive RL-27. A equipe T e T foi de 1 2º Sgt. e 2 soldados telefonistas, dispondo de todo o material necessário, inclusive 1 BD-71 e BD-72. A equipe de rádio foi constituída de 1 3º Sgt, 1 cabo e 1 soldado, dispondo de todo o material necessário, inclusive 1 SCR-193 em viatura de 3/4 Ton. Comando, que entrou na rede radio de Comando da D.I.E., e 2 SCR-300 para fins especiais.

ABL

Continua.

No Quartirão W. o C.M. foi constituído pelos próprios elementos do Esquadrão. O pessoal de construção de linhas foi excelente; trabalhando sob o fogo da artilharia e dos morteiros inimigos, sem conforto algum, e em terreno ingrátissimo, cheio de precipícios, soube cumprir o seu dever. O pessoal da equipe T e T também se desobrigou muito bem da missão. Apesar de terem sido instalados no P.C. do Quartirão 1 BD-72 e 1BD-71, em paralelo, houve momentos em que mais de 1 linha teve que ser ligada a uma mesma régua do quadro. As estações de rádio funcionaram bem e de acordo com a CARTA DE SILENCIO E DE ATIVIDADES. Foram empregados também as SCR-510 (F.M.) para dobrar as comunicações entre os P.C., com real eficiência.

CABO DE CAMPANHA DISTRIBUIDO:

(17-3 a 6-4-45

W- 110 B

150 DR-4 ou sejam 118.500 ms.

93 DR-5 ou sejam 148.800 ms.

W- 130

6 DR-4 ou sejam 19.200 ms.

3 DR-8 ou sejam 1.200 ms.

III - PREPARATIVOS PARA A RETOMADA DA OFENSIVA

(de 7-4 a 8-4-45)

" a reorganização do dispositivo se impoz afim de se recuperar efetivos para o cumprimento das missões previstas para o início da OFENSIVA DA PRIMAVERA " e, assim, o S/S.N. foi ampliado e o S/S. Centro ficou reduzido ao Quartirão do III/6º R.I.

" A O.G.O. nº 31 de 8-4-45 ampliou o limite L. da Divisão, criando o quartirão do II/1º R.I. Durante esse tempo, a Divisão realizou atividades de inquietações, contínuas e pesadas (fogos de Art. e de Inf.), causando sérios danos ao inimigo.

Cabo de Campanha distribuido :

De 7-4-45 até 8-4-45 foram distribuidos:

W- 110 B

100 DR-4 ou sejam 79.000 ms.

15 DR-5 ou sejam 24.000 ms.

Cabo de Campanha distribuido durante todo o 5º Período, isto é, de 10-3 até 8-4-45:

W- 110 B

437 DR-4 ou sejam 336.230 ms.

188 DR-5 ou sejam 300.800 ms.

W- 130

6 DR-4 ou sejam 19.200 ms.

3 DR-8 ou sejam 1.200 ms.

6º PERÍODO

OFENSIVA DA PRIMAVERA (de 9-4 a 2-5-45)

I - 1a. Fase

Continua.

ABL.

de 9-4 a 12-4-45

TOMADA DO DISPOSITIVO INICIAL

= Missão da Divisão "-manter as posições e lançar reconhecimentos agressivos."

Houve mudança de limites do setor da la. D.I.E., não mais englobando M. BELVEDERE e M. GORGOLESCO. " A O.G.O. nº 32 de 9-4-45 deu a seguinte IDÉIA DE MANOBRA:

Manter as posições do setor com maior esforço nas regiões do setor MONTEFORTE - 928. - CAMPO DEL SOLE E SASSOMOLARE.

Lançar reconhecimentos fortes e profundos particularmente no eixo MASERNO -MONTES PECHIO- e sobre a zona MONTESE- MONTEBUFONE - MONTELLO

DISPOSITIVO:

QUARTEIRÃO N. - II/1º R.I.

S/S.S. - 11R.I. (menos Cia. Obz.)

As Cias. Obz. ficaram á disposição da A.D.

Pelas TRANSMISSÕES "foi organizado o novo sistema de trns. segundo o eixo GAGGIOMONTANO - ABETAIA - TAMBORINI.

RESERVAS - III/11º R.I., 6º R.I., 1º R.I. (menos IIº Btl.), num total de 6 batalhões; 1º Esq. Recn.

O Q.G. avançado da la. D.I.E. se deslocou de LIZZANO e se instalou em GAGGIO MONTANO.

O flanco L. do Setor da D.I.E. foi aumentado de mais um Quarteirão (III/1ºR.I.), subordinado diretamente -á Divisão.

O S. Trns., com todo o seu pessoal, se deslocou de LIZZANO e instalou todo o novo sistema de trnsmissões no local do novo P.C. da D.I.E. em GAGGIO MONTANO.

CABO DE CAMPANHA DISTRIBUIDO (de 9-4 a 12-4-45)

W- 110 B

105 DR-4 ou sejam 82.950 ms.

60 DR-5 ou sejam 96.000 ms.

W- 130

10 DR-4 ou sejam 32.000 ms.

II - "2a. FASE (de 13-4-45 até 18-4-45)

A) COMBATE DE MONTESE (13-4-45 a 17-4-45)

A O.G.O. nº 33 de 13-4-45 deu a ideia de manobra, bem como instrução sobre a realização do novo Dispositivo que foi o seguinte:

QUARTEIRÃO DO III/ 1º R.I.

QUARTEIRÃO DO II/ 1º R.I.

S/S do 11º R.I.

RESERVA - 6º R.I., 1º R.I. (-II e III Btls), 1º Esq. Rec.

AS TRANSMISSÕES proseguiram equipando o eixo GAGGIO MONTANO ABETAIA- TAMBORINE.

Continua v

ABL

da manobra
"A missão de apoderar-se de MONTESE 888- MONTELLO foi dada ao 11º R.I.

O ataque do 11º R.I. e do II/ 1º R.I. foi desencadeado, com decidido apoio da nova artilharia de Tanks (USA), da Cia. A. de Morteiros químicos (USA), na direção de SERRETO.

"MONTESE" foi conquistada às 15,15 horas de 14-4-45", do mesmo modo SERRETO. O inimigo reagiu muito na região de MONTEBUFFONE, atuando com pesados e repetidos bombardeios de artilharia e morteiros sobre as nossas posições"...

O III/6º RI. foi mandado seguir para MONTESE, entrando em ligação com o 11º R.I. O 11º R.I. e o II/1º R.I. continuaram o ataque a 15-4-45, de acordo com as missões dadas, enfrentando poderosas resistências inimigas, e em fim da jornada, o 11º R.I. mantinha MONTESE, o II/1º R.I. conquistara PARAVENTO e a situação ao N. de SERRETO era confusa.

O 6º R.I. (menos 1º Btl) entrou em linha, na região de SERRETO, entre o 11º R.I. e o II/1º R.I. para conquistar a região de MONTEBUFFONE e 888 - MONTELLO, no dia 16, o que " não foi conseguido em virtude dos massivos e repetidos bombardeios e da grande extensão dos campos minados", ficando o ataque adiado.

A O.G.O. nº 36 de 17-4-45 estabeleceu as condições de defensiva do setor da Divisão.

CABO DE CAMPANHA DISTRIBUIDO (de 13-4-45 até 17-4-45):

W- 110 B

316 DR-4 ou sejam 249.640 ms.

187 DR-5 ou sejam 299.200 ms.

W - 130

29 DR-4 ou sejam 92.800 ms.

24 DR-8 ou sejam 9.600 ms.

B - REORGANIZAÇÃO DO DISPOSITIVO DA DIVISÃO (18-4-45).

A O.G.O. nº 37 de 18-4-45 deu a nova IDÉIA DE MANOBRA:

- manter com maior esforço a região de MONTESE 824- SERRETO e a situada entre 909 M. PIGNA.

- em caso de progressão, fazê-la segundo os eixos: MAZERNO- MONTESPECCHIO- MONTESE- CASELLANO e BERTOCHI; VILLA D'AIANO- ROSOLA; CASTEL D'AIANO- CA'DELL'OSTE e BOCCA DEI RAVARI - CÁ SANSONE".

DISPOSITIVO:

S/S. do 11º R.I.

Quartelão do II/1º RI.

S/S. do 1º R.I. (menos o II Btl.)

Quartelão do I/6º R.I.

Reserva: - 6º R.I. (menos o I Btl) 1º Esq. Rec.

S. J. Man...
Ficou o Comando articulado para fazer a retomada da progressão, não só para W. como para o N.

DISTRIBUIÇÃO DE CABO DE CAMPANHA, (de 17 a 17-4-45):

W - 110

45 DR-4 ou sejam 35.550

III- FASE APROVEITAMENTO DO ÊXITO (de 19 a 22-4-45)

A- COMBATE DE ZOCCA (de 19 a 21-4-45)

" Durante a jornada de 19-4, o fogo inimigo declinou, percebeu-se a execução de destruições e os reconhecimentos verificaram indícios de recuo. A 10a. Div. Mont. (USA), ao mesmo tempo, progredia célere." A 19-4-45 foi ordenado ao 1º Esq. Recn. que retomasse imediatamente o contato.

MISSÃO DA D.I.E.:

"limpar a margem do PANARO e capturar elementos esparsos do inimigo na direção geral de M. ORSELLO".

A O.G.O. nº 38 de 19-4-45 deu a IDÉIA DE MANOBRA:

- Estabelecer cobertura a S.W. do Rio RIVELA e ocupar, no fim de uma fase de progressão, a região ZOCCA IL CROCIALE".

DISPOSITIVO:

" 11º R.I. lançado na direção de W. atrás do 1º Esq. Recn. com a previsão de atingir o PANARO.

- 1º R.I., na direção geral de ZOCCA, com indicações para atingir linhas sucessivas.

O Q.G. Avançado da D.I.E. transportou-se para SASSOMOLARE", acompanhando-o o S. Trns. que, com os seus elementos fez as instalações de transmissões devidas.

No dia 20-4, o 11º R.I. ocupou a margem L. do PANARO e o 6º R.I. estreitou o contato com as resistências inimigas de ZOCCA.

A O.G.O. nº 39, deu IDEIA DE MANOBRA:

- " atacar a região de ZOCCA- IL MONTE e, simultaneamente, progredir no eixo MANZOME - S. MICHELE- MONTALBANO.

Em seguida, progredir na direção geral de MONTE ORSELLO, fazendo face, ao mesmo tempo, ao rio PANARO".

As TRANSMISSÕES equiparam o eixo de Trns. GAGGIO MONTANO- SASSOMOLARE- CASTEL D'AIANO - ZOCCA."

O 1º Esq. Recn. foi lançado na direção de SAMONE.

ZOCCA foi tomada e ultrapassada.

B - PROGRESSÃO SOBRE VIGNOLA E RECONHECIMENTO DA MARGEM W. do PANARO (21 e 22 -4-45)

A O.G.O. nº 40 de 21-4-45 deu a IDÉIA DE MANOBRA:

- Conquistar a região de SAMONE- PONTE SAMONE e, simultaneamente, continuar a progressão na direção ZOCCA- GUIGLIA- para a posse da região de MONTE GUERRO - MONTE ORSELLO - GUIGLIA- ROCHETA e daí apoderar-se das regiões face á MARANO E A VIGNOLA.

A O.G.O. nº 40, de 21-4-45, determinou um dispositivo, tendo em vista o desenvolvimento da progressão para o N. e a conversão sobre o PANARO.

As TRANSMISSÕES montaram o sistema no eixo SASSOMOLARE- CASTEL D'AIANO- ZOCCA- GUIGLIA.

O Q.G. avançado da 1a. D.I.E. mudou-se no dia 21-4 para C. GROTTI., tendo sido, previamente, feitas todas as instalações de trns. pelo pessoal de trns.

O 1º Esq. Recn. foi lançado para o N. do Rio PANARO.

Na noite de 22-4, a Divisão teve quase todos os seus elementos na margem L. do Rio PANARO.

DISTRIBUIÇÃO DE CABO DE CAMPANHA (de 19-4 a 22-4-45):

W- 110 B

331 DR-4 ou sejam 261.490 ms

160 DR-5 ou sejam 256.000 ms.

IV - 4a. FASE

PERSEGUIÇÃO (22-4 -á 2-5-45)

A - OPERAÇÕES ENTRE OS RIOS PANARO E ENZA (22 a 25-4-45)

A O.G.O. nº 42 de 22-4-45 deu a IDÉIA DE MANOBRA:

- contornar as resistências das alturas de MARANO com uma progressão sobre C.MALASSI - P. GALLONI e sobre PANARO- CAMPRIGLIO.
- Cortar a retirada do inimigo entre o PANARO E O SECCHIA, particularmente sobre a estrada nº 12.

DISPOSITIVO da D.I.E.:

- 1º R.I.(menos o IIBtl.), conservando-se na margem L. do PANARO, lançando reconhecimentos sobre a margem W.
- 6º R.I. (menos o III Btl.), transpor o PANARO, a W. de MARANO, e atingir a linha de DENZANO.
- 11º R.I. (menos o II Btl.), transpor o PANARO, a L. de MARANO, e atingir a linha de CASTELVETRO.

GRUPAMENTO NELSON DE MELLO, MOTORISADO: transpor o PANARO e atingir a região de FORMIGENE.

GRUPAMENTO DE TANKS- operar em proveito do Grº N. de MELLO.

TRANSMISSÕES - Segundo o eixo: ZOCCA- VIGNOLA- C. de SOLA;

Composição do Grupamento N. de MELLO:

- III/6º R.I. - II/1º R.I. - Cia. Obz/6º R.I.- 1a. Cia. E. - Uma Cia. Ren./994 Bn.T.D. -(USA)- dois pel. T.M./994 Bn. T.D. - elementos de transmissões- elementos de saúde.

IDEIA DE MANOBRA dada pela O.G.O. nº 43 de 23-4:

- perseguir o inimigo entre os rios SECCHIA e ENZA e bloquear os movimentos do S. para o N., particularmente nas direções de MODENA E REGGIO."

Ada Mello
- DISPOSITIVO:

GRUPAMENTO N. de MELLO- transpor o SECCHIA e atingir SABIONE- AO-CETO.

GRUPAMENTO do 11º R.I. - (Composto do 11º R.I. menos o II Btl., uma Bia. do 1º G.O. e 2a. Cia./9º BE), atingir a região de CASAL-GRANDE- SCANDIANO.

6º R.I. (menos o III Btl.)- continuar o bloquear as estradas entre os Rios PANARO E SECCHIA.

1º R.I. (menos o II Btl.)- manter a margem L. do rio PANARO, lançar reconhecimentos profundos na margem W. do mesmo rio e conservar a ligação com o 371 Regimento (USA)"

ARTILHARIA - pôr os seus meios de transporte á disposição dos R.I.

GRUPAMENTO DE TANKS- em proveito do GRUPAMENTO N. de MELLO.

TRANSMISSÕES - no eixo ZOCCA- VIGNOLA- CÁ DE SOLA- SASSUOLO- SCANDIANO.

1º ESQ. RCN.- em reconhecimento na região de MONFESTINO e de SASSUOLO.

■ Q.G. Avançado da D.I.E. transportou-se no dia 24-4-45 para VIGNOLA", tendo-o precedido o S.Trns. que preparou todas as instalações de Trns.

A O.G.O. nº 64 de 25-4-45 deu a seguinte IDÉIA DE MANOBRA:

" Continuar a perseguição particularmente nas direções de MONTECCHIO E S. POLO D'ENZA; procurar bloquear os movimentos do inimigo do S. para o N., principalmente na estrada nº 63."

DISPOSITIVO:-

Grupamento N. de Mello - extinto;

6º R.I. atingir o córte do rio ENZA;

11º R.I. - continuar a bloquear as estradas que vêm de S.;

1º R.I.- transpôr o rio PANARO e ocupar a região: MONFESTINO- DALMACIO;

1º ESQ. RCN.- reconhecer a região entre os rios ENZA e PARMA.

TRANSMISSÕES- segundo eixo VIGNOLA - SASSUOLO- SCANDIANO- QUATRO CASTELLA- MONTECCHIO".

GRUPAMENTO TANKS:- em proveito da Infantaria.

ENGENHARIA:- sem alteração.

Todas as missões fôram cumpridas, de acordo com a O.G.O., no mesmo dia 25-4-45".

CABO DE CAMPANHA DISTRIBUIDO: (de 22-4 a 25-4-45)

W- 110 B

65 DR-4 ou sejam 51.350 ms.

12 DR-5 ou sejam 19.200 ms.

W- 130

5 DR-4 ou sejam 16.000 ms.

B - OPERAÇÕES NOS VALES DOS RIOS ENZA E PARMA (26-4-45).

IDÉIA DE MANOBRA:- de acordo com a O.G.O. nº 45 de 26-4-45 (06,00 horas):"

- encetar a perseguição entre o ENZA e o TARO; bloquear as estradas que vêm do S., principalmente a de nº 62, de maneira a cobrir, em particular, a região de PARMA."

No dia 26-4-45 fôram cumpridas as seguintes missões:-

6º R.I. lançado para o norte de PARMA;

11º R.I. articulado para bloquear as estradas que vêm de S. para o N.

1º ESQ. RCN. - reconhecer o corte do rio TARO.

1º R.I. - sem alteração.

O Q.G. Avançado da D.I.E. se transportou, em 26-4-45, para MONTECCHIO.

C - OPERAÇÕES NO VALE DO TARO (de 26-4- a 2-5-45).

1- COMBATE DE COLLECCHIO:

A O.G. O. nº 46 de 26-4-45 (21,00 horas), tendo em vista a presença do inimigo no vale do TARO, deu missões e dispositivos às Unidades.

" O Combate de COLLECCHIO, que foi um combate de vanguarda, preliminar de uma ação principal, foi, na tarde de 26-4-45, começado pelo ESQ. RCN., desenvolvido pelo II/11º R.O., reforçado pela 2a. e 8a. Cias. do 6º R.I. e apoiado por Tanks. O inimigo resistiu durante toda a noite, mas às 12,00 horas de 27-4 as tropas alemãs haviam sido subjugadas."

2- COMBATE DE FORNOVO -

IDÉIA DE MANOBRA de acordo com a O.G.O. nº 47 de 27-3:-

"- cobrir as regiões de PARMA E FIDENZA face ao S. e estar em condições de operar na região de PIACENZA".

Foi, então, armado um dispositivo para capturar o inimigo no vale do TARO e não deixá-lo escapar pelas regiões L. e W. do mesmo. A O.G.O. nº 48 de 28-4, deu a seguinte IDÉIA DE MANOBRA:-

- barrar a progressão inimiga do S. sobre PARMA, FIDENZA, FIRENZUOLA e PIACENZA, com maior esforço no vale do TARO.

- ocupar CASTELVETRO- CREMONA- PIACENZA para isolar as tropas alemãs do S. das do N. Foi realizado o DISPOSITIVO devido e prescrito pela O.G.O.

O combate de FORNOVO iniciou-se na manhã de 28-4; o 6º R.I. executando a ação principal, agia particularmente no eixo COLLECCHIO- FORNOVO e a S.L. de FORNOVO. O 1º ESQ. RCN. cobria estreitamente o flanco W. do 6º R.I., agindo cerradamente sobre o inimigo. O 11º R.I., cobrindo o flanco L. do 6º R.I., bloqueava qualquer progressão inimiga de desbordamento do vale do TARO e cooperava mesmo estreitamente com elementos daquele Regimento.

O 11º RI. ultimava a sua instalação, em SALSOMAGGIORE", completando a operação em cooperação com o 6º RI.

Na noite de 28/29-4, a pressão sobre o inimigo, no Vale do TARO, tornou-se muito cerrada. Os parlamentares alemães apresentaram-se e, na madrugada de 29, fôram estabelecidas as medidas para a rendição incondicional da 148ª. P. Ge. alemã e de outros elementos inimigos. A rendição que começou á 29-4 s'o terminou a 2-5.

D - OCUPAÇÃO DA MARGEM DO RIO PÓ E SUA TRANSPOSIÇÃO.

(de 28-4 a 2-5-45)

Cobrando o flanco do IVº CORPO, junto á 34ª D.I. (USA), a 1ª. D.I.E. passou a operar nas margens do rio PÓ, na região de PIACENZA. Na jornada de 29-4, as regiões de PIACENZA, CASTELVETRO-CREMONA e a historica cidade de LODI já estavam ocupadas por tropas brasileiras e a ocupação da margem S. do citado rio se prolongou pelos dias seguintes.

E - OCUPAÇÃO DE ALESSANDRIA- LIGAÇÃO COM A 92ª. D.I.(USA) e COM O EXERCITO FRANCÊS. (30-4 a 2-5-45)

"A 29-4-45 fôram expedidas ordens preparatórias para o 11º RI., tendo em vista a ocupação de ALESSANDRIA e a ligação com a 92ª. D.I. (USA).

- O 1º ESQ. RCN. foi logo lançado para a região de ALESSANDRIA, e na manhã do dia 30-4 a O.G.O. nº 49, determinou a constituição de 3 Grupamentos:

GRUPAMENTO Nº 1 = 1º RI., II G.O. e 3ª. Cia. Eng., elementos de Trns., na região de PIACENZA, continuar com a missão.

GRUPAMENTO Nº 6 = 6º RI., III G.O., 2ª. Cia. Eng. e elementos de Trns. no vale do TARO, para completar a limpeza daquela região.

GRUPAMENTO Nº 11 = 11º RI., 1º ESQ. RCN., Iº G.O. e 1ª. Cia. Eng. ocupar, ainda na jornada de 30, a região de ALESSANDRIA, lançando varios reconhecimentos; lançar a 1º de maio um reconhecimento sobre TORINO".

A 2-5-45, elementos do 11º RI. ocuparam TORINO e SUSA, onde entraram em ligação com as tropas francesas."

O Q.G. Avançado da 1ª. D.I.E., ainda no dia 2-5, instalou-se em ALESSANDRIA. " NA noite de 2-5, o Comando do IVº CORPO DE EXERCITO comunicou a 1ª. D.I.E. que as operações no T.O. da Italia estavam terminadas com a rendição total de todas as tropas alemãs.

- Durante esse Período, a 3ª. Secção:

- realizou reconhecimentos e participou de outros, particularmente nas regiões de MONTESE e SASSOMOLARE.

- deslocou um elemento para ocupar as operações da 10a. Div. Mont. (USA) durante a fase do COMBATE DE MONTESE.
- acompanhou o COMBATE de MONTETE no P.C. do 11º R.I. e destacou elementos para assegurar a ligação com os Carros, na região de MONTESE.
- destacou um elemento para acompanhar o Grupamento N. de MELLO.
- acompanhou o Chefe do EM/1a. D.I.E. nas medidas da rendição da 148a. Div. (Alemã).
- Para todas as atividades da 3a. Secção, o S. Trns. forneceu os elementos e procedeu às instalações de Transmissões.

AS TRANSMISSÕES NO 6º PERÍODO (OFENSIVA DA PRIMAVERA) de 9-4 a 255 -45)

Até o COMBATE DE ZOCCA na 3a. FASE houve o uso intenso e continuou o abuso do telefone, persistindo e falta de cumprimento exato das medidas de segurança ordenadas e recomendadas pelo Comando. O vício do telefone chegou a tal ponto que quando, já em ZOCCA, foi dito que não era mais possível, de vez que os deslocamentos de P.C., com a ofensiva, estavam se tornando frequentes e cobrindo distancias enormes, houve uma espécie de pânico generalizado. Foi preciso que o Chefe do S. Trns. expusesse com toda a autoridade ao Exmo. Sr. Gen., ao seu E. Maior e a todos os interessados que não seria mais possível a utilização do telefone, razão por que passaríamos a usar o rádio como meio principal de trns. Foi notado que todos receberam a noticia cheios de relativa desconfiança, pois estavam acostumados no Brasil a vêr o rádio sempre falhar.

- Depois de ZOCCA, já na progressão sobre VIGNOLA e daí em diante, somente o rádio foi utilizado e da maneira mais intensiva, porque os deslocamentos de P.C. eram grandes e constantes. Muitas vezes a distancia excedeu o limite das possibilidades da estação de rádio e se tornou necessario fazer a exploração em PONTE.

A falta de radio-operadores bons, em quantidade suficiente, nos teria levado á situações muito sérias se a perseguição tivesse continuado mais alguns dias, porque aqueles de que dispunhamos na Divisão já estavam esgotados de tanto dobrar no serviço.

A exploração das rêdes rádio, tanto na rêde de Comando da Div. como nas demais, não foi perfeita, porque atentou contra a segurança das transmissões. As autoridades que precisavam das comunicações não se conformavam com o uso da rádio telegrafia, porque dispendia algum tempo na criptografia das mensagens,

ABL

Continua.

sd maty
uj
na manipulação e recepção, no cotêjo, etc... A Chefia do S. Trns., diante da insistência das reclamações sobre que o rádio era muito moroso, resolveu instalar o sistema em fonia na rede de Cmdo. da Divisão. - A disposição do G-3, foi posto um dispositivo de controle á distância da SCR-399 e, assim, o Comando e o seu Estado Maior puderam ter contato cerrado com os Comandos de R.I., sem se deslocar da sua Secção. A rede de reconhecimento ficou á disposição do G-2 e a ligação do ESQ. RCN. com o E.M. foi quase perfeita. A exploração nesta rede foi toda ela em telegrafia. Houve senões, porque o Esquadrão se deslocava rapidamente e por vezes excedia o limite de alcance da estação SCR- 193. Todavia, logo eram tomadas as providências possíveis e o caso era remediado.

7º PERIODO

OCUPAÇÃO (3-5 á 20-6-45)

I - DISPOSITIVO INICIAL

" A O.G.O. nº 50 de 3-5-45, estabeleceu o seguinte:

GRUPAMENTO Nº 1 (Gen. CORDEIRO DE FARIAS): 1º R.I., II G.O., e 3a. Cia. Eng., na região de PIACENZA.

GRUPAMENTO Nº 6 (Gen. FALCONIERE): 6º RI., IIIº G.O., 2a. Cia. Eng., na região TORTONA-VOGHERA - CASTELNUOVO.

GRUPAMENTO Nº 11 (Gen. ZENOBIO):- 11º R.I., Iº G.O. e 1a. Cia. Eng. na região de S. SALVATORE - ALESSANDRIA.

1º ESQ. Rcn.= região de STRADELLA

IVº G.O. = região de S. GIULIANO

1a. Cia. TRNS. = ALESSANDRIA

COMANDO DO 9º BE. = MARENGO

II = EVOLUÇÃO DO DISPOSITIVO

A O.G.O. nº 51 de 8-5-45, reorganizou o dispositivo do seguinte modo:-

I.D.=

Cmdo. em ALESSANDRIA

- 1º RI.= região de PIACENZA

- 6º RI.= região de VOGHERA - CastelNUOVO -
TORTONA

- 11º RI.= região de IL CRISTO

A.D.

Cmdo = em STRADELLA

Iº G.O. em IL CRISTO

IIº, IIIº e IVº G.O. em região de COSTEGGIO- BRONI,
STRADELLA, CASTEL S. GIOVANNI.

9º BE. = VALENÇA

1º ESQ. RCN. S. GIULIANO

1a. Cia. TRNS.= ALESSANDRIA

Houve, durante o tempo de ocupação, alguma instrução de ordem unida, desfiles e de educação física.

A ocupação foi total na zona atribuída à Divisão, até o dia 3-6-45, quando as Unidades iniciaram o seu deslocamento para FRANCOLISE, deslocamento que terminou à 20 do mesmo mês.

Durante o período de ocupação, o telefone foi o meio principal utilizado. Os sistemas instalados pelas Unidades foram conectados às Centrais telefônicas civis as quais passaram a ser controladas pela nossa tropa. A rede civil estava muito defeituosa devido a ação dos bombardeios aliados e da sabotagem do inimigo. Mas foi ela consertada, tanto quanto possível, pelo próprio pessoal civil sob a fiscalização nossa, e prestou bons serviços. Não foram utilizados os rádios por não mais terem sido necessários.

O circuito Italia-Brasil com a SCR-399 passou a ser explorado também em fonia, de modo que os expedicionários pudessem comunicar-se com as suas famílias por meio do telefone. O sucesso foi formidável. Colaboraram na instalação, manutenção e exploração do circuito: - o S.Trns. da F.E.B., a Diretoria de Trns. do Exército, a Radio Guanabara e a Rádio NACIONAL. Caracterizou tal serviço o fato da exploração em fonia ter sido feita somente por oficiais, afim de garantir a maior eficiência possível e desejada. Na Italia trabalharam: o Major MATTA, Chefe do próprio S. Trns., Cap. MIRANDA, Chefe, digo Cmt. da Cia. Trns., o 1º Ten. HERVÉ PEDROSA, adjunto do S. Trns e competente técnico que instalou pessoalmente a estação JJQW e controlou o serviço, o 1º Ten. SIQUEIRA, oficial radio da D.I.E. e o 1º Ten. ADAVIO SABINO, oficial do S. Trns. do Depósito de Pessoal da F.E.B. que fôra requisitado ^{para operar a estação} quando todos os elementos divisionários houvessem partido para o Brasil.

8º PERÍODO

DESLOCAMENTO DA DIVISÃO PARA A ZONA DE EMBARQUE

(de 4-6 à 23-6-45)

Feito em automovel por GENOVA- LIVORNO- ROMA-FRANCOLISE, por via férrea BOLONHA- LIVORNO - FRANCOLISE e por via marítima entre LIVORNO e NAPOLIS.

Pela O.P.O. nº 51 de 6-6-45 se deslocou uma Sec. da 1ª Cia. Trns. O S.Trns. se deslocou, com os seus elementos, a 4-7-45, de ALESSANDRIA para FRANCOLISE (NAPOLIS), onde continuou a funcionar, regularmente, a estação JJQW.

hato
sd. rj.

TOTAL DE CABO DE CAMPANHA DISTRIBUIDO PELO DEPÓSITO DE MATERIAL DE TRANSMISSÕES DURANTE AS OPERAÇÕES NA ITALIA:

Cabo W- 110 em bobina DR-4

5.219 ditas, ou sejam 4.123.010 ms.

Cabo W- 110 em bobinas DR-5

2.239 ditas, ou sejam 1.343.400 ms.

5.466.410 ms.

Total de cabo W- 110 = 5.466.410

Cabo W- 130 em DR-4

258 ditas, ou sejam 825.600 ms.

Cabo W- 130 em DR-8

795 ditas, ou sejam 318.000 ms.

1.143.600 ms.

Total de W- 130 = 1.143.600 ms.

ABL

I - AS TRANSMISSÕES COMO ARMA (OU SERVIÇO).
NECESSIDADE DA SUA INDEPENDENCIA.

As TRANSMISSÕES no Brasil ainda não teem, não sò da parte de quem de direito, mas também da de todos, a consideração que deveriam merecer. Não nos referimos àquela consideração tratada nos estudos teóricos e nas soluções dos temas táticos, muito bem preparados, estudados e resolvidos pelos nossos oficiais, em geral, nos diferentes cursos nas escolas de Formação, de Aperfeiçoamento ou de Estado Maior. Referimo-nos, sim, àquela consideração traduzida em organização pessoal, em dotação de material padronizado, tudo em quantidades e qualidades condizentes com a situação atual, cheia de prestígio internacional, do nosso Exército, cuja importância é desnecessário ressaltar. Referimo-nos àquela consideração que faz lembrar o que sempre disse o ainda grande General Napoleão Bonaparte, referindo-se às principais condições para se alcançar a vitória por meio da guerra: "dinheiro, dinheiro, dinheiro". A guerra que acabamos de vencer mais uma vez confirmou tal sentença. Mas o dinheiro de hoje não é mais aquele com que se pagavam os mercenários, e sim o princípio fundamental de equilíbrio da vida material em que se baseiam todos os exercícios das atividades humanas. Quer se chame crédito, nas operações comerciais, quer se chame indústria na transformação da matéria prima em utilidade de vida; quer se chame trabalho na aplicação das energias humanas, quer se chame capital nos depósitos em casas bancárias, é ele - o dinheiro - que sempre movimenta a civilização. A guerra de hoje é a guerra do material e a indústria se apresenta, no caso, como pedra angular de todas as suas soluções na direção da vitória. O material é a produção do homem e pode ser sempre fabricado e substituído; a vida é uma criação de Deus e é única; não se substitue. Portanto, nada mais justo, em se tratando de destruir, do que utilizar-se ao máximo o material e pouparem-se, o mais possível, as vidas.

As TRANSMISSÕES, na organização militar, relativamente, são uma das atividades de mais elevado custo. Afim de ressaltar a importância que os nossos amigos norte-americanos lhes dão, registamos aqui as palavras do Chefe da Junta de Produção de Guerra da grande República do Norte, Mr. DONALD NELSON, em fevereiro de 1944: "...gastaremos em material de rádio o mesmo que foi necessário para a construção do canal do Panamá. A medida que os nossos êxitos se multiplicam, à medida que as nossas forças armadas penetram no território inimigo, torna-se mais urgente a organização de comunicações rápidas entre elas..."

As TRANSMISSÕES "cujo escopo precipuo é relacionar o Comando, os elementos combatentes e os serviços, no tempo e no espaço, com o fim de assegurar a convergência, bem como a orientação de todos os esforços, em proveito da missão" - representam para todas as Armas o que representa a Voz para o próprio homem; constituem-se elas um verdadeiro dom sem o qual, atualmente, nenhuma operação militar pôde ser executada. "Uma tropa sem transmissões é como um homem paralítico: não anda." Elas - as TRANSMISSÕES, conseqüentemente, devem passar a ser tratadas com mais cuidado, ensejando-se-lhes a oportunidade da sua independência.

Adm. h. 1
ij.
Não mais se justifica dependerem elas da ENGENHARIA que é outro ramo de especialização maximum nos tempos atuais. Elas, as TRANSMISSÕES e a ENGENHARIA, agem, paralelamente, e não teem pontos de contato que justifiquem a subordinação rígida ainda existente no Exercito Brasileiro. Miremo-nos nos espelhos das organizações dos Exercitos que venceram a guerra, onde encontraremos ensinamentos os mais uteis que não devemos desprezar. Notaremos que, neles, as TRANSMISSÕES trabalham independentes e fortes, cheias de estímulo e de eficiencia. Meditemos sobre os motivos que levaram os norte-americanos, que são o maior exemplo de organização no mundo, a crear, manter e a desenvolver ao mais alto grau, o seu "SIGNAL CORPS", e chegaremos à conclusão que é assunto de capital importancia para nós que desejamos o nosso Exercito eficiente, mesmo nos momentos de maior dificuldade, a proclamação da independencia das nossas TRANSMISSÕES, que se devem constituir em ARMA ou em SERVIÇO, tal como acontece com as demais ARMAS, ou com os SERVIÇOS DE INTENDENCIA ou de SAUDE.

Os que nos momentos críticos tiveram a impressão exata do que significam as TRANSMISSÕES no exercicio do Comando, todos teem se convencido da urgente necessidade da sua emancipação e passaram a apoiar o ponto de vista que com muito critério e acêrto vem defendendo, em artigos publicados nas revistas militares, desde vários anos passados, o Major de Eng. ALFREDO SOUTO MALAN, que tambem é um brilhante oficial de Estado Maior. O Exmo. Sr. Gen. MINISTRO DA GUERRA, cujos grande visão e peritos conhecimentos das nossas coisas militares, ao serviço de muitas iniciativas e realizações, tanto teem feito em prol da nossa classe, certamente compreenderá o motivo por que nos expressamos deste modo e providenciará para que seja posta em prática a medida que o amadurecimento da razão e os proveitos da experiencia aconselham. E assim, razões sobejas nós temos para esperar a criação do CORPO DE SINALEIROS no nosso querido EXERCITO, o qual, inicialmente, não deverá ser grande, mas com uma organização necessária e suficiente para atender às nossas necessidades militares. Neste particular pedimos ao Exmo. Sr. Gen. MASCARENHAS DE MORAES, nosso eminente Chefe que tão bem nos comandou durante a guerra, em que sentiu de perto o nosso entusiasmo patriótico cheio de hierático respeito à sua pessoa e à função que tanto honrou nos campos de batalha, como representante maximum da nossa augusta Patria, que, agora na paz, seja o iniciador, o defensor e o realizador do ideal daqueles que tudo fizeram para mostrar que as TRANSMISSÕES, com liberdade de movimentos, realmente funcionam e servem efficientemente ao exercicio do Comando.

II - LIGEIRO COMENTARIO

a) ORGANIZAÇÃO DAS TRANSMISSÕES DIVISIONARIAS.

Somos de parecer, pelo que vimos e sentimos, na guerra, que a organização das transmissões na Divisão tipo norte-americana, por ser bem ílexível, é muito boa. Entretanto, para nós, brasileiros, ela apresenta sinões de muita importancia. Assim, por exemplo, o acumulo de funções de responsabilidade atribuidas a um mesmo soldado - geralmente um especialista - que para o "yankee" é uma coisa relativamente fácil de ser conseguida em virtude do seu elemento homem em geral ter um grau de desenvolvimento físico, intelectual e moral capaz de atender a todas as conveniencias, para o brasileiro é um problema muito sério. Si para se conseguir um radio-operador bom já é uma dificuldade, imagine-se o que será arranjar-se muitos deles que além de tal especialidade sejam ao mesmo tempo bons motoristas, atiradores, mineiros, etc...

Bem sabemos que as possibilidades técnicas das tropas de transmissões são função da dotação especializada em pessoal e em material. E na guerra, onde as dificuldades que tivemos de enfrentar foram muitas e de várias naturezas, a consequencia do problema foi o aumento de efetivos. Também teve este mesmo resultado o fato do nosso "pracinha", apesar de todo o seu sadio entusiasmo, por deficiencia física e exata compreensão da sua responsabilidade, não apresentar o mesmo rendimento apresentado pelo soldado norte americano, geralmente bem nutrido, forte e instruido.

Durante as operações de guerra, no Teatro de Operações da Italia, todas as Unidades tiveram de aumentar, regular ou irregularmente, o efetivo do seu pessoal de transmissões, porque o previsto pela dotação era insuficiente para os nossos soldados, maxime para a construção e conservação de linhas.

Achamos muito interessante e devéras util a seriedade com que o norte-americano encara a dupla função do oficial Cmt. das Trns. da Divisão : a de oficial de serviço do Q. G. (e como tal assistente técnico e conselheiro do Cmt. da Divisão e do seu Estado Maior em todos os assuntos relativos às transmissões, inclusive a segurança e o reaprovisionamento) e a de Comandante de tropa para efeito de instrução e de emprêgo, em intimo contato, comandando diretamente, os oficiais de C.M., de T & T, de rádio e de linhas, sem que isso atinja, prejudicando-as as atribuições normais do Capitão Comandante da Cia. de Trns.

Fl. 94

Adm. Maj.

O Cmt. da Cia. de Trns. da Ia. D.I.E., Cap. MARIO DA SILVA MIRANDA, administrou a sua sub-unidade, dirigiu a instrução da mesma e auxiliou sempre o Cmt. das Trns. da Divisão, de quem foi um assistente para as questões de emprêgo da citada Cia.; ele foi o responsável pela disciplina da pessoal da Cia. perante o Cel. Cmt. da Tropa Especial do Q.G. a que estava subordinado.

Entre o Cmt. das Trns. e o Cap. Cmt. da Cia. de Trns. sempre houve a maior harmonia, razão porque trabalharam em íntima cooperação e produziram o maximum.

A responsabilidade pelo emprêgo das TRANSMISSÕES dentro da Divisão foi, durante toda a campanha, sempre exclusiva do Major Cmt. das Trns. (Chefe do S. Trns.); jamais foi delegada a outrem.

O Cmt. da Cia. de Trns. sempre teve, bem como os seus oficiais subalternos, a maior liberdade de ação para organizar a sua sub-unidade em equipes e turmas de trabalho, com o fito de cumprir as missões dadas com maior eficiência. E isto muito favoreceu o ritmo das atividades do pessoal.

Como se sabia e se esperava, nenhuma das secções (extranumerária, de construção e de exploração) exerceu atividades como um todo, como uma unidade; as equipes e turmas sempre foram empregadas trespalhadas.

A unidade de trabalho da Cia., apesar de sub-dividida em equipes e às vezes em turmas devido à imposições do serviço a atender e cumprir, foi o GRUPO, de acordo com as normas regulamentares.

Devido ao emprêgo da Divisão ter sido sempre ~~feito~~ em condições particulares, fora das Normas Gerais de Ação (N.G.A.), não houve oportunidade para que o Cap. Cmt. da Cia., cumprindo as ordens do Cmt. das Trns., sub-dividisse a Cia. rigorosamente de acordo com as N.G.A. norte-americanas para as transmissões, isto é, em um destacamento de Posto de Comando e um dito de escalão de retaguarda. Sem embargo, aproximando-se o mais possível do que devia ser, foi a Cia. mais empregada, jogando-se diretamente com as equipes e turmas, constituindo-se em destacamentos de composição variável de acordo com as necessidades do momento, de modo a facilitar a execução das missões atribuídas a tropa.

Na Secção Extranumeraria da Cia. houve a imperiosa necessidade de determinar melhor as atribuições do oficial intendente, dando-se-lhe a função de oficial de suprimentos (mais comumente chamado de "S-4", de acordo com as normas norte-americanas), e de criar a função de oficial de motores da sub-unidade, tal o vulto da significação do que era manter as viaturas da Cia., em boas condições.

Na Secção de Construção houve necessidade de reforçar o efetivo dos construtores de linhas.

Na Secção de Exploração houve necessidade de ser aumentado o seu efetivo.

Adm. H. H. H.
uj.
b) - MATERIAL DE TRANSMISSÕES (APRECIACÕES)

1 - Muito bom, todo ele padronizado ("standard") e de grande resistencia, o material de transmissões com que trabalharam os elementos de transmissões da Ia. D.I.E. representam, pela sua necessaria quantidade e pela sua alta qualidade uma alta percentagem nos sucessos da ARMA DO COMANDO NAS OPERACÕES DE GUERRA NA ITALIA. Sò mesmo quem teve oportunidade de viver os momentos de tais operações pôde fazer idéa segura de como é imperiosa a padronização do material de transmissões e as facilidades que ela proporciona tanto nos trabalhos de instalação e de exploração, como também nos de manutenção (reparos e demais mistéres de oficina). E' um ensinamento que não devemos esquecer, e tudo devemos envidar para padronizar todo o material de transmissões do Exercito Brasileiro.

Outro ensinamento também importante é o que diz respeito à quantidade. Ha necessidade de que ela não se limite ao minimum "absoluto" do que se calcula, porque sempre aparécem casos especiais. O material de transmissões, principalmente o de rádio, sempre dà defeito e é preciso que nessa ocasião haja outro equipamento de substituição immediata, enquanto o defeituoso é submetido à reparo, afim-de que não haja perda de tempo e, por conseguinte, não haja prejuizo nas operações militares.

2 - TELEFONE EE-8

Muito rustico e eficiente suportou o EE-8 todos os rigores da campanha, quer durante o verão quer durante o inverno. Utiliza a pilha BA-30, consumindo-a muito pouco, numa média de 2 meses. E' ele de facil reparação em campanha.

3 - CENTRAIS TELEFÔNICAS (TC-4) E QUADROS COMUTADORES BD-71 E BD-72

Equipamentos muito rusticos e muito efficientes ofereceram a vantagem de possuir, como parte do seu próprio conjunto, bobinas trasladoras (C-161), que fôram muito empregadas na apropriação de circuitos para estabelecimento de circuitos fantasmas. São de simples e rápida reparação, mas são muito sujeitos à ação da humidade, que produz, em pouco tempo de serviço, sob más condições, forte indução entre réguas próximas, a ponto de provocar comunicações cruzadas. Esse defeito sò desaparece após a secagem completa, em estufa, de toda a instalação, operação essa que exige a sua completa desmontagem.

Si a nossa fabrica de material de transmissões collocasse em tais equipamentos um fio com melhor isolamento (de esmalte ou acetato), teriamos alcançado o tipo ideal de material para o fim a que se destina.

4 - MATERIAL DE OFICINA

Graças à completa dotação de material e de aparelhamentos diversos, tais como de solda, de testes, etc., poudo o Grupo Técnico da Cia. de Trns. cumprir bem o seu dever, recuperando com relativa rapidêz, pelos reparos de 3º escalão, o material de transmissões avariado provindo de todas as Unidades da Divisão. Os mecânicos de telefonia e de rádio sempre dispuzéram

Fl. 96

Ad. M. M.

dos elementos de que necessitaram para atender as suas necessidades. Neste particular, a Cia. de Trns. com as suas viaturas oficinas e o seu material está bem dotada para os trabalhos em campanha e deve servir de modelo à organização brasileira.

5 - ESTOJO DE FERRAMENTA TE-33 PARA A CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO DE LINHAS.

De tamanho bem reduzido, de fácil transporte, pois é para ser prêsso à cintura, é um excelente recurso que permite a todo o pessoal executar emendas perfeitas e rápidas. Ele no sistema norte-americano desempenha o mesmo papel da nossa bolsa de assentador, e, na campanha, demonstrou ser mais prático.

6 - FIOS DE PROVA

Tais fios, adaptaveis aos telefones, formam com estes um excelente aparelho de prova, capaz de examinar rapidamente uma linha sem necessidade de seccioná-la ou de remover o isolamento dos condutores. Devemos adotá-~~lo~~ intensivamente.

7 - TESTE EE-65

Não foi muito usado, porque os construtores de linhas não se ajeitaram bem com ele. Deu muito bons resultados quando foi empregado, durante a defensiva em **POBRETA TERME**, no "CENTRO DE CONSTRUÇÃO".

8 - CABO DE 5 PARES (C-345)

Foi muito usado para ligar os circuitos troncos e os locais longos, através dos blocos terminais TM-184, às centrais telefônicas ou aos quadros comutadores. É muito prático e dá muito boa aparência no acabamento dos trabalhos. Com o seu uso, evitam-se as grandes quantidades de fios emaranhados chegando diretamente à Central, o que empresta ao conjunto um aspecto muito desagradável, principalmente quando não são eles - cabos de campanha ou fios - amarrados em feixe, de poucos em poucos metros de distancia. O emaranhado de cabos oferece obstáculo à identificação do circuito que se procura para a remoção de defeitos.

Aconselhamos o seu uso sistemático no nosso meio.

9 - BLOCOS DE TERMINAIS TM - 184

Servem para a ligação das linhas tronco e locais longas aos cabos de 5 pares (C-345). Muito rusticos, com os bornes terminais muito sólidos e com excelentes características elétricas e mecânicas, são muito bons para auxiliar muitíssimo os trabalhos de etiquetagem, de verificação, etc... das linhas. Déram ótimos resultados conosco. Devemos usá-los muito no Exercito Brasileiro.

10 - BOBINAS DE CARGA (C-114)

Destinam-se a melhorar as características elétricas dos circuitos longos, aumentando a sua indutancia e, em consequencia, aumentando o alcance das comunicações. Devido ao seu baixo rendimento, agravado muitas vezes pelo seu uso inadequado, não déram nas mãos dos nossos construtores de linhas bom resultado, dando-se preferencia aos repetidores à valvulas;

for notes
ny
11 - REPETIDOR EE-89

Tipo especial para ser usado com o cabo de campanha, alimentado à bateria seca, o EE-89 permite nas comunicações telefônicas um "ganho" de 24 db. Ele foi muito usado nas operações pelo pessoal de transmissões brasileiro, porém jamais foi conseguido alcançar o rendimento desejado.

12 - CABO DE CAMPANHA PESADO W - 110

Material excelente para o fim a que se destina. Muito mais leve e de diametro bem inferior ao do cabo brasileiro, apresenta ótima condutibilidade e grande resistencia à tração, além de isolamento de apreciavel valor e durabilidade.

Na defensiva em PORRETA TERME, tivemos dois circuitos ao longo da ferrovia (esta se achava completamente destruída, quer pela ação dos bombardeios aliados quer pela sabotagem inimiga, ligando a mencionada localidade com a vila de MARANO, as quais estiveram em uso durante quasi dois meses sob a ação da neve sem darem grandes alterações.

Uma bobina que contem 333 metros de cabo, aproximadamente, (cabo pesado duplo, brasileiro) pode conter 1/2 (meia) milha, ou sejam 804 metros, de cabo norte-americano tipo W-110, duplo, pesado.

13 - CABO LEVE W - 130

Muito bom para linhas curta e de muito pouca duração ele tem o seu isolamento fraco e apresenta relativamente pequena resistencia mecanica. Tem a vantagem de ser duplo, torcido, e na infantaria prestou relevantes serviços às atividades de patrulhas.

A Cia. de Trns. não o usou.

14 - CABO DE CAMPANHA DE LONGO ALCANCE - W - 143

A sua designação em inglês é de "LONG RANGE TATICAL FIELD WIRE - W - 143"

Não é da dotação da Divisão; foi muito usado pelo IVº C.EX. até mesmo em casos de auxilio à nossa Divisão.

Para ser usado nas comunicações telefônicas entre distancias superiores às do alcance do W-110, cerca de 25 (vinte cinco) kms. (em condições favoraveis), nos casos em que não se acham disponiveis as outras facilidades de longo alcance, como o rio nu, ele presta muito bons serviços.

As características elétricas e mecanicas desse cabo são de tal ordem que o recomendam como excelente material.

Com ele se pode obter comunicações entre distancias até 27 milhas, ou sejam 43,2 kms., utilizando-se telefonos EE-8, em um circuito sem bobinas de carga e sem repetidores. Nos circuitos dotados de bobinas de carga C-114A, com intervalos de 5/8 milha, ou sejam 1000 ms., pode-se obter o maximum alcance de 100 milhas, ou sejam 160 kms. entre telefonos sem uso de repetidores. Com o uso de um telefone repetidor EE-89A colocado no meio (centro) de um circuito dotado de bobinas de carga C-114A, o alcance aumentará até 126 milhas, ou sejam 201,6 kms.

O uso do W-143 pode introduzir alguma distorção na transmissão de mensagens pelo teletipo.

Ad. Mateo
uj
15 - DESENROLADEIRA RL-26A

Fl. 98
E' motorizada e foi muito empregada em campanha, mas não montada em viatura de 2 1/2 ton. e sim em ditas de 3/4 ton. porta armas, o que acreditamos que em muitos casos seja mais eficiente. A viatura de duas e meia ton. oferece a real vantagem de transportar maior numero, de bobinas a serem utilizadas e portanto é capaz de realizar construções muito mais longas com menor numero de viagens. Em compensação a de 3/4 é muito mais manejavel.

No emprego da RL-26A jamais atingiram os construtores brasileiros o rendimento estipulado pelo regulamento norte americano, isto é, 20 milhas, ou sejam, 32 kms. por hora, na construção de linhas.

Em viatura de 2 1/2 ela foi relativamente pouco usada.

16 - DESENROLADEIRA RL-27A (EIXO DE MÃO)

Para ser utilizada por 2 homens na construção de linhas, elas se revelaram de utilidade extrema a todas as Unidades, em geral. Mesma na Secção de Construção da Cia. de Trns. muitas e muitas vezes as equipes tiveram de fazer construções de linhas à mão, utilizando-se a RL-27A. Até ao Esquadrão de Reconhecimento ela deve ser distribuida por dotação para os casos que são especiais; mas que vimos na guerra se apresentarem seguidamente.

17 - DESENROLADEIRA RL-31

Demonstrou na pratica ser um tipo otimo para a construção de linhas, em todos os escalões. Oferece a grande vantagem de poder ser empregada montada em viatura, livre no terreno, em padiola e nos casos de necessidade como carro de mão servindo a propria bobina de roda. Montada em viatura de 1/4 ton. (jeep) para a construção e recolhimento de cabos, e livre no terreno para o enrolamento do cabo recolhido nas bobinas, a RL-31 prestou-nos relevantissimos serviços durante a guerra.

18 - DESENROLADEIRA RL-39

Foi muito pouco usada; foi tambem muito pouco distribuida por não ser da dotação; todavia, em muitas oportunidades apresenta reais vantagens sobre as demais.

19 - MALA BC-5

Muito prática e muito forte presta-se muito bem para o acondicionamento e para o transporte do material de transmissões. E' um ótimo tipo para ser adotado por nós.

20 - TELEGRAFO TG-5A

Para ser usado com o cabo de campanha W-110B, nos casos de apropriação dos circuitos telefonicos, em "simplex", somente foi utilizado na instrução. A falta de operadores bons, o seu pouco rendimento e a relativamente diminuta compreensão por parte do nosso praça e tambem dos utilizadores dos meios de transmissões foram a causa principal do quasi nenhum emprêgo do telégrafo TG-5A. Estamos certos que si dispuzessemos de bons operadores o rendimento do TG-5A teria sido de modo a corresponder as 25 mensagens por hora previstas, com a vantagem da segurança das transmissões.

Ad. Netto
21
21 - TELETIPO

Destinado ao intercâmbio de mensagens impressas entre dois ou mais postos foi, de acordo com as N.G.A., empregado entre os Q.G. das Grandes Unidades com um rendimento e uma eficiência notáveis. Os postos de teletipo entre o Q.G. Avançado da Divisão e o do IVº C.Ex. foram explorados somente pelos norte-americanos especialistas do 2688 Signal Detachment.

Os brasileiros somente exploraram um posto a posto ligando o Q.G. Avançado da 1ª. D.I.E., em PORRETA TERME, ao posto rádio - estação JJQW - do circuito ITALIA - BRASIL, onde houve muita regularidade e muito grande rendimento.

É um meio ótimo que devemos intensificar o uso no nosso Exército.

22 - FACSIMILE RC-120

Destinado a recepção e à transmissão de fotografias, documentos, etc... entre os Q.G. das Grandes Unidades, não foi explorado por pessoal brasileiro no P.C. da 1ª.D.I.E.

23 - CRIPTOGRAFO M-209

Equipamento magnífico destinado ao serviço criptográfico que facilita extraordinariamente ^{o trabalho,} permitindo que seja conseguido um grande rendimento e alta velocidade na expedição de mensagens atendendo a todas as exigências sobre a sua segurança. Em campanha deu sobejas provas da sua real utilidade e devemos usá-lo no nosso Exército.

24 - RADIO SCR- 193

De modulação em amplitude, com a potência de 75 Watts (maximum) em CW e de 25 watts em fonia, demonstrou na prática ^{ser} a SCR-193 uma ótima estação para a campanha para o fim a que se destina. Constituiu a rede de comando da Divisão e também a da A.D. Montada em viatura dotada de instalação elétrica de 12 volts pode ser operada, como de fato sempre o foi, facilmente, pois o seu manêjo é relativamente simples, apresentando apreciável estabilidade na frequência escolhida. A sua faixa é de 1.500 a 4.500 Kc. para o transmissor e de 1.500 a 18.000 kc. para o receptor. Possui vários blocos de sintonia amovíveis. Foi ela muitíssimo empregada na fase final da campanha, durante a perseguição, quando a rapidez dos avanços não permitia o emprêgo dos outros meios. Cobriu distâncias até cerca de 70 (setenta) quilômetros, na rede de comando da D.I.E e na ligação do P.C. da Divisão eventualmente com os G.O.

25 - Rádio SCR-284

É também modulado em amplitude e teve, durante a guerra, um substituto que foi o SCR-694 que não apresentou as mesmas características de resistência.

É de fácil manêjo e de relativamente simples instalação, tendo sido operada tanto em terra, com gerador manual e com baterias de pilhas secas, como sobre viatura (esta parada), utilizando a própria bateria da viatura, fosse ela de 6 ou de 12 volts. Prestou relevantes serviços nas redes de Comando Regimentais, tanto em grafia como em fonia.

O seu alcance variou muito segundo as con-

Ad. M. J. 41. 100
dições de emprêgo e as características do terreno; o maximum com ela conseguido foi de 8 a 10 kms., em fonia, e de 15 a 20 em CW. A sua faixa de frequências é de 3.800 a 5.800 Kc. A calibração da SCR-284 pelas tabélas, caso normal nas Unidades, quasi sempre não corresponde às frequências estabelecidas para as rêdes, fato que provoca muitos embaraços na procura e identificação da estação no meio de tantas outras. O uso do frequencímetro SCR-211 resolve perfeitamente bem o assunto. E' uma bôa estação de campanha.

26 - Estação radio SCR-399

Destinada pela N.G.A. à ligação do P.C. da DIVISÃO com o do IV° C. EX., a brasileira não foi utilizada em tal mistér, porque a referida ligação foi feita pela do mesmo tipo pertencente ao 2688th. SIGNAL DETACHMENT, à disposição do S. TRNS. A brasileira foi utilizada acompanhando o Q.G. recuado da Divisão e trabalhando no circuito radio Brasil - Italia, devidamente adaptada pelo então 1° ten. HERVÊ PEDROZA. O rendimento apresentado não poderia ter sido melhor. Foi operada sobre uma viatura de 2 1/2 ton. convenientemente preparada para tal fim. A outra, também brasileira, do mesmo tipo, distribuída à Cia. Trns. foi operada na rêde de comando da Divisão e algumas vezes, acumulativamente, fazendo a ligação do P.C. Av. com o Q.G. recuado.

27 - RADIO SCR- 300

Modulado em frequencia; magnifico para as rêdes de comando do Batalhão, da Cia. de Obuzes, da Cia. A.C. e para missões especiais. Foi um material de véras critico durante a campanha, tal a importancia que lhe davam os norte americanos, que, de nenhum modo, queriam desfazer-se dele; na distribuição de material à nossa Divisão, ele devia ter sido entrégue em quantidade consoante com a das dotações, mas, em vez dele, o norte-americano nos entregou o SCR-511 (antigo tipo de cavalaria) que deixou muitissimo a desejar, criando-nos muitos e sérios casos. A' custa de muita insistencia e com a interferencia dirêta do Exmo. Sr. Gen. MASCARENHAS DE MORAES junto ao Chere do S. Trns. do V° Ex. e do do IV° C. Ex., foi que se conseguiu, e somente para o 3° ataque ao MONTE CASTELLO, a 18-2-45, a pequena quantidade de 10 estações que fôram entrégues ao 1° R.I., logo na mesma ocasião, em substituição das SCR-511, em igual numero. Depois da referida ocasião, somente para o combate a CASTELNUOVO, a 4-3-45, fôram conseguidas mais 20 delas, 10 das quais fôram entrégues ao 6° R.I. e as outras 10 ao 11° R.I. Não houve possibilidade de se conseguir, antes de terminar a guerra, a quantidade total correspondente à dotação da Divisão, ou sejam 135. A faixa de frequencia da SCR-300, muito alta, vai de 40.000 a 48.000 kc.; é sintonizado manualmente em 40 canais. O seu peso é de somente 40 kgs., digo, de somente 29 kgs. A sua potencia é de 0,5 watts. O seu alcance vai de 3 a 8 kms. Trabalha exclusivamente em fonia; é alimentada por baterias sêcas de pequenas dimensões. E' o tipo ideal para o nosso Exercito.

28 - SCR - 506

Tipo de estação previsto por dotação para os carros M-8 do Esquadrão de Reconhecimento. Foi material critico durante a guerra, e o nosso Esquadrão de Reconhecimento atuou utilizando

Ad. H. 101
do em seu lugar, aliaz com muito bom resultado, a SCR-193. E' modulada em amplitude. Faixa: de 2000 a 4500 no Trns; 2000 a 6000 no rec.

29 - Radio SCR - 508

Modulado em frequencia e destinado às ligações entre os elementos do Esquadrão. Em cada carro blindado M-8 são devidamente instaladas uma SCR-506 (no nosso caso tivemos uma SCR-193) e uma SCR-508. Faixa de trabalho: de 20.000 a 27.000 kc. Dispõe de 80 canais. A sua potencia é de 25 watts e o seu alcance é de mais ou menos 10 km. Sò em fonia.

30 - Radio SCR - 510

Modulado em frequencia. Destinado ao Esquadrão de Reconhecimento. Faixa: 20.000 a 27.900 kc. Dispõe de 80 canais, sendo que 2 são pre-escolhidos. Potencia de saída: 1.8 watts. Alcance: 8 km. Sò trabalha em fonia. Bom radio. Instalado em viatura de 1/4 ton. (jeep)

31 - Radio SCR - 511

Modulado em amplitude e não é da dotação da Divisão. Foi-lhe distribuido à titulo precário, por não haver a SCR - 3000 no TO da ITALIA. E' chamado de Cavalaria. Somos de parecer que, não tendo ele aprovado bem na Infantaria, não poderá ser grande coisa naquela Arma.

Faixa de trabalho: de 3.000 a 6.000 kc. Dispõe de 13 canais controlados à cristal. A sua potencia de saída é de 0.75 watts e o seu alcance é de 4 a 5 milhas em condições favoraveis. Sò trabalha em fonia.

32 - Radio SCR - 536

Modulado em amplitude, trabalha na faixa de 3.500 a 6.000 kc e é controlado a cristal. Muito portatil, pesando somente cerca de 3 kgs., é realmente formidavel para a rede de Comando da Cia. e para as missões especiais, devido à sua eficiencia. Trabalhou na guerra como si fosse um telefone e prestou relevantes serviços às operações, na Infantaria.

Potencia de saída: 0.015 watts

Alcance: maximum de 1600 ms. em condições muito favoraveis. Sò para o trabalho em fonia. Alimentado por bateria seca.

33 - Radio SCR - 608

Modulado em frequencia, trabalha na faixa de 27.000 a 38.900 kc. E' da rede de controle de tiro da AD; é efficientissimo e muito pratico. Dispõe de 120 canais, sendo que 10 deles são pre-sintonizados no transmissor e em ambos os seus dois receptores. A sua potencia de saída é de 25 watts e o seu alcance é de no maximum 22 (vinte e dois) kms; trabalha somente em fonia. E' de emprego exclusivamente veicular, em viaturas providas de sistema elétrico de 12 ou de 24 volts. E' volumoso e de peso relativamente grande, consumindo muito, exigindo o funcionamento do motor da viatura durante cerca de metade do tempo de operação, para carregar a bateria. Seu funcionamento é muito regular e apresenta a grande vantagem de poder ser sintonizada instantaneamente em um grande numero de frequencias, o que o torna insubstituivel em um PC da AD ou do GRUPO, de vez que, ao mesmo tempo, pode conseguir varias

Sda Maria
uj.
ligações simultaneas, por assim dizer.

34 - RADIO SCR - 610

Fl. 102
Modulado em frequencia. Faixa: 27.000 a 38.900 kc. Dispõe de 120 canais controlados a cristal, sendo que 2 deles pre-sintonizados. O seu conjunto é carga para 2 homens transportarem. Potencia de saída: 2 watts. Alcance: 8 kms, em condições favoraveis; só trabalha em fonia. A sua quantidade, em toda a artilharia divisionaria, é simplesmente de 110. Faz parte da todas rêdes radio do G.O. (Grupo de Obuzes) Pode ser empregado tanto em viatura como em terra. O seu volume e o seu peso são relativamente reduzidos. Quando operado em terra, divide-se, para o transporte, em 2 fardos de 10 a 12 kgs. cada um: o transmissor-receptor e a caixa de baterias. Sua gama de frequencias é identica a do SCR-608, porem ~~ele~~ só pode operar com a disponibilidade de 2 canais. A calibragem do aparelho nas suas frequencias é operação que tem de ser executada por mecânico de rádio, com aparelhagem adequada, e toma de 10 a 20 minutos. O aparelho é bastante rustico e a sua caixa de ferro é estanque. Suportou muito bem as duras condições da guerra na montanha, servindo como rádio do observador avançado a quem prestou relevantes serviços. "Aperfeiçoado que seja o sistema de conexão entre a caixa do transmissor-receptor e a caixa de baterias (ou a do vibrador - usado na instalação veicular), e aligeirado um pouco o seu peso, tornar-se-à o tipo de radio ideal para a Artilharia!"

35 - APARELHO DE CONTROLE A'DISTANCIA "REMOTE CONTROL" - RM 29

"Meréce ser destacado este item especial do equipamento auxiliar dos radios em campanha."

Ele permitiu que as estações radio fossem exploradas de longe do local onde ela, se achavame, destarte, a conveniencia tática da colocação dos postos radio serem colocados a cerca de, no minimo, 400 metros dos PC, sempre poude ser satisfeita cabalmente. Com isto houve tambem a conveniencia técnica de, no proprio posto radio, só permanecerem os elementos de transmissões, o que se constituiu em grande e real vantagem para a simplicidade dos seus trabalhos.

"Em muitas oportunidades, ele permitiu, outrossim, o entrosamento da rede telerônica com a rede radio, podendo ser postas à disposição de qualquer autoridade comunicações diréttas (radio-telefônicas) através de postos que, em virtude de razões técnicas ou táticas, tinham de ser localizadas em posições afastadas dos correspondentes"; houve casos em que os "postos radios mais importantes eram todos ligados às centrais telerônicas por meio do controle à distancia, aumentando assim, de muito, a eficiencia do sistema da Unidade".

O RM-29 satisfiez plenamente a exigencia técnica que fazia com que os postos das estações radio de modulação em frequencia fossem colocados em pontos dominantes do terreno, por causa da sua propagação em linha réta (tipo de propagação visual, devido a sua "muito alta frequencia"), ficando, pelo exposto, quasi sempre distantes dos PC ou nos casos

*Adz. Ham
ij.* Fl. 103
dos Observadores Avançados, nos G.O., distantes dos locais onde eles próprios ficavam para o cumprimento da missão.

"Além do exposto, nas ocasiões em que havia carência de telefones EE-8, os aparelhos de controle à distância eram utilizados em sua substituição com muito bons resultados."

36 - FREQUENCIMETRO SCR - 211

Apenas com pouco mais de vinte quilos de peso e com pouco volume, é um equipamento que, pelos relevantíssimos serviços prestados, tornou-se indispensável nos postos rádio-diretores de redes (PDR) no caso das redes comandadas, norma geralmente aconselhada, porque melhor atende às conveniências da segurança das transmissões. Sua finalidade é controlar a frequência do transmissor, rigorosamente, de modo que ela seja exatamente a desejada. É da dotação da Cia. de Trns., da Bia. de Cmdo. da AD. e dos Pel. de Trns. das Cias. de Cmdo. dos RI.

Devemos, na instrução no Brasil, fazer usar intensivamente, o SCR-211 de modo que o pessoal de trns. das Unidades se torne familiar com ele, no mais alto ponto.

Adm. Matos
uj.

Fl. 104

DADOS SOBRE A CAPACIDADE DAS BOBINAS DO TIPO NORTE-AMERICANO:

Bobina DR-4:

W-110B = 2.400 pés = 790 ms.

W-130 = 2 milhas = 3.200 metros.

Bobina DR-5:

W - 110B = 1 milha = 1.600 ms.

Bobina DR-8 =

W - 130 = 1/4 milha = 400 ms.

Bobina DR-7:

CC-345 = 1/2 milha = 800 ms.

Ad. Matar
ny.

Fl. 105

QUANTIDADE DE CENTRAIS E DE QUADROS COMUTADORES RECEBIDOS PELAS UNIDADES DA 1a. D.I.E.:

CENTRAL TC-4 (de 40 direções):

Cia. Trns. = 3

Bia. de Cmdo. da A.D. = 1

QUADRO BD-72 (de 12 direções):

Cia. Trns. ;;;;	8
1º R.I.	2
6º R.I.	3
11º R.I.	4
1º G.O.	2
2º G.O.	2
3º G.O.	2
4º G.O.	2
Bia. Cmdo. da A.D.	2
9º B.E.	-
1º B.S.	-
ESQ. RCN.	-

QUADRO BD-71 (de 6 direções):

Cia. Trns.	10
1º R.I.	4
6º R.I.	6
11º R.I.	7
1º G.O.	7
2º G.O.	7
3º G.O.	7
4º G.O.	7
Bia. Cmdo. A.D.	1
9º B.E.	2

sd matos
uj

1º B.S. -
ESQ. RCN. -

Quanto ao uso dos quadros comutadores, a quantidade variou muito de Unidade para Unidade, porque a Cia. Trns. sempre teve mais da metade das que recebera, de um e de outro tipo, emprestadas aos R.I. e aos G.O. Vezes houve em que foi preciso pedir quadros emprestados ao IVº Corpo, porque os da Divisão estavam todos empregados.

QUANTIDADE DE TELEFONES DISTRIBUIDOS ÀS UNIDADES DA 1ª.D.I.E.:

TELEFONE EE-8

Cia. Trns.	116
1º R.I.	73
6º R.I. ;;;;.....	114
11º R.I. ;;;;.....	90
1º G.O.	72
2º G.O.	72
3º G.O.	72
4º G.O.	64
Bia.CMdo da A.D. ;.....	21
9º B.E.	5
1º B.S.	-
ESQ. RCN	3

Durante a campanha, a quantidade de telefones nos Regimentos variou muito, de um para o outro, porque além das quantidades que haviam recebido, eles usaram muitos aparelhos apreendidos ao inimigo, outros achados no terreno, naturalmente abandonados por outras tropas aliadas que ali haviam estado antes, etc. Também, não só os R.I. como os G.O. usaram muito o telefone magnético TS-10 como telefone de campanha servindo à tropa, quando eles são destinados aos especialistas para os trabalhos de construção e conservação, normalmente. Os resultados obtidos foram magníficos, apesar do TS-10 não possuir órgãos de chamada.

*Sol na
ny.*

Fl. 107

TELEFONES MAGNETICOS TS-10

I) - Fazendo parte integrante do equipamento de instalação
CE-11:

Cia.Trns. ;;;.....	-
1º R.I.	132
6º R.I.	128
11º R.I.	134
1º G.O.	-
2º G.O.	-
3º G.O.	-
4º G.O.	-
Bia. Cmo.A.D.	-

II) - Em separado:

1º R.I.	2
6º R.I.	7
LLº R.I.	12

Cabo 1-10	140.00
Cabo 1-15	6.00
Cabo de 5 pares CO-345 de	
1.000 pés (cabo CO-345)	132.500
Cabo de 10 pares CO-355 de	
1.000 pés (cabo CO-355)	207.00
Cabo de 2 pares, em espiral,	
CO-355, 1/4 milha	132.00
Idem, idem, CO-355, de 100 pés	
(cabo CO-345)	16.00
Cabo pesado de campanha W-110	
(por milha)	69.00
Cabo leve de campanha W-130	
(por milha)	69.00
Cabo de campanha de longo alcance	
W-113 (por milha)	95.00
Central telefônica TS-1 (cabo e	
telefone TS-8)	1.183.00
Gravador W-205	81.00
Relator de minas SCR-525	309.00
Relo de relator HI-271	9.00
Equipamento telefônico CE-1	2.250.00
Equipamento telegráfico CE-2	3.182.00
Equipamento CE-11 (telefone ps-	
to telefônico magnético TS-10,	

Fl. 108

PRÊÇOS DE ALGUNS DOS ITENS DE TRANSMISSÕES FORNECIDOS PELO Vº EXERCITO, NO T.O. DA ITALIA.

Tradução do ofício de 2 de dezembro de 1944 do Chefe das Transmissões do Vº Exercito dirigido ao G-4 e ao Chefe do S.Trns. da Ia. D.I.E.:

"QG do Vº Ex. - Chefia do Serviço de Transmissões - APO 464 Circular de Transmissões nº 43 - Prêços de Catálogo do Material de Transmissões mais empregado e mais importante. -

1. Os prêços mencionados a seguir, do material de transmissões mais importante, são publicados à título de informação à todos os interessados. Os problemas da produção e a atual situação de crise de material são as causas imediatas do elevado prêço desses tipos de material técnico.

2. E' absolutamente necessário que seja feito todo o esforço, por parte de todos, para manter em condições perfeitas de uso, durante o tempo mais prolongado possível, esse material, evitando, por todos os meios, a sua perda. Chama-se, em particular, a atenção de todos para a questão de sua manutenção. A esse material deve-se dedicar o maior cuidado. Estima-se que 55% de uma distribuição inicial qualquer, são necessários, anualmente, para que seja feita a devida manutenção preventiva dessa mesma distribuição, e é sabido que a manutenção preventiva proporciona enormes possibilidades de economia de material".

DISCRIMINAÇÃO DO MATERIAL PRÊÇO EM DOLLARES

Teste I-77, volt-ohmetro	US.	17.00
Teste I-56		146.00
Bobina DR-15		6.00
Cabo de 5 pares CC-345 de 1.000 pés (cabo WC-534)		112.00
Cabo de 10 pares CC-355 de 1.000 pés (cabo WC-533)		207.00
Cabo de 2 pares, em espiral, CC-358, 1/4 milha		132.00
Idem, idem, CC-366, de 100 pés (cabo WC-548)		18.00
Cabo pesado de campanha W-110 (por milha)		69.00
Cabo leve de campanha W-130 (por milha)		69.00
Cabo de campanha de longo alcance W-143 (por milha)		95.00
Central telefônica TC-4 (menos o telefone EE-8)		1.123.00
Criptógrafo M-209		84.00
Detetor de minas SCR-625		309.00
Eixo desenrolador RL-27A		9.00
Equipamento telefônico CF-1		2.856.00
Equipamento telegráfico CF-2		5.283.00
Equipamento CE-11 (constituído pe- lo telefone magnético TS-10,		

Sda. Kamy
ij.

Fl. 109

DISCRIMINAÇÃO DO MATERIAL

PREÇO EM DOLLARES

pela desenroladeira RL-39 e uma correia ST-33)	29.00
Equipamento de intercomuni- cação RC-99 (menos o TC-45)	275.00
Estação de rádio SCR-193 (menos o receptor BC- 312 & T -45)	1.951.00
Estação SCR-284 \$ menos o T -45)	954.00
Estação SCR-299	6.835.00
Estação SCR-300	309.00
Estação SCR-399	6.934.00
Estação SCR-506 (menos T -45)	4.375.00
Estação SCR-510 (" " " ")	906.00
Estação SCR-511	264.00
Estação SCR-536	284.00
Estação SCR-543	1.904.00
Estação SCR-608.	2.728.00
Estação SCR-610	1.468.00
Estação SCR-694 (menos T -45)	954.00
Frequencímetro SCR-211A	248.00
Grupo motor-gerador PE-75	271.00
Grupo motor-gerador PE-95	942.00
Lanterna de mão TL-122A (por milheiro)	1.000.00
Material de teste IE-9-C (menos o SCR-211, FT-237 e I-56)	2.926.00
Microfone T -30	4.00
Microfone T -45	10.00
Quadro comutador BD-71 (menos T - 45)	151.00
Quadro comutador BD-72 (menos T - 45)	184.00
Receptor de rádio BC-312	421.00
Receptor de rádio BC-342-C	586.00
Receptor de rádio BC-603	311.00
Suporte FT-237	110.00
Telefone de campanha EE-8	45.00
Telefone de campanha EE-8A (russo)	50.00
Transmissor de rádio BC-604	607.00

Fl. 110

c) - EQUIPAMENTO E ARMAMENTO DO PESSOAL DE TRANSMISSÕES

ARMAMENTO

Na conformidade da dotação vigente (Bol. Esp; Res; 18F), dispunha a Cia. Trns. de armamento individual, qualitativamente variável, em função da missão do homem. De um modo geral, constava de: carabina M 1 ; Fuzil calibre .30 ; sub-metralhadora .45 ; metralhadora .50, com a seguinte distribuição:

Carabina - Quasi a totalidade de carabina da Cia. era distribuída aos oficiais, sub-tenente, sargentos e praças motoristas.

Fuzil calibre .30 - Em proporção menor (quantitativamente 10% do efetivo) era distribuído em partes iguais às três Secções.

Sub-metralhadora .45 - exclusivamente distribuída aos mensageiros motorizados e às equipes de construção de linhas (uma por equipe), justamente o pessoal que se deslocava do P.C. da Divisão para as posições mais avançadas.

Metralhadora .50 - Cada Secção dispunha, para situações eventuais de defesa aproximada, deste tipo de armamento, com a seguinte distribuição:

Secção Extra	2
Secção de Exploração	1
Secção de Construção	2

Esse armamento ficava sob a responsabilidade, tanto no que se referia a conservação como no emprêgo, a determinados homens de cada Secção, cujas funções os mantivessem sempre no P.C. da Cia.

EQUIPAMENTO

Constava do seguinte:

Para oficiais e praças armadas de carabina, sub-metralhadora e metralhadora .50 :

- Cinto simples
- Suspensorios
- Bornal
- Porta cantil
- Porta curativo individual
- Cartucheira para munição de carabina.

Para praças armadas de fuzil calibre .30:

Os mesmos itens acima enumerados, e mais:

Cinto com cartucheira para munição cal. .30

As bolsas de munição para a metralhadora .50 eram partes integrantes da própria arma.

CONCLUSÃO:

O equipamento e o armamento, dada a organização da Cia. de Trns. e a sua missão no T.O. da Itália, foram excelentes. A portabilidade do armamento e a simplicidade do equipamento muito concorreram para facilitar o trabalho dos homens no cumprimento das mais variadas missões que lhes foram atribuídas.

sd. nato
up.

d) - SUPRIMENTOS (REAPROVISIONAMENTOS)

REPARAÇÕES

O problema dos suprimentos, que é sempre de capital importancia para o exercicio de qualquer atividade, durante a guerra no TO da ITALIA, foi, pela FEB, encarado e resolvido, perfeitamente de acordo com as Normas norte-americanas que acreditamos serem as mais perfeitas e as mais praticas de quantas possam existir. Portanto, somos de parecer que tais Normas passem a ser seguidas por nós, brasileiros, no nosso Exército, naturalmente com algumas adaptações tendo em vista que ainda não somos uma Nação tão rica como é aquela, nem tampouco somos ainda um povo de civilização tão avançada. Todavia, sentimos e temos fundadas esperanças de lá chegarmos em futuro não muito remoto.

O norte-americano define como "suprimentos", dando uma classificação geral, todos os "bens da FN" (Fazenda Nacional), inclusive todos os materiais, as acomodações, os artigos manufaturados, os meios de transporte, equipamentos, etc, em deposito ou distribuidos pelo Exército. O termo "suprimento" é também usado na expressão de classificação "suprimentos e equipamento" para incluir o material que é consumido quando usado.

O termo "equipamento" para o norte-americano é usado para caracterizar, distinguindo-os, os "suprimentos" que são duráveis, naturalmente, e, em geral, devem continuar sendo relacionados e escriturados até serem usados, a menos que tenham sido instalados como partes de substituição; corresponde ao que nós, brasileiros, designamos como material de aplicação, mais ou menos.

Como nós, os norte americanos também classificam o material como permanente ou de consumo, de acordo com as suas características. O cabo de campanha de qualquer tipo é considerado pelo "yankee" como material de consumo.

Para simplicidade e conveniencia da administração, à serviço do Comando, os "suprimentos" pedidos pelas tropas em campanha são classificados em 5 classes numeradas, do seguinte modo:

"CLASSE I" - todos os artigos que são consumidos diariamente em quantidade aproximadamente uniforme que não se refere em rigida dependencia às operações de combate ou ao terreno, e que não necessitam de adaptação especial para atender às necessidades individuais, tais como as rações e a higiene.

"CLASSE II" - todos os artigos previstos pelas tabélas de dotações, tais como fardamento, roupa, mascaras de gás, armamento, viaturas, estações de rádio, ferramentas, instrumentos, etc.

"CLASSE III" - Combustiveis e lubrificantes, inclusive gasolina para todos os veículos e serviços aéreos, óleo "Diesel", óleo combustivel, carvão, etc.

"CLASSE IV" - todos os artigos de "suprimentos" que não constam em tabélas de dotações básicas e que se relacionem diretamente com as operações em curso ou em projeto (exceto os casos dos artigos de classe III e IV), tais como material de fortificação e maquinaria.

Sd Matey

Acham-se incluídas nesta classe: os cabos de campanha e os rios, as fitas isolantes e outros materiais necessários à construção e à conservação de linhas de campanha, fixas ou de qualquer outro tipo; as baterias secas, bem como os outros itens de equipamento de transmissões que são consumidos rapidamente nas operações ou nos treinamentos, além das quantidades prescrita pelas tabelas de dotação básica.

"CLASSE V" - Munição, artificios pirotécnicos, minas anti-carros e anti-tanks, material para a guerra química, etc.

A classificação da servibilidade do material permanente é usada pelos norte-americanos para facilitar os trabalhos de "suprimentos"; é feita por letras e da seguinte forma:

"CLASSE A" - para o material em estado de novo;

"CLASSE B" - para o material já usado, ou reclamado, e que está ainda em serviço;

"CLASSE C" - para o material inservível, chegado a tal estado por motivos justificados;

"CLASSE D" - para o material inservível, não mais em condições de recuperação. Neste caso se acham os produtos deteriorados, as peças desgastadas e o material que tenha sido declarado obsoleto.

A responsabilidade do oficial ou do sub-tenente ("warrant-officer") pela detenção da carga de material e pela sua devida escrituração (contabilidade) é ^{col. 12}qualquer de muito sério para o norte-americano e ele a cumpre com relativa facilidade, porque os seus **perfeitos** sistemas de organização e estatística são magníficos e se baseiam em uma confiança à toda prova no indivíduo no exercício da sua função. Sob este ponto de vista, a responsabilidade é a mesma tanto com respeito ao oficial como ao sub-tenente. O oficial detentor da carga e encarregado da sua escrituração é chamado pelo norte-americano "accountable officer" - oficial de contabilidade ou contador).

O movimento de material recebido, distribuído ou em estoque é controlado de maneira perfeita por meio de fichas individuais onde tudo é escriturado devidamente.

Foi de acordo com as noções gerais que estamos expondo que o grande Exercito aliado da Republica do Norte fez a guerra e, seguindo a sua orientação, tanto quanto possivel, nós, brasileiros da FEB, as seguimos, mantendo cerrado contato, em rígida dependencia, com os norte-americanos do Vº Exercito.

Toda a distribuição de material de transmissões foi realizada à tropa brasileira, por intermédio do Deposito de Material de Transmissões, novo órgão creado pela FEB e subordinado directamente ao S.Trns. Pelo sistema norte-americano não existe prevista a organização de um deposito pela e para a Divisão de Infantaria, que é a menor das grandes Unidades, mas que deve ser tanto quanto possivel ~~leve~~ para o exercicio da sua missão, muito embora seja ela uma Unidade tanto tática como administrativa. Contudo, as contingencias nos impuzeram a organização de um deposito divisionario de material de transmissões que prestou relevantissimos serviços, elogiados constantemente por todos aqueles que tiveram oportunidade de lidar com ele. O simples "ponto de distribuição", de acordo

com a prática norte-americana não nos teria ^{sido} bastante de modo algum. O primeiro oficial de suprimentos de material de transmissões foi o 1º ten. AFRANIO VIÇOSO JARDIM, que, em PORRETA TERME, ~~que~~, a 4 de janeiro de 1945, em pleno exercício de atividades na guerra, foi gravemente ferido por estilhaços de uma granada de calibre 170 alemã, caída bem na praça fronteira ao edifício onde se achava acantonada a Cia. de Trns. de onde ele saía na ocasião. Foi ele substituído pelo 2º ten. CARLOS PEREIRA.

O controle do movimento de material no Deposito foi feito sempre pelo sistema de escrituração dupla, por fichas individuais e por livros cargas para cada Unidade, de modo que nada deixou a desejar. Todo o material entrado ou saído era devidamente acompanhado por uma guia que era devidamente recebida por quem de direito.

Foram constantes as inspeções realizadas pela Cheria do S. Trns. ao Deposito e sempre o encontrou funcionando muito bem.

O entendimento com os norte americanos dos Depositos do Vº Exército foi o melhor possível e sempre debaixo da maior camaradagem e respeito.

RESPONSABILIDADE PELOS SUPRIMENTOS - A direção do movimento de suprimentos foi sempre da retaguarda para a frente, indo ao encontro das necessidades dos que utilizam o material. Esta é uma das grandes responsabilidades do Comando exercida por intermédio dos seus assistentes do Estado Maior (do Geral ou do Especial, conforme o caso) a qual deve ser realizada em quantidades devidas e em tempo útil de modo que de nenhum modo fique prejudicada a operação militar. O Comando, ainda por intermédio do seu assistente que no caso das Transmissões foi o Major Cmt. das Trns., foi também sempre responsável pela obtenção dos suprimentos de material de transmissões nos pontos de distribuição ou nos depósitos do Vº Exército, durante toda a campanha, sendo utilizado os próprios meios de transporte do Serviço de Transmissões.

Os suprimentos de material de transmissões foram classificados nas duas categorias, digo, nas duas classes II e IV e as requisições foram sempre feitas de acordo com as formulas adotadas pelo Vº Exército.

REQUISIÇÃO DE MATERIAL DE TRANSMISSÕES FEITA PELA TROPA - Todas as Unidades da Ia. D.I.E. fizeram os seus pedidos de material de transmissões por intermédio dos seus oficiais de comunicações. As requisições foram sempre apresentadas pelos interessados ao Chefe do S. Trns. da Divisão, por escrito; uma vez aprovadas foram enviadas ao oficial de suprimentos para providenciar. Afim de não haver delongas nos casos mais urgentes foram dadas ordens para que os entendimentos fossem feitos diretamente com o oficial de suprimentos.

CREDITOS - Os entendimentos sobre as requisições feitas pelo S. Trns. da Ia. D.I.E. com o S. Trns. do Vº Exército, sempre foram feitos por intermédio do oficial de suprimentos do Vº Exército que sempre nos **atendeu** do melhor **modo** possível; quando não havia em estoque o material pedido ele mandava colocar em "back order" para ser atendido oportunamente. Na maioria dos casos, porém, os créditos foram abertos imediatamente após a entrada da requisição.

Sol. Matos
ny
Fl. 114

O oficial de suprimentos de material de transmissões da Divisão, cumprindo ordens do Cmt. das Trns., só não abria crédito imediato para os pedidos feitos pelos oficiais de comunicações, depois de serem aprovados devidamente, nos casos de material crítico, isto é, de difícil consecução, de vez que o Vº Exército não nos havia atendido. Todos os demais casos foram resolvidos com muita velocidade.

TRANSPORTE E ENTREGA DOS SUPRIMENTOS DE TRANSMISSÕES:

Pelas Normas Gerais de Ação norte-americanas, o transporte a ser usado para os suprimentos feitos pelo Exército a um Regimento ou a outra qualquer Unidade da Divisão, é dependente de varios fatores, inclusive as reservas ou outras cargas a serem transportadas pelo transportada Unidade, a quantidade de suprimentos a ser transportada, os itinerarios a serem percorridos e as distancias compreendidas, e as restrições impostas pelos QG das Unidades mais elevadas. E' preferivel, por conseguinte, para a Unidade interessada, usar o seu proprio meio de transporte, sempre que possivel, para ir buscar e transportar diretamente do Deposito de Exército para o local onde ela propria se acha. No caso da FEB, as Unidades da DIE nunca mandaram buscar material no Deposito de Exército e sim no da Divisão, utilizando-as os seus proprios meios de transporte.

Apezar do formidavel movimento de material em certas ocasiões, o Deposito de Material de Transmissões sempre poud transportar com os seus proprios recursos os suprimentos que ia buscar nos Depositos do Vº Exército, de modo que os meios de transporte da Divisão não precisaram ser solitados para tal fim. No caso de ser preciso lançar-se mão desse recurso, ele é obtido do Serviço de Intendencia da Divisão por intermédio do G-4 a quem é feita a solicitação. Um outro caminho para o Cmt. das Trns. conseguir transporte para o material de transmissões é, de acordo com um prévio entendimento com o Serviço de Intendencia, ser feito o aproveitamento do comboio diário de transporte de suprimentos de classe I.

O G-4 E OS SUPRIMENTOS DE MATERIAL DE TRANSMISSÕES :

O G-4 exerceu durante toda a campanha fiscalização ericiente sobre os fornecimentos de material de transmissões; a ele, semanalmente, eram entrégues relatorios dando balanço do movimento de material, fazendo o jogo de entradas, saidas, distribuições, recuperações, etc.

Todo o material de transmissões, extra-tabélas, que conseguimos, foi seguindo o canal competente das NGA, por intermédio da 4a. Secção do E.M. Geral. A S.Trns. sempre procurou manter permanente contato com o G-4.

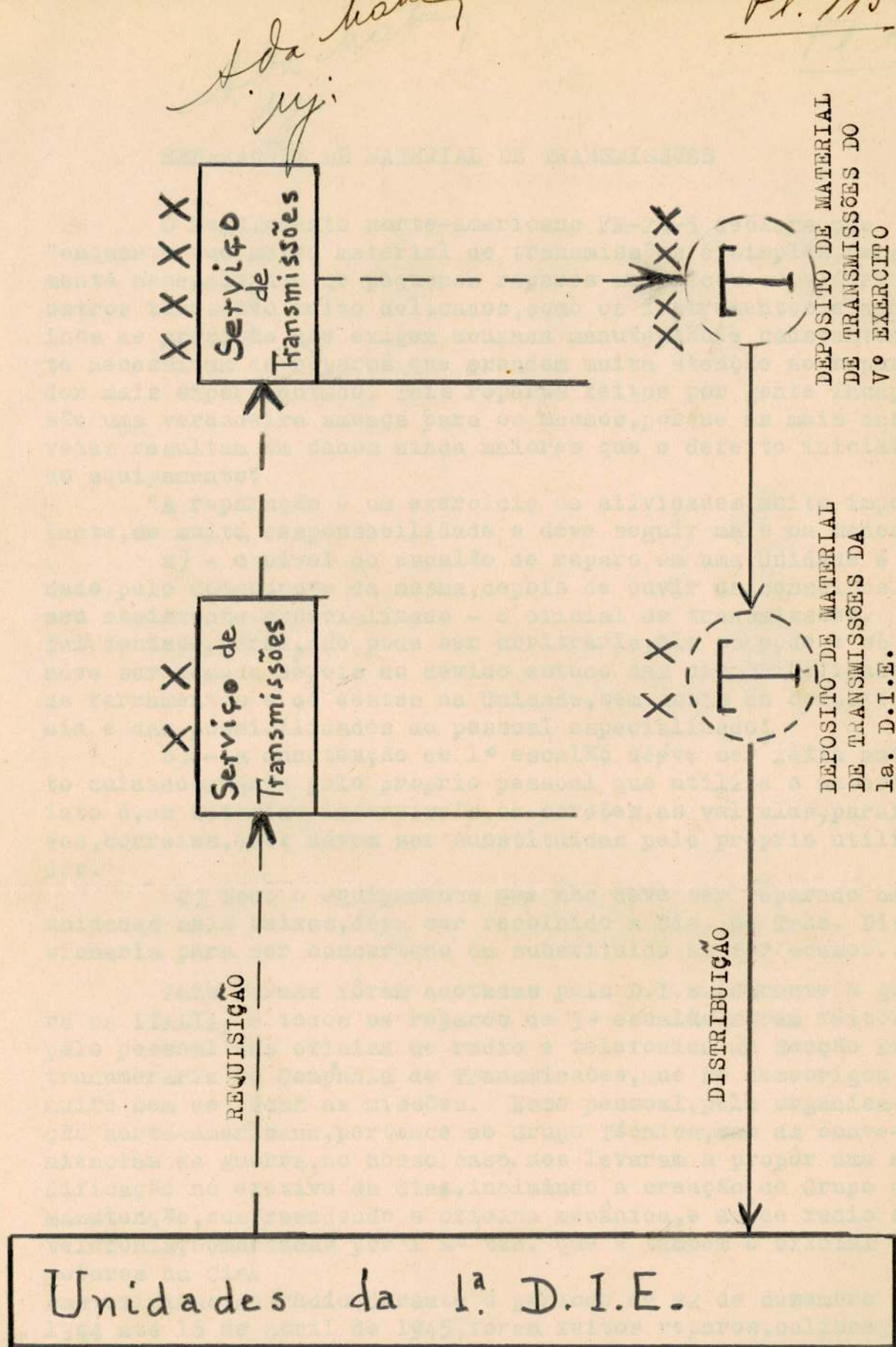


FIGURA MOSTRANDO OS CANAIS DE REQUISIÇÃO E DE DISTRIBUIÇÃO DOS SUPRIMENTOS DE TRANSMISSÕES NA 1ª D.I.E., DURANTE AS OPERAÇÕES NA ITALIA.

Adm. Hato
ny.
Fl. 116

REPARAÇÕES DE MATERIAL DE TRANSMISSÕES

O Regulamento norte-americano FM-24-5 declara que "enquanto que muito material de transmissões é simples, raramente necessitando de pequenos reparos mecanicos ou elétricos, outros itens são muito delicados, como os instrumentos e aparelhos de precisão, que exigem acurada manutenção e constantemente necessitam de reparos que prendem muita atenção ao reparador mais experimentado. Tais reparos feitos por gente incapaz são uma verdadeira ameaça para os mesmos, porque as mais das vezes resultam em danos ainda maiores que o defeito inicial do equipamento".

"A reparação é um exercicio de atividades muito importante, de muita responsabilidade e deve seguir mais ou menos:

a) - o nivel do escalão de reparo em uma Unidade é dado pelo Comandante da mesma, depois de ouvir os conselhos do seu assistente especializado - o oficial de transmissões. Tal decisão, porem, não pode ser arbitraria, ela só pode e só deve ser tomada depois do devido estudo das disponibilidades de ferramentas e de testes na Unidade, bem assim da competencia e das possibilidades do pessoal especializado;

b) - a manutenção de 1º escalão deve ser feita muito cuidadosamente pelo proprio pessoal que utiliza o material, isto é, as baterias inserviveis, os cordões, as valvulas, parafusos, correias, etc, devem ser substituidas pelo proprio utilizador.

c) Todo o equipamento que não deve ser reparado nas unidades mais baixas, deve ser recolhido a Cia. de Trns. Divisoria para ser concertado ou substituido si fôr o caso..."

Tais Normas foram adotadas pela D.I.E., durante a guerra na ITALIA, e todos os reparos de 3º escalão foram feitos pelo pessoal das oficinas de radio e telefonica da Secção Extranumeraria do Compañhia de Transmissões, que se desobrigou muito bem de todas as missões. Esse pessoal, pela organização norte-americana, pertence ao Grupo Técnico, mas as conveniencias da guerra, no nosso caso, nos levaram a propôr uma modificação no estatuto da Cia., incluindo a criação do Grupo de Manutenção, compreendendo a oficina mecânica, e as de radio e telefonia, comandadas por 1 1º ten. que é tambem o oficial de motores da Cia.

Nas oficinas de radio, durante o periodo de 22 de dezembro de 1944 até 18 de abril de 1945, foram feitos reparos, calibrações, etc, num total de 435 trabalhos.

Nas oficinas de telefonia, durante o periodo de 1 de novembro de 1944 até 18 de abril de 1945, foram feitos concertos, etc; em material telefonico, etc., num total de 249 (duzentos e quarenta e nove).

O material necessitando de reparos era recolhido, diretamente, pelo oficial de comunicações da Unidade, às oficinas da Cia. mediante guia de recolhimento.

Fl. 117

Adm. Hatter
ry.

III - AS AGÊNCIAS E OS MEIOS DE TRANSMISSÕES EMPREGADOS

Pelo sistema norte-americano a "agencia de transmissões" abrange a organização, as equipes e o pessoal necessários ao cumprimento de missões de transmissões. O "meio de transmissões" abrange o material e é aquele usado pela "agencia de transmissões" para transmitir as mensagens.

O "Centro de Transmissões", abreviadamente CT, é uma reunião de diversas agências de transmissões, devidamente equipadas para transmitir e receber mensagens, utilizando-se dos meios de transmissões. Abrange uma equipe de Centro de Mensagens (C.M.), uma de Criptografia (si houver necessidade) e uma ou mais de exploração, cada uma explorando um meio de transmissões. O "Centro de distribuição" é uma agência para o encaminhamento dos documentos de um Serviço ou de uma Secção do Estado Maior.

O "CENTRO DE MENSAGENS" é a agência de transmissões do Comandante de um Q.G. ou P.C., encarregada de receber, encaminhar e entregar todas as mensagens, exceto as que devem ser trabalhadas pelo serviço de correio, as quais se acham discriminadas na letra "J" do item XIII da Ordem de Serviço n. 64 de 5-2-45, em ANEXO.

O "oficial de transmissões" é o da Arma, enquanto que "o de comunicações" é de qualquer outra Arma, mas exercendo as atividades nas transmissões das Unidades.

A la. D.I.E. operou no teatro de operações da ITALIA seguindo as mesmas Normas norte-americanas e adotou as mesmas designações para as suas NGA (Normas Gerais de Ação).

A la. D.I.E. empregou:

- o CENTRO DE MENSAGENS, como agência de transmissões;
- as COMUNICAÇÕES COM FIO, como meio de transmissões;
- o RADIO, como meio de transmissões;
- o POMBO CORREIO, como meio de transmissões;
- o ARTIFÍCIO PIROTECNICO, como meio de transmissões;
- o MENSAGEIRO (a pé ou motorizado), como meio de transmissões.

Adm. Matos
ij.
I - O "CENTRO DE MENSAGENS"

Fl. 118

Pelos formidáveis resultados obtidos durante a guerra com a utilização, em caracter permanente, do Centro de Mensagens, como agência de transmissões, somos de parecer que devemos adotar no nosso Exercito esta Norma, passando a designação de Centro de Transmissões a ter a mesma seignificação de reunião de diversas agências, na conformidade do que expuzemos antes. Si fizermos isso no nosso Exercito, teremos feito bastante no aumento de velocidade das mensagens.

Como definimos antes, o C.M. é a agencia de transmissões do Comandante de um Q.G. ou P.C., encarregada de receber, encaminhar e entregar todas as mensagens, excéto as que dévem ser trabalhadas pelo Serviço de Correio.

Para que se tenha uma real e precisa impressão do que seja e como funciona um C.M. acha-se em ANEXO a este, a Ordem de Serviço n. 64 que a seu respeito faz um detalhado estudo.

ESTATISTICA DO MOVIMENTO DE MENSAGENS NO Q.G. AVANÇADO DA 1a. D.I.E.

Em outubro de 1944:

Mensagens de chegada	2.180
de partida	3.200
de trânsito	420
SOMA	5.800

Em novembro de 1944:

Mensagens de chegada	4.000
de partida	3.800
de trânsito	2.032
SOMA	9.832

Em dezembro de 1944:

Mensagens de chegada	7.517
de partida	8.532
de trânsito	4.005
SOMA	20.054

Ada Hatt
Lij.

Fl. 119

Em janeiro de 1945:

Mensagens de chegada 6.821
de partida 10.503
de trânsito 3.613

SOMA ;;; 20.937

Em fevereiro de 1945:

Mensagens de chegada 5.501
de partida 7.892
de trânsito 2.400

SOMA..... 15.793

Em março de 1945:

Mensagens de chegada 4.499
de partida 6.369
de Trânsito 1.485

SOMA 12.353

Em abril de 1945:

Mensagens de chegada 3.224
de partida 2.001
de trânsito 816

SOMA 6.041

Em maio de 1945:

Mensagens de chegada 1.803
de partida 3.522
de trânsito 209

SOMA 5.534

Em junho de 1945:

Mensagens de chegada 1.199
de partida 1.528
de trânsito 333

SOMA 3.060

RESUMO DO MOVIMENTO DE MENSAGENS, NO PERIODO DE OUTUBRO DE 1944 ATE' JUNHO DE 1945, NO "C.M." DO Q.G. AVANÇADO DA D.I.E.

Mensagens de chegada 36.744
de partida 47.347
de trânsito 15.313

GRANDE TOTAL..... 99.404

Ada Mattos

A maior quantidade de mensagens chegou,partiu ou transitou pelo C.M., transportada pelo mensageiro motorizado. O numero de mensagens por pombos (colombogramas) foi quasi nenhum. O tráfego radio durante o periodo defensivo foi muito pequeno, somente em casos de necessidades, tais como instrução, manutenção do contato, etc..., devido às severas restrições impostas pelas Cartas de Silencio e de Atividades do Radio, distribuidas pelo S.Trns. do Vº Exército. Na ofensiva e na perseguição do inimigo ele foi intensivamente usado, depois do desencadeamento da ação; neste ultimo caso o seu uso chegou até ao abuso na liberdade de exploração e a Cheria do S.Trns. para não atrazar ou prejudicar a atividade dos que estavam necessitando do radio, foi levada a concordar com a situação, usando-se a linguagem clara, por isso que ninguém cumpria as instruções contidas nas Ordens dadas nas IET.

O MENSAGEIRO

E' um meio de transmissões que mais uma vez na guerra provou ser simples e seguro; foi empregado em todas as circunstancias. Não houve muitas oportunidades do estabelecimento de cadeias. Ele, transportado pela viatura de 1/4 ton. (jeep), esteve magnifico e soube cumprir a sua missão com bastante eficiencia, quer durante o tempo bom no verão quer durante o rigoroso frio do inverno; quer sob a ação da artilharia inimiga, quer percorrendo estradas e caminhos precários, altas horas da noite em regime de rigoroso "black-out".

Nas N.G.A. brasileiras, no TO da ITALIA, o mensageiro motorizado não foi designado por estareta.

Tendo em vista os perigos a que tinha que enfrentar o mensageiro em viatura de 1/4 ton. (jeep), passou-se a adotar o sistema de sempre em cada jeep seguirem 2 elementos, um como motorista e outro como mensageiro e auxiliar para qualquer eventualidade. Tal norma produziu muito bons resultados, principalmente nos casos de desastres, etc.

O mensageiro foi um precioso meio de transmissões em todas as fases da campanha, tanto na defensiva como na ofensiva, perseguição e posteriormente na ocupação.

2da. metade
2) - COMUNICAÇÕES COM FIO

sig.
O CABO DE CAMPANHA E O TELEFONE

Na construção das linhas divisionárias, bem como de todas as demais dentro da Divisão, de acordo com as normas gerais, foi usado, geralmente, o cabo de campanha.

As linhas comerciais, existentes nos locais de operações, estavam completamente destruídas pelo próprio inimigo, quando da sua retirada, de modo que não foram utilizadas. Somente, e já no último período de atividades, isto é, na ocupação, fizemos uso dos circuitos comerciais que foram reparados, tanto quanto possível, pelo próprio pessoal da Cia. Civil.

Durante todo o período de atividades da FEB na ITÁLIA foram distribuídos pelo Depósito de Material de Transmissões, as seguintes quantidades de cabo de campanha:

de CABO PESADO DUPLO W-110B =	5.466,410 quilômetros;
de CABO LEVE, DUPLO W-130 =	1.143,600 quilômetros;

Total de cabo distribuído, de ambas
as qualidades 6.610,010 quilômetros.

Pela simples observação da quantidade elevada de cabo distribuída pelo Depósito, pôde-se fazer alguma idéia do que foram os trabalhos dos construtores de linhas na instalação e na conservação dos circuitos telefônicos. Foi titânico o esforço desse pessoal que teve oportunidade de enfrentar toda a sorte de dificuldades, materiais e morais, para cumprirem a missão e, assim, manterem sempre o exercício do Comando sem solução de continuidade.

A telefonía com fio foi o principal meio utilizado durante todo o período de defensiva da 1a. D.I.E., período esse que foi desde 8 de setembro de 1944 até 16 de fevereiro de 1945, quando se verificou a Ofensiva do IVº C.Ex., compreendendo o ataque ao Monte Castelo, o combate de La Serra, a limpeza do Vale do Marano e o combate de Castelnuovo.

A referida Ofensiva do IVº C.Ex. foi de 17 de fevereiro até o dia 9 de março de 1945.

Durante a defensiva, acreditamos que em nenhuma outra Divisão em linha de frente, em todos os Teatros de Operações, durante a 2a. Grande Guerra Mundial, a trama das redes telefônicas foi tão densa como a da 1a. D.I.E. Chegamos a utilizar o telefone até no serviço de patrulhas. Podemos dizer que abusamos desse precioso meio de transmissões, resultado dos perigosos reflexos que herdamos dos franceses. A confiança no telefone foi, por parte de todos, excessiva, o que deu como resultado a formidável sobrecarga sobre as linhas; a excessiva quantidade de circuitos e o desgaste, pelo cansaço, do pessoal de construção, que precisou ser reforçado em efetivos. Não foram poucas as vezes em que os norte-americanos disseram ao Cmt. das Trns. da Divisão que os brasileiros gastavam cabo de campanha em demasia e abusavam muito do telefone.

Pelo modo porque se portou durante a campanha,

Ada Ma
F.L. 122

a telefonica com rio confirmou as vantagens do seu emprêgo em campanha: relativamente de facil emprêgo; de grande rendimento (10 a 15 mensagens por hora); assegura o, contàto dirêto de chere a chere; exige relativamente numero reduzido de especialistas indispensaveis; de relativamente facil iormação de especialistas para a construção de linhas e para a exploração telefônica (quando se dispõe de bôa materia prima - o homem).

Por outro lado, apresentou os mesmos inconvenientes já de todos conhecidos: relativamente muitotempo e material para a construção de linha; vulnerabilidade das linhas, em geral; indiscrição do pessoal de serviço nas centrais; possibilidade de captura das conversações pelo inimigo.

Na construção de linhas se destacaram as desenroladeiras RL-27A (eixo desenroladeira) trabalhado por dois homens e a RL-31 montada sobre jeep. Na Secção de Construção da Cia. de Trns. a RL-26 montada em viatura de 3/4 ton. foi admiravel. Apesar de toda a bôa vontade do pessoal, traduzida em patriótico entusiasmo, durante os trabalhos, não conseguimos manter os rendimentos previstos pela tabéla n. 55 do TM-11-462, regulamento norte-americano, devido a fatores que independeram da nossa vontade. O mesmo aconteceu com a Divisão Norte-americana 92. A referida tabéla é a seguinte:

TIPO DE DESENRO- LADEIRA	EQUI- PES (Nº de homens)	QUILOMETROS POR HORA			
		UM CIRCUITO			
		Em estradas		Em terreno va- riado:	
		de dia	de noite	de dia	de noite
RL-27A	2	2,4	1,6	1,6	0,8
CE-11	1	3,2	2,4	2,4	1,6
RL-26A, em via- tura	6	4,8 8,0	3,2 6,4	4,8 8,0	3,2 6,4

O frio rigorosissimo, a lama, os terrenos minados e as passagens obrigatorias debaixo da ação da artilharia inimiga, bem como o "black-out", fôram motivos de muita força para fazeram cair sensivelmente o rendimento dos homens nos trabalhos de construção e de conservação das linhas.

A Secção de Construção, de acordo mesmo com as NGA, sempre foi dividida e trabalhou em equipes e, às vezes, até em turmas. Teve ela em algumas equipes elementos admiraveis no entusiasmo pelo cumprimento do dever, arriscando-se a tudo e enrentando decididamente todos os óbices. De uma feita, na construção urgente de uma linha ligando o Q.G. Avançado da D.I.E. ao P.C. do 6º R.I., aquele situado em PORRETA TERME e o ultimo em MARANO, seguindo o itinerario arriscadissimo da ferrovia que estava toda destruida pelos proprios alemães na retirada, já era noite e havia necessidade de atravessar o rio RENO quasi derronte da localidade a atingir, justamente para não seguir pelo "by-pass" que era muito batido pela artilharia inimiga. Fazia muito frio (tempo de inverno) e não havia um barco siquer. O Cabo que estava no comando da equipe, vendo que não havia outra solução, depositário que era da confiança do seu comandante de quem trazia recomendações sobre a urgen-

Sda. Motta
 cia dos trabalhos, deu instruções aos seus soldados que fizessem toda a volta com o material transportado na viatura, para encontrá-lo do outro lado da margem, por isso que iria atravessar o rio à nado na parte onde não desse vau. De fato o cabo realizou o que decidira, mas isso quase lhe custou o sacrifício da vida, porque mal chegado à outra margem não mais se aguentava de frio e teve de dirigir-se ao primeiro abrigo mais próximo para pedir auxílio; quase congelava. Outros casos belíssimos também se passaram acobertados pelo anonimato da simplicidade do homem das transmissões que cumpre o seu dever, sem estardalhaços, sem propagandas, sem procura de recompensas.

Não houve apreciável movimento para a frente nos setores em que a D.I.E. manteve a defensiva. Durante esse período, ela se manteve em linha todo o tempo, tendo havido muitas substituições e deslocamento de tropas de um para outro ponto, de acordo com as conveniências das operações. Em todas as vezes em que a la. D.I.E. substituiu tropa norte-americana, não foi possível aproveitarem-se os circuitos metálicos por eles deixados, porque não estavam devidamente etiquetados, tornando-se difícil, em pouco tempo, serem devidamente identificados; também porque, geralmente, os norte-americanos da equipe que vinha até então conservando tais circuitos, apresentavam sempre razões de urgência em deslocamentos e se esquivavam, maneirosamente, de percorrer os itinerários em companhia dos brasileiros; em geral, os circuitos a serem entregues, não estavam funcionando, naquela ocasião, e eles declaravam que as interrupções haviam se dado poucos momentos antes e que não mais dispunham de tempo para concertos em virtude de terem de deslocar-se. Varias tentativas foram feitas para ver se era possível aproveitar-se os circuitos por eles passados, mas absolutamente sem resultado favorável.

Uma observação interessante a ser feita aqui é sobre a enorme conveniência para o bom rendimento na construção e melhor ainda na conservação, de cada equipe ter os seus elementos componentes tanto quanto possível fixos (as mudanças de elementos isolados provocam muita queda no ritmo dos trabalhos). Outra é sobre a conservação de um circuito ser feita pela equipe ou pelas equipes que o construíram, pois foram os seus próprios elementos que a etiquetaram e conhecem todos os detalhes dos itinerários.

Quem estiver lendo estas linhas por certo não fará ideia exata do que eram, em quantidade, as linhas que passavam por ambas as margens da estrada que saía de PORRETA TERME tanto para SILLA e MARANO, como para SILLA e GAGGIO MONTANO. Feixes enormes com 40, às vezes até 50 linhas, dificultavam enormemente os trabalhos de manutenção dos circuitos mal etiquetados. E quando acontecia, o que não era raro, caírem granadas nas suas imediações, esvaçando tudo (a explosão da granada arrependia o cabo de campanha em vários pedaços), aí então é que o construtor de linhas padecia e comumente era obrigado a construir novos trechos naquela parte prejudicada, porque não era possível recompô-la aproveitando a que restava.

A passagem de circuitos era feita declarando-se a quantidade de cabo gasta, por escrito, mediante recibo passado pelo Cmt. das Trns. ou pelo Oficial de linhas, ou ainda pelo Oficial de Comunicações.

Sda. M. J.

Neste particular de recebimento de circuitos metálicos já construídos, e explorados em campanha, é preciso que aproveitemos os ensinamentos, nós que somos pobres e não poderemos gastar a quantidade fabulosamente grande que os norte-americanos gastaram de cabo de campanha. É precisa que o nosso pessoal adquira reilêxos consequentes de muita instrução no campo sobre etiquetagem com utilização de códigos; sobre a constante melhoria dos circuitos em todas as oportunidades, mesmo que tais circuitos tenham sido construídos por outrem ou que estejam servindo a outra qualquer tropa amiga; sobre emendas bem feitas e bem isoladas (rita de borracha e mais a rita alcatroada).

A prática de lançamento do cabo acompanhando a margem da estrada, na realidade permite um grande rendimento na construção, por isso que a viatura ségüe a estrada com uma velocidade boa, mas ela nos proporcionou muitos contratempos e aborrecimentos enormes, devido às constantes interrupções havidas, mesmo em locais que não haviam sido bombardeados. O movimento de viaturas nas estradas era qualquer coisa de fantástico. Os tanks e os blindados iam e vinham pelas estradas a entrar e a sair de posições, pois estavam sendo empregados muitas vezes como artilharia. O mesmo acontecia com os tratores da engenharia e da própria artilharia tracionando canhões. Era muito comum os cabos de campanha nas passagens de porteiras, nos cruzamentos de estradas, nas junções, etc. não estarem suficientemente suspensos (4 ms. no meio da catenária) e serem partidos pelas viaturas que passavam. Outras vezes, as viaturas de um comboio precisavam fazer um "alto", abriam passagem, à viva força, à margem da estrada em qualquer ponto, discricionariamente, e assim arrebatavam os cabos de campanha. Também os tanks que precisavam deixar a estrada e entrar pelo campo afóra para as suas novas posições, arrebatavam impiedosamente os circuitos telêfonicos.

Houve casos de corte intencional dos circuitos telefônicos feitos, ou por ignorância de alguém que tirava o pedaço do cabo para qualquer fim, ou praticando ato de sabotagem de que muitas vezes suspeitamos. Fizemos policiamento das linhas, mas nada conseguimos esclarecer.

Chegamos a conclusão de que as linhas que mais tempo passavam sem dar alterações eram as que seguiam diretamente através do campo, tendo havido muito cuidado nas passagens dos pontos críticos. Os 2 circuitos ligando PORRETA TERME (Q.G. AV. da Ia. D.I.E) a MARANO (P.C. do 6º R.I.) e também a RIOLA, os quais, em vez de seguirem a rodovia cujo tráfego era imenso e intenso, seguiram a ferrovia toda destruída pelos próprios alemães antes de abandonarem aquelas posições, prestaram relevantíssimos serviços ao Comando, apresentaram relativamente poucos defeitos e duraram cerca de 3 meses, dois dos quais enterradas debaixo da neve, no inverno. Referidos circuitos foram construídos com muito sacrifício, à mão, porque por aquele itinerário não era possível passar viatura, nem mesmo o "jeep". Foi nessa oportunidade que o 1º Ten. MARCELLO DUARTE MENNA BARRETO DE BARROS FALCÃO, então Cmt. da Secção de Construção, contraiu durante os trabalhos que ele dirigiu pessoalmente a doença do frio chamada "mão de trincheira", sendo obrigado a ser recolhido ao Hospital para ser operado.

As normas ditadas pelos regulamentos norte america-

Fl. 125

Dr. M. J. M. J.

nos FM-24-5 e FM-24-20, para a construção de linhas são muito boas e devemos, no que nos interessar diretamente, aproveitá-las no Brasil.

Todos os circuitos da Divisão foram construídos com os cabos W-110B ou com o W-130A, com exceção de pequenos trechos entre os blocos terminais e o centro de construção ou as centrais ou quadro comutadores, que eram feitos com o cabo CC-345 (de 5 pares).

Houve ocasiões em que o IVº C. Ex. botou à nossa disposição um circuito com cabo W-143 ("long range") entre PORRETA E MARANO, bem como um de "spiral four" ("S-4") entre PORRETA e PISTOIA, este para serviços de telefone e de teletipo, mas não houve exclusividade no seu uso por nossas partes porque de vez em quando o próprio IVº Corpo o utilizava discricionariamente.

Nas operações normais, sempre, foram construídos e mantidos 2 troncos do P.C./D.I.E. para os P.C. Av. decada R.I.; dois para o P.C./A.D.; dois para cada unidade posta à disposição da Divisão e que estivesse em linha; entre o P.C./A.D. e os dos G.O., etc... Sempre que o tempo permitiu um circuito especial, posto a posto, foi construído e mantido entre o G-2 e o S-2 da A.D. (Na 34a. Divisão - USA - e na 92a. divisão - USA - quase sempre o G-3 e o S-3 da A.D. eram ligados por posto a posto telefonico).

As Unidades laterais sempre se ligaram de acordo com as N.G.A. da esquerda para a direita.

O telefone de campanha foi durante a guerra o companheiro inseparável dos que exerciam funções de Comando e também dos de função administrativa; dele muito abusaram, mas ele soube ser leal e incansável. Cumpriu também o seu dever.

Sd. Man. 1
sig.
DESLOCAMENTOS DE P.C.

A manutenção das comunicações com rio, durante os deslocamentos de P.C. que é quando se apresenta sob o aspecto mais difícil, foi sempre feita de acordo com as N.G.A. norte-americanas e jamais houve solução de continuidade no sistema.

ORDENS E INSTRUÇÕES

Fôram sempre dadas, oralmente ou por escrito, como anexos às O.G.O.

No que se referia às comunicações com rio, fôram usados, como anexos às O.Trns., os DIAGRAMAS DE CIRCUITOS E DE TRAFEGOS, bem como os MAPAS DE ITINERARIOS DE LINHAS, tudo de acordo com as normas, utilizando-se os simbolos especiais norte-americanos e obtendo-se resultados magnificos.

CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO DE LINHAS

Fôram adotadas todas as Normas ditadas pelos FM-24-5 e FM-24-20, as quais são muito boas.

RECOLHIMENTO DE CABO DE CABO DE CAMPANHA

Durante as operações, ficou constatado que o recolhimento de cabo de campanha é um problema de muito difícil solução para os elementos divisionarios, pelos seguintes motivos:

porque, durante a situação estática, isto é, na derensivae na estabilização, todos os circuitos construidos e mantidos foram necessarios e não puderam ser logo retirados. Foi justamente em tais oportunidades que os construtores de linhas estiveram menos sobrecarregados de trabalhos e, assim, sempre que foi possivel fôram empregados no recolhimento de cabos; mas em tais situações estiveram sempre empregados na manutenção dos circuitos, o que deles exigia grandes estorços;

porque, quando os circuitos perdiam as finalidades e podiam ser recolhidos por desnecessarios, geralmente se processavam, simultaneamente, deslocamentos da tropa, precedidos do pessoal de transmissões que deveria preparar e manter as novas instalações; na D.I.E., sempre que foi possivel, embora sobrecarregando o pessoal, foi recolhido o cabo de campanha fôra de uso, mas a quantidade recolhida, diante do vulto do que havia sido lançado, foi irrisória. O mesmo se deu com as Unidades de Artilharia e de Infantaria; para esta havia rigorosa ordem de recolher, sempre, o cabo leve, duplo, W-130, que era material critico (de difícil consecução).

Todo o cabo recolhido foi entrégue pelo Deposito de Material de Transmissões ao Deposito do Vº Exercito, de acordo com as N.G.A. do Vº Exercito, donde se recebia o cabo de campanha, novo, requisitado, em substituição.

A Cia. de Construção de Linhas do IVº C.EX. é que, depois do deslocamento da Ia. D.I.E., procedia a limpeza das posições deixadas, recolhendo todos os cabos instalados; ela era reforçada com elementos do BTL. do Vº Exercito.

A 24 de fevereiro de 1945 foi reiterada a ordem sobre o recolhimento de cabo de campanha (ordem de serviço n. 73), tendo em vista que a situação desse material estava se tornando critica nos depositos do Vº Ex. Fôram feitas todas as necessarias recomendações, alem das seguintes feitas pelo Vº Ex.:

a) - "o isolamento do cabo deverá estar razoavelmente bom, de tal modo que não haja defeito provavel depois de ser re-

usado, quando estiver humido;

b) - no cabo recuperado, as emendas deverão ser espaçadas no mínimo de 30 metros, o que equivale dizer que durante o seu recolhimento, o cabo não deverá ser cortado em pedaços menores de 30 metros; quanto mais longos fôrem eles tanto melhor para a sua utilização posterior;

c) - nunca deverá existir mais do que 25 emendas por milha (1.609 metros) e, sempre que possível, as emendas devem ser soldadas, além de muito bem feitas; as emendas sempre deverão ser muito bem feitas, utilizando-se o fio de emenda ("seizing wire"), a fita isolante de borracha e a alcatroada; ambas enroladas, bem apertadas, esta sobre aquela.

OPERAÇÕES TELEFONICAS

Os telefonistas de central, no principio, muito deixaram a desejar, porque não estavam suficientemente treinados. Depois uma boa percentagem deles chegou a um grau de perfeição muito bom no serviço; os demais chegaram até onde podiam chegar, devido às suas possibilidades intelectuais e a sua formação moral e espiritual não ajudarem. Em geral, podemos asseverar ter sido bom o trabalho dos telefonistas de central.

EXPLORAÇÃO TELEFÔNICA

Na organização da F.E.B. não havia, de acordo com as N.G.A. norte-americanas, telefonista para operar os aparelhos telefonicos; só havia telefonistas para operar as centrais telefônicas; desse modo, a exploração do telefone foi feita diretamente pelos interessados e deixou muito a desejar:

1) - porque, em geral, os interessados eram impacientes e até chegavam a tratar mal o operador, sem a devida urbanidade, porque as ligações demoravam;

2) - porque os interessados não coordenavam as idéias, pensando sobre o que iam fazer, o que iam dizer, antes de fazerem girar a manivela do magneto e, assim, as conversações, sempre demoradas, se tornavam ainda muito mais demoradas;

3) - porque era mania geral a conversação sobre assuntos diversos extranhos às operações militares, perguntando-se sobre novidades, cartas recebidas da família, etc... e as linhas ficavam sobrecarregadas, provocando demoras nas ligações pedidas pelos outros assinantes, alguns dos quais se enervavam, exigindo do telefonista da central muitas vezes aquilo por que éral culpados os proprios assinantes e não ele, telefonista.

4) - porque os interessados, em geral, não queriam saber de outro meio de transmissões para mandar as suas mensagens, utilizavam e abuzavam do telefone, tendo havido casos de conversações de mais de 45 minutos de demoras com envios de relatorios, conersações diversas, etc...

5) - porque os interessados, quasi nunca, davam o sinal de fim de conversação para advertir o telefonista da central, o que exigia maiores esforços deste e maiores delongas nas outras ligações.

ESTATISTICAS

O norte-americano tem a base do seu progresso na organização e na estatística e nos parece que devemos seguir a mesma escola. Para tudo eles se organizam bem, em pessoal e em material, e depois passam a levantar estatísticas periódicas sobre o exercício das atividades. Assim também foi na guerra. A 34a. D.I. - USA - também pertencente ao IVº C.Ex. como a nossa, na defensiva, no período de 2-10-44, quando parou na direção de BOLONHA, em PIAN AL VOGLIO, até 13-2-45, quando deixou a linha de frente (GRAGNANO), organizou um interessante quadro demonstrativo do funcionamento e das interrupções dos circuitos telefônicos (horas/milhas de circuito) da Divisão e dos seus R.I. e chegou à seguinte conclusão:

total de horas de funcionamento = 99.474

total de horas de interrupção = 7.509

Este total de horas de interrupção por milha de circuito interrompido representou 7,5% do total de horas de funcionamento. A percentagem média mensal para todas as Unidades da 34 D.I., de 1-10-44 até 28-2-45 foi de "4,2%" (quatro e dois décimos %). Apesar da apreciável quantidade de interrupções durante a sua situação defensiva, o contato das linhas divisionárias com as do R.I. e da A.D. foi perdido somente num total de 1267 horas por milha de circuito, fora do total de 99.474 horas por milha de circuito, o que representou 1,3% das horas de funcionamento. Isso não significa que o contato telefônico com essas Unidades tenha sido perdido nessas ocasiões, porque os outros canais de telefone (linhas laterais do R.I. e as dos G.O. para os P.C. DE R.I.) se achavam disponíveis e foram sempre utilizadas. Isso mesmo se deu nos casos verificados dentro das redes da Divisão Brasileira em que foram perdidos alguns contatos de linhas, porém os de telefone foram sempre mantidos pelas linhas transversais que formavam as poligonais de reforço.

Outra estatística procedida pela 34a. D.I. norte americana, foi sobre o tempo exigido para reparar as linhas dos R.I. e da A.D. É de salientar que o tipo de estrada (rodovia) exerce influência capital no tempo de reparo das linhas porque há a considerar-se o tempo gasto pelas viaturas de reparação para viajarem entre 2 pontos quaisquer considerados. Eles chegaram à conclusão que 51,8% dos defeitos das linhas construídas em locais onde as estradas eram boas, foram reparadas em menos de 1 hora. Nos casos das estradas piores em menos de 2 horas. Concluíram eles, também, que, aproximadamente, metade das linhas com defeitos durante 4 horas ou mais, permaneceram nessas condições durante toda a noite com a devida permissão do Oficial de Transmissões. Outros canais telefônicos da poligonal de reforço estiveram disponíveis durante as interrupções; os quais permitiram as equipes esperar clarear o dia para poderem reparar convenientemente as linhas. A outra metade das linhas das linhas mencionadas, estiveram sendo concertadas durante toda a noite com as equipes lutando debalde para localizar os defeitos. As linhas em questão estavam construídas através dos campos, subindo, transpondo e seguindo ao longo da crista de montanhas, enterradas na neve numa profundidade de cerca de 5 pés (1,65 m;).

As equipes de reparação usaram nos seus trabalhos de manutenção de linhas sapatos apropriados para a neve.

Ad. J. J.

O quadro de frequencia dos tipos de defeitos nos circuitos da 34a. D.I. - USA -, durante os meses de outubro a 13 de janeiro de 1945, acusou um total de 1.094 casos de todos os tipos nas linhas conectadas à Central operada pelo pessoal da Cia. de Trns. Em 940 dos 1.094 casos citados, ou sejam 85,9% dos casos de defeitos, o tipo de interrupção mais frequente foi da abertura do **circuito (arreventado)**. Foi concluído que nas Unidades de Infantaria e de Artilharia, a percentagem dos casos de abertura de circuitos teria alcançado mais alto valor porque as linhas da Divisão eram mais curtas e em lugares onde havia menor tráfego de veículos nas suas vizinhanças. Eis uma provável explicação porque o construtor de linhas dessas Unidades pôde funcionar somente com pouco, ou melhor, com relativamente pouco treinamento (uma vez que a materia prima - o homem - seja boa). Sendo capazes de localizar uma abertura do circuito, com rapidez, e de fazer uma emenda bem feita, sem gastar muito tempo, eles podem atingir a uma performance de 80% a 90% do trabalho de reparação. Contudo, foi notado que nos casos de defeitos outros que não os de abertura do circuito, em que a falta de conhecimentos ou a falta de treinamento do construtor de linhas não **pode** localizar os defeitos, eles construíram uma linha nova em todo o trecho prejudicado. Este procedimento constitui um desperdício de tempo, de energia do homem e um muitas vezes desnecessário desperdício de material (cabo ou fio).

O mês de outubro foi o mais difícil, aliás muito difícil para a instalação e para o reparo das linhas. Foi mês dos ventos fortes, das chuvas abundantes e continuadas e de trabalhos, para a 34a. D.I. - USA -, em estreitas estradas de rodagens, dando somente tráfego num sentido. Os tipos de defeitos apresentados nas suas linhas foram: aberturas, defeitos parciais, curtos circuitos, perda pela terra e cruzamentos de linhas (contatos uma com a outra).

As causas dos defeitos dos circuitos, no período de outubro a 13 de fevereiro de 1945, foram as seguintes:

viaturas	607 interrupções;
ação da artilharia	153
trabalhos de engenharia	137
motivos não identificados	101
pessoal & equipamento	65
tanks	31

TOTAL GERAL 1.094 interrupções

Nos 153 casos de interrupções causadas pela artilharia, 106 tiveram lugar nas imediações do P.C., as 65 restantes nos Observatórios.

Houve relativamente poucas interrupções causadas pelos tanks durante a defensiva, no sector da 34a. D.I. -USA- onde tiveram um emprego muito limitado. Nos tempos de gelo e de lama os tanks e os TD pouco se movimentaram no mencionado sector; foram usados como artilharia em posições mais ou menos fixas.

Ad. Mateus
11/11

Mesmo com todas as precauções tomadas contra o tráfego de viaturas, as 607 interrupções, ou sejam 55,5% delas, foram causadas por elas.

Nas estradas enlameadas ou com a pavimentação coberta de gelo, nas quais as viaturas derrapavam constantemente, indo para e além dos ombros (margens) das estradas, entrando pelo campo a dentro, foram causas de muitas interrupções.

Os acampamentos novos e as novas posições de artilharia cujas peças eram colocadas em áreas aparentemente inacessíveis, causaram também muitas interrupções em virtude do tráfego das viaturas.

COMENTARIOS LIGEIROS

Nós, brasileiros, no S.Trns., procuramos fazer os nossos quadros estatísticos sobre os mesmos motivos dos norte-americanos e baseados nas mesmas normas gerais de ação. Mas, apesar da insistência nas ordens, nas reclamações, etc., as informações prestadas em relatórios diários e semanais pelos subordinados (oficiais de comunicações, oficiais de linhas, de C.M., de T&T e de Radio) jamais chegavam corretas, muitas mesmo nem mesmo chegavam e os responsáveis alegavam falta de tempo, falta de prática da soldadesca no fornecer os dados, etc. E, assim, a prestar informações incompletas neste relatório resolvemos referir-nos às feitas pela 34a. D.I.-USA+, uma das melhores e das mais veteranas (lutou desde o Norte da África), de vez que concluímos aproximarem-se os seus dados dos dos nossos, sendo estes inferiores.

Ha oficiais que mantem um ponto de vista que julgamos errado, a respeito do exercicio de certas atividades; acham eles que, "verdadeiramente na guerra", basta que o pessoal trabalhe muito e que os meios funcionem, atendendo às necessidades de Comando dos elementos de Comando e do E.M., não havendo necessidade de se estar dando melhor aspectos às linhas, amarrando-as em feixes, em fazer relatórios precisos de consumo de material, em relatar defeitos com referencias à hora, tempo de interrupção, quantidade, qualidade, motivos, etc.; pensam eles que tudo isso é necessário e desgasta o pessoal especializado com tantas preocupações. Somos de parecer contrario e também não chegamos ao ponto de ir até o extremo oposto, isto é, encher o pessoal de responsabilidades burocraticas. Achamos que os registros todos devem ser feitos porque deles e com eles é que se torna possível tirar ensinamentos, orientações para se proceder de outro modo, etc. Mas só se poderá corrigir tal defeito de pessoal com a instrução intensiva e continuada durante o tempo de paz, feita sempre no campo.

A maior condição a ser atendida na instalação e manutenção de um sistema de comunicações com fio, em campanha, é o tráfego de viaturas. Esta condição é geral e não se prende somente ao pessoal de transmissões. Todos os motoristas devem ser bem instruídos e avisados sobre o assunto.

Nas instalações das linhas telefônicas deve ser feito o maior esforço possível para acomodar e, posteriormente, fiscalizar o cabo de campanha, de modo que as viaturas de qualquer natureza não possam arrebatá-lo facilmente. Isso implica em uma maior demora na construção do circuito, compensada, porém, pela quasi ausência de interrupções, ou, pelo menos, a sua redução ao minimum. O itinerário das linhas deve ser patrulhado, diariamente, prestando-se muita atenção :

nos locais (áreas) dos estacionamento novos (principalmente bivaques e acampamentos);

nas alterações e mudanças feitas nas áreas de bivaques e acampamentos já existentes; nas estradas novas;

no andamento e na localização dos trabalhos de engenharia em relação às linhas;

nos danos causados aos postes;

nas lanças forquilhas;

nas varas e outros elementos usados, onde tenha sido

Ad. M. M. M.
pendurado, prêso ou apoiado, o cabo de campanha.

Muitas vezes o construtor de linhas, trabalhando em "black-out" (escuro), tentando achar uma linha interrompida, no meio de muitas, desacomoda (deixa mal colocadas) todos os outros circuitos vizinhos.

As equipes de reparação de defeitos deve ser muito bem treinada para informar onde o cabo de campanha precisa ser reparado ou **acomodado**, convenientemente. A patrulha diária de linhas e de melhoria das linhas deve evitar e consertar todos os defeitos que encontrar mesmo que sejam em linhas de outras tropas amigas.

Nos sistemas de linhas da 34 D.I. -USA-, as estações de teste, manejadas por um chefe de linhas e pelo pessoal de reparação, foram frequentemente usadas. Na 1.ª D.I.E. não foram tanto, por causa da deficiência do pessoal. Tal prática aumenta a velocidade de reparação das linhas e economiza o desnecessário uso e evita avarias nas viaturas, pela localização imediata dos defeitos pela equipe de reparação localizada mais próxima de onde se deu a alteração. Um tipo de posto de teste comumente usado para determinar em que metade de uma linha se deu o defeito, foi usado com muita vantagem, em campanha, na situação defensiva. O posto de teste é operado da seguinte maneira: coloca-se uma bobina trasladora C-161 no centro da linha em que se deseja instalar o posto de teste. Usando um aparelho de teste, verifica-se qual é a resistência elétrica do trecho do circuito entre a central e a bobina. Isso permitirá um acurado teste da linha, além da bobina. Faz-se o mesmo trabalho, partindo-se da central telefonica distante. Quando a linha está interrompida, somente o pessoal da central ou do quadro onde não se obtém a leitura da resistência elétrica entre o trecho de linha, digo, a leitura da resistência elétrica do trecho de linha entre a central até a bobina, deve enviar a equipe para efetuar a devida reparação do defeito que houver, o qual deve estar localizado em tal trecho.

Na região muito montanhosa de PIZZO DI CAMPIANO, M. CAPPEL BUSO, SERRASICCIA, onde viatura alguma não podia subir, o cabo de campanha foi transportado para a construção de linhas, sobre o dorso de cargueiros (mulas), MUITAS DAS QUAIS, nas partes mais estreitas do caminho, caíram pelo precipício abaixo, espatifando-se completamente.

RELATORIOS SEMANAIS SOBRE CONSUMO DE MATERIAL DE TRANSMISSÕES

+ Foi usada a formula n. 12 do S.Trns., mimeografada, constando de um "sumario das comunicações com fios" (dividido em 2 quadros, o 1º sobre cabos e fios, e o 2º sobre centrais telefonicas; um sumario de rádio e um sumario de Centro de Mensagens.

Acha-se em anexo um exemplar da formula 12.

Referida formula é baseada no sistema norte-americano, de modo que se possa ajuizar bem das atividades das transmissões durante um certo periodo. E' de muita utilidade, mas, infelizmente, não foi cumprida fielmente pelos nossos oficiais em geral, que os enviavam ao S.Trns. muito irregularmente, apesar dos insistentes pedidos por ele feitos, acompanhados de reclamações.

Alguns oficiais, inclusive de comunicações, ponderaram não ser ela muito pratica e mesmo desnecessaria. Não somos do mesmo parecer:

1º) porque outros oficiais de comunicações de outras Unidades a fizeram e a cumpriram fielmente;

2º) porque os norte-americanos a usam regularmente e por ela se basam para as suas orientações;

3º) porque basta que no fim de cada jornada os elementos de cada **setor** de atividades entreguem aos seus chefes ou Cmts. os dados relativos ao que fizeram e do que gastaram em material durante o periodo de trabalho em que estiveram empenhados, nada deixando para depois, para que tudo fique perfeitamente bem feito.

A questão é que temos contra nós, em geral, o defeito grave de deixar tudo para mais tarde, ou porque achamos que estamos cansados, ou porque achamos que não temos tempo, ou ainda porque arbitrariamente achamos que esse ou aquele documento não tem importancia, sendo uma mera exigencia "sem razão de ser" do Chefe ou do Cmt. Puro regime do contra e tambem comodismo. E' a falta de reflexos porque não estamos habituados a trabalhar como deviamos. A nossa instrução no tempo de paz deve passar a ser mais objetiva, viver casos reais para que, ao chegarem os momentos necessarios, estejamos todos em condições de praticar as atividades sem grandes reações do corpo e do espirito. No caso presente, era comum o oficial de comunicações dizer que na linha de frente não se tinha tempo para estar fazendo calculos do que se gastou e que a guerra não seria ganha com papelario. Estamos convencidos de que sempre ha oportunidades, quando não se deixa para depois, para que se balaceie o movimento de material no fim da jornada, principalmente porque os elementos que tratam dos suprimentos e do nivelamento do deposito não são os mesmos que fazem as construções e as explorações; cada um contribuindo com a sua parte, chega-se a resultados ótimos. Pelo quadro de efetivos ha a devida indicação para a indispensavel repartição racional do trabalho.

Tudo exposto verificamos haver necessidade de um controle do consumo de material e do modo de trabalho do pessoal, bem como do efetivo empregado em cada especialidade, de modo a poder-se fazer ideia das atividades no espaço e no tempo.

E' preciso que a praça seja muito instruida para que informe aos seus Chefes ou Cmts., por iniciativa propria e conscientemente, tudo o que fez ou observou durante a execução da

Adm. Matheus
uj.

Fl. 134

sua tarefa, de modo que não seja preciso, como muitas vezes aconteceu durante a campanha, o oficial ter de fazer serviços de praças porque elas não estavam em perfeitas condições e haver urgência na sua realização. Cada um deve fazer, tão automaticamente quanto possível, aquela parte que lhe cabe e para a qual foi designado.

1º A.I. =	555,620 km.	227,400 km.
2º A.I. =	1.376,180 km.	318,000
3º A.I. =	730,220	383,400
1º G.O. =	320,000	48,000
2º G.O. =	520,250	7,500
3º G.O. =	446,300	122,000
4º G.O. =	124,500	88,000
5º G.O. =	272,000	1,200
6º G.O. =	1,580	-
7º G.O. =	-	-
8º G.O. =	42,370	2,000

Adm. Mat. 135

Fl. 135

QUANTIDADES DE CABO DE CAMPANHA RECEBIDO PELAS UNIDADES DA
1a. D.I.E. - DISTRIBUIÇÃO FEITA PELO DEPOSITO DE MATERIAL
DE TRANSMISSÕES DA DIVISÃO, DURANTE TODA A CAMPANHA.

Cia. de Trns. =	W-110B=	1.982,040 Kms.	W-130=	-
1º R.I. =		456,620 km.		227,400 Km
6º R.I. =		1.376,180 km		310,000
11º R.I. =		730,220		588,400
1º G.O. =		328,000		48,800
2º G.O. =		510,650		7,600
3º G.O. =		446,300		129,400
4º G.O. =		124,500		68,400
Bia. Cmdo. A.D. =		272,000		1,200
9º B.E. =		1,580		-
1º B.S. =		-		-
Esq. Ren.=		48,370		2,400

ANEXOS :

"SEÇÃO II - SIMBOLOS E DIAGRAMAS REFERENTES AS COMUNICAÇÕES COM FIO", USADOS PELA F.E.B.

"REGRAS DE EXPLORAÇÃO TELEFÔNICA"

"CATALOGO DE TELEFONE DA D.I.E."

3 O POMBO CORREIO

Apezar de ser um meio de transmissão de fácil emprêgo, em que pode haver bastante regularidade, de desenvolver grande velocidade no vôo (até 60 kms/h., dependendo do estado de treinamento e das condições do tempo), de permitir a escolha do ponto de regresso com a localização do pombal (e consequente adaptação das aves), e de garantir certa segurança no cumprimento da missão, a colomborilia foi muito pouco empregada pela 1ª D.I.E., à disposição de cujo S.Trns. foi posto o "62th; PIGEON LOFT", com cerca de 60 pombos, pertencente à Seção Colomborila que estava à disposição do IVº Corpo Ex., posta pelo Vº Ex. Foram causas do pouco uso:

a eficiência das comunicações com fio e dos mensageiros, que atingiu a um nível bem alto; a uniteralidade da comunicação; a incerteza da chegada ao destino; a necessidade de retransmissão entre o pombal (sob a imediata responsabilidade e direção de um 2º Ten. de pombos, norte-americano, que não falava português) e o destinatário, geralmente arastado; ter ficado constatado que as colombogramas levavam muito mais tempo para chegar a destino que os outros meios, devido a fatores que independem dos brasileiros, e, finalmente, porque, geralmente, o pessoal de transmissões dos R.I. achava que dava muito trabalho e não compensava, uma vez que ele dispunha de comunicações muito boas (este último motivo decorre da observação pessoal, sentida por nós na Cheria, mas que não nos foi comunicada por outrem, tampouco pelos interessados).

Não obstante haver outros inconvenientes grandes no emprêgo do meio considerado, somos de parecer que ele é realmente digno de continuar a ser desenvolvido no nosso Exercito. Os norte-americanos o consideram ainda muito e guardam, muito ciosos, na biblioteca da Escola de Transmissões, em NEW-JERSEY - "FORT MONMOUTH" - , em local de evidência, empalhado e dentro de uma caixa de vidro, o pombo "MOCKER", com uma expressiva legenda que o destaca como herói "yankee".

4) - O RADIO

"O sucesso ou o fracasso de qualquer missão militar depende da eficiência do seu sistema de comunicações. Nos dias atuais em que a guerra é ultra-rápida, a comunicação positiva e rápida é, como jamais o foi, a mais vital importância. O advento da guerra mecanizada, tornada possível pelo desenvolvimento das viaturas motorizadas, dos aviões e dos "tanks", criou UMA RÍGIDA IMPOSIÇÃO DE UM SISTEMA DE COMUNICAÇÕES, MOVEL, FLEXÍVEL E RÁPIDO, e o rádio é o único meio de transmissões que pode atender tal exigência. A COORDENAÇÃO PERFEITA DE TODAS AS UNIDADES QUE CONSTITUEM UMA FORÇA MODERNA DE LUTA TERIA SIDO VIRTUALMENTE IMPOSSÍVEL SE NÃO FOSSE A COMUNICAÇÃO PELO RADIO. Centenas de milhares de aparelhos de rádio foram usados pelo Exército Norte Americano para dirigir os seus tanks em batalha, para detectar a aproximação dos aviões inimigos, manter os seus aviões de caça em contato com o inimigo, dirigir os seus bombardeiros aos seus objetivos e trazê-los de retorno às suas bases com segurança. Pequenos e portáteis aparelhos de rádio permitiram comunicações imediatas entre as tropas a pé, e estações de rádio potentes transmitiram ordens aos Comandantes nos campos de batalha. Todos esses aparelhos devem ser, sempre, adequadamente operados e convenientemente mantidos; de outra forma eles perdem completamente o seu valor. A falha de um aparelho rádio nas operações de campanha pode ser a causa do fracasso de uma missão e a perda de muitas vidas."

Eis o modo como se referem os norte-americanos ao rádio; atentemos bem no senso das suas palavras. Precisamos que todos os oficiais e praças, no Brasil, diretamente ligadas às atividades de Comando saibam empregar tão precioso meio, respeitando e fazendo cumprir as recomendações feitas pelo oficial de transmissões ou pelos de comunicações; precisamos de bons rádio-operadores e de mecânicos de rádio; precisamos de bastante material rádio e, acima de tudo, precisamos de emancipação nas transmissões para irmos avante.

Infelizmente tem sido muito comum no nosso meio, mesmo entre oficiais, descrever o rádio como eficiente meio de transmissões; quase que todo o crédito pende para a telefonia com fio e para o mensageiro. Mas, se for feito no nosso Exército, mais ou menos o que fizemos na F.E.B., encarando o problema com entusiasmo e com a firme vontade de solucioná-lo, com os métodos e os equipamentos atuais, poderemos dele conseguir um ótimo rendimento, tal como aconteceu na campanha. Neste particular não se deve esquecer que em muitas fases da guerra, ele é o único meio capaz de atender às necessidades das operações.

Num teatro de operações como o da ITÁLIA, onde o número de divisões e de tropas diversas era elevado, as dificuldades para o uso do rádio foram bem grandes, de vez que o número de faixas de frequências de trabalho era limitado. Interferências, ocasionais ou propositais, e ruídos devido às condições de propagação e as atmosféricas, etc., dificultaram, assaz, o tráfego de mensagens pelo rádio. A qualidade do material e a habilidade do pouco pessoal disponível remediaram ou resolveram quase sempre todos os problemas.

Para fins militares o norte americano classifica do seguinte modo as faixas de frequências:

Ida. na
H. J.

Baixa-irrequencia ("l-r") ;;; de 30 A 300 kc.
 média-irrequencia ("m-r") de 300 a 3.000 kc.
 Alta-irrequencia ("h-r") de 3.000 **kc**; a 30 mc.
 Muito-alta-irrequencia ("v-h-r")... de 30 a 300 mc.
 Ultra-alta-irrequencia ("u-h-r")... de 300 a 3.000 mc.

Fôram as seguintes as estações usadas pela D.I.E.:

SCR-284	trns. na faixa de	3.800 a 5.800 kc.	(h-f)
SCR-300	trns. na faixa de	40.000 a 48.000 kc.	(v-h-r)
SCR-399	trns. na faixa de	2.000 a 18.000 kc.	(m - r
			&
			h-r)
SCR-506	trns. na faixa de	2.000 a 4.500 kc;	m-r & h-r
SCR-510		20.000 a 27.900 kc.	h - r
SCR-511		3.000 a 6.000 kc.	h - r
SCR-536		3.500 a 6.000 kc.	h - r
SCR-608		27.000 a 38.900 kc.	h - r & v-h-r
SCR-610		27.000 a 38.900 kc.	h - r & v-h-r

Dessas estações são moduladas em frequencia:

SCR-300, a SCR-510, a SCR-608, a SCR-610.

Adm. Mar. 11 Fl. 140
a) O RADIO NO INTERIOR DA 1a. D.I.E.:

Foi muito utilizado depois de desenhada a ofensiva e durante a perseguição, com enorme sucesso. Durante a defensiva, o seu emprêgo foi muito restrito pelas Cartas de Silêncio e de Atividades emitidas pelo Vº Exercito. Ele foi usado na comunicação posto a posto ou em rêdes sempre comandadas; a ligação entre os observadores avançados dos G.O. ou entre os seus oficiais de ligação e o respectivo Grupo, foi sempre feita posto a posto. A organização das rêdes radio dentro da divisão variou muito de acordo com as necessidades.

Não tivemos oportunidade de instalar as rêdes de acordo com as N.G.A. norte americanas; assim é que não utilizamos as destinadas às marchas nem as previstas aos altos e estacionamentos.

O Cmt. das Trns., constantemente, nas IET (Instruções para o Emprêgo das Transmissões) distribuiu as frequencias para as varias rêdes radio, de acordo com as disponibilidades ditadas pelo Vº Exercito. Sempre presidiu a essa distribuição de frequencias, a preocupação de reduzir ao minimum as possibilidades de interferencias, fazendo sempre o jogo de acordo com a distribuição restrita feita pelo Comando superior.

Vêr em anêxo as diferentes rêdes da Divisão.

Para a exploração radio foram adotadas as normas estabelecidas pelo Vº Exercito para o Teatro de Operações da Italia. O sistema de exploração foi o em ponte.

Pelo Vº Exercito foram distribuidos folhetos impressos contendo as normas de radiotelegrafia e de radiotelegrafia para as Forças de Terra, as quais foram seguidas tanto quanto possível pelos brasileiros.

A radiotelegrafia apresentou as vantagens que nós já conhecíamos: instalações pouco visiveis e pouco vulneraveis; comunicações regulares entre autoridades que não se podiam comunicar pelos outros meios; facil deslocamento das estações acompanhando os P.C.; grande capacidade de difusão e oferece relativa segurança quando bem explorado. Mas, devido aos grandes inconvenientes apresentados, ele, por assim dizer, ficou em silencio durante toda a defensiva, salvo os postos de estações moduladas em frequencia que tinham liberdade de ação, de acordo com as instruções em vigor. Até certo ponto, isso veio ao encontro das nossas conveniencias, porque o numero de radio-operadores de que dispunhamos não teria sido em absoluta suiciente para aguentar um tratego muito grande durante muito tempo.

A radiotelegrafia foi mais usada, porque as autoridades a achavam mais pratica e mais rapida. Devido a esse modo de pensar e ao consequente modo de agir houve muito desprezo, generalizado, das condições de segurança das transmissões. Codigos e cirras não eram respeitados e tudo era dito, às vezes, em linguagem clara: nomes, designações de unidades, até coordenadas. Neste particular é de justiça ressaltar que foi a Artilharia a que melhor explorou e respeitou as imposições em beneficio da segurança das transmissões.

As rêdes formadas pelas estações F.M., destinadas exclusivamente à fonia, prestam serviços relevantissimos às operações e provaram que tais estações são as ideais para tal fim. Os radios com modulação em frequencia foram a

Fl. 141

Adm. Mar. 1941

grande novidade desta guerra, em materia de aparelhos para a campanha. Controlados à cristal, são eles de exatidão absoluta de frequencia, com o que a sua operação se tornou uma coisa facilissima, sendo possivel manter-se em funcionamento rêdes de um grande numero de postos, mesmo com pessoal pouco treinado, com absoluta regularidade, embora a segurança tenha que ser mais cuidada. Por não estarem sujeitos à perturbações atmosféricas, permitem sempre boas comunicações, a não ser nas regiões onde o terreno era muito, dobrado e não se podia colocar a estação em ponto dominante para atender a condição da propagação em linha réta da onda (v-h-f). Os radios FM foram nesta guerra verdadeiros postos telefônicos (sem fio). Na Artilharia, muitas missões de tiro iniciadas pelo telerone rôram perfeitamente bem continuadas pelo radio, em virtude de rompimentos ou outras interrupções dos circuitos teleronicos, sem que houvesse solução de continuidade na ação do Comando. O alcance desses radios é relativamente pequeno e faz parte da característica tática do aparelho para a missão que deve cumprir. Em razão da frequencia muito elevada em que trabalham, fazendo as comunicações serem limitadas ao horizonte visual (necessidade da colocação das estações em pontos elevados e dominantes, sem obstaculo entre elas). Os radios FM satisfizeram plenamente às necessidades e às suas excelentes qualidades deram às Transmissões, principalmente as da Artilharia, o segredo de seu formidavel sucesso.

A Cia. de Trns. somente utilizou os radios F.M. nos serviços de escuta, controlando a exploração feita nas diferentes rêdes, durante as operações. Em varias oportunidades, roram instalados postos de estações FM, nos PC da Divisão, com muito êxito, para atender aos serviços do Comando.

Cumpra salientar, como já o fizemos antes, que as facilidades proporcionadas pela radiotonia se constituem sempre em perigo para as operações militares quando mal empregadas, com respeito à segurança das transmissões. Os códigos são de capital importancia na exploração das rêdes e, devido à falta de refléxos, consequencia da deficiencia de treinamento e de muita compenetração por parte de quem a usou, sinões graves rôram cometidos durante as operações militares, em certos momentos, tais como a transmissão em linguagem clara de nomes de localidades, de pessoas e até coordenadas e nomes de comandos, etc... Somos de parecer que devemos dotar as nossas Unidades de aparelhos radio FM, tudo padronizado, intensificando-se muitissimo a instrução que deve ser permanente, com respeito à exploração, a todos os Officiais, em geral.

As estações SCR-193, instaladas sobre viaturas de 3/4 ton., tipo Comando ou porta-armas, não se prestam para certas missões na linha de frente, onde às vezes, o PC do RI fica sob a ação continuada da artilharia e dos morteiros inimigos, e em pontos que para serem atingidos tem-se de seguir estradas muito estreitas e pessimas, as quais em tempo de chuva são quasi intransitaveis. A prática aconselha, pois, a, pelo menos duas dessas estações, serem montadas em viaturas de 1/4 ton. ("jeep"), estes com a instalação elétrica devidamente adaptada. Isso foi usado por varias divisões norte-americanas na guerra da Italia, com muito êxito.

Somos de parecer que as Cias. de Obuzes dos R.I.,

Ida Mattes
uj.

Fl. 142

dévem ser dotadas com as SCR-610 em vez da SCR-300, tal como aconteceu conosco durante a campanha, onde foi obtido um grande êxito; que a Cia. de Trns. disponha na sua dotação, para fins especiais, de quatro delas.

Ad. Ham
ij
CIRCUITOS DE RADIO

Cada Corpo de Exercito ou Divisão que operou diretamente com o Vº Ex. manteve com este 2 circuitos em CW.; um deles foi sempre mantido durante 24 horas, o outro operava somente durante os periodos de atividade do radio e quando as comunicações com rio estavam sobrecarregadas ou interrompidas. Tais circuitos, diariamente, mudavam de indicativos e eram operados, normalmente, como rêdes livres, no escalão C.EX. para cima, sendo permitida a comunicação lateral.

Dentro da Divisão foram sempre instaladas as seguintes rêdes previstas pelas N.G.A.:

a) - de comando n. 1 (da Cia. de Trns. - SCR-193, compreendendo os postos nos P.C. da D.I.E., de cada um dos R.I. ou de algum Comando em missão sob o Comando imediato da DIVISAO como no caso da I.D., etc....

b) - rêde de reconhecimento da D.I.E. (SCR-193), compreendendo os postos nos P.C. da D.I.E. e do Esq. Rec.

c) - circuito especial, eventualmente, do P.C. Av. para o P.C. recuado da D.I.E. (SCR-399 e SCR-193).

Do mesmo modo, as rêdes de comando e de tiro da A.D. (Artilharia Divisionaria), cujo P.C. sempre esteve justaposto ao da D.I.E., sempre foram instalados e explorados de acordo com as N.G.A. e debaixo das restrições da carta de atividade e de silencio de radio.

Dentro dos R.I., as rêdes foram estabelecidas e mantidas de acordo com as N.G.A. e seguiram as instruções da carta de atividade e silencio de radio, salvo as de F.M. que tinham relativa liberdade de ação, de acordo com as operações em curso e seguindo as I.E.T. devidas.

Não chegaram a ser instaladas as rêdes do B.E. e do B.S., por falta de operadores e de oportunidade.

SILENCIO DE RADIO

A expressão SILENCIO DE RADIO foi usada na FEB, de acordo com as instruções do Vº Ex.:

1) - todas as transmissões proibidas, inclusive as que eram necessarias ao estabelecimento das rêdes;

2) - as estações de radio eram instaladas nos postos e ficavam em condições de operar imediatamente, quando houvesse necessidade.

Dentro do Vº Ex. houve duas categorias de Silencio de Radio:

1) - SILENCIO NORMAL - para permitir o treinamento, nas operações, sem radio, e para enganar o inimigo sobre o silencio do sistema. Durante tal periodo de silencio normal não havia transmissão de qualquer espécie, nem para sintonia, nem para teste, exceto em caso de emergencia, quando houvesse a devida autorização dada pelo Cmt. da Unidade. Nas referidas emergências achavam-se incluídas as completas interrupções do teletipo, do telégrafo e das comunicações telerônicas. Neste particular, era bem feita a advertencia, chamando-se a atenção de que a quebra do silencio do radio era coisa inteiramente à cargo e da responsabilidade do Cmt. devido.

2) - SILENCIO ESPECIAL DE EXPLORAÇÃO

Sempre que necessario, foram impostos periodos de silencio por motivos de operações. Tais silencios não podiam ser quebrados pelas Unidades interessadas, sem uma autorização especifica do Q.G. que os havia determinado.

Ada Maria
S. Jij.
 As instruções das operações que determinavam tais silêncios qualificavam-nos com a expressão "silêncio de operação especial".

A nenhuma Unidade em reserva era dado ativar qualquer rede de radio fora da sua área de estacionamento ou de treinamento, sem prévia autorização do Cmt. do Vº Ex. Quanto a este particular, foi observado pelo Vº Ex. que se passaram casos em que Divisões norte-americanas, em reserva, depositarias de ordens para reconhecerem áreas de reunião destinadas às operações subsequentes, puzeram no ar pontes de radio para a tropa em trabalhos de reconhecimento, descuido esse, autorizado ou não, que se constituiu séria violação da segurança das transmissões e, portanto, da tropa, uma vez que revelou a localização da área desejada ou escolhida, revelando, em consequencia, as intenções do Comando da Unidade.

ATIVIDADE DO RADIO DURANTE AS SUBSTITUIÇÕES

Era a seguinte a norma dentro do Vº Ex.:

- 1) - cada Unidade a ser substituída, mantinha as suas redes radio CW existentes no inicio da substituição e conservavam a atividade normal nas suas operações até que a substituição fosse completada;
- 2) - depois da assunção do Comando do Setor ou Sub-Setor, pelo Comando da Unidade que substituiu, os indicativos e as frequencias de todas as redes radio, inclusive as em tonia, da Unidade substituída, eram mantidos em vigor até o fim do dia de radio em que a Unidade retornava a operar com os seus indicativos e frequencias regularmente distribuídos.
- 3) - a Unidade que substituiu não punha no ar qualquer rede radio, enquanto a rede radio correspondente, da Unidade que estava sendo substituída, não tivesse sido recnada.
- 4) - o silencio de radio era mantido pelas Unidades durante os deslocamentos.

Id. man.
ij.
b) PARA O IVº CORPO DE EXERCITO.

Na rede de Comando do IVº C.Ex. entrou a SCR-299 do Destacamento 2688 (USA), posto à disposição da Divisão, explorada por praças norte americanas, obedecendo as normas superiores. A rede trabalhou livremente e também, muitas vezes, comandada.

c) CIRCUITO ITALIA - BRASIL

A necessidade de ligação direta do Comando da FEB com o Exmo. Sr: Ministro da Guerra, no Brasil, se tornou de tal modo imperiosa depois da chegada da tropa ao continente europeu que o S.Trns. tomou a deliberação de expor o caso às autoridades norte americanas, examinando a possibilidade de ser usada para esse fim a estação de campanha SCR-399, sobre via-tura de 2 1/2 ton. Encontrava-se na Italia somente o Destacamento de Transmissões do Escalão Avançado da FEB e exercia as funções de Chefe do S.Trns. o 1º Ten. HERVE BERLANEZ PEDROZA, que com a sua reconhecida competencia em assuntos de radio, fez, na estação distribuida, a devida adaptação no transmissor e a instalação do sistema de antena direcional. A frequencia distribuida pelo Comando Aliado para tal fim foi de 20.350 kc. de acordo com o ricio 311.23/151 - RAD - KH - JJ de 9-8-44 do Sr. Tan. Cel. PRESTON W; SIMAS; Chefe das Transmissões do " ALLIED FORCE HEADQUATERS" - APO 512, USA.

O officio 311.23 - S do TEN. Cel. N.L. TITTLE, executivo do Officinho de transmissões do Vº Exercito, datado de 31-8-44, determinou o dia 7 de setembro de 1944 para o inicio dos trabalhos da estação "JJQW", da FEB, localizada em PIOMBINO, em circuito com "PUC" (Radio Internacional) no Rio de Janeiro. Horario de trabalho determinado: transmissão - entre 11.00 B e 21.00 B ; escuta - para PUC nas meias horas durante o mesmo periodo até a consecução do contato.

A inauguração da estação, todavia, não poudo ser realizada no dia 7 e si foi feita no dia 10-IX-44, estando a estação localizada em ROSIGNANO SOLVAY 6 VADA 9, Italia, entrando em tráfego com PUC-2 - Radio Internacional - no Rio.

O tráfego com PTA - CENTRAL RADIO DO EXERCITO - só foi iniciado a 12-1-1945, quando JJQW já se achava em PISTOIA, às 11.30 horas.

A realização da 1ª. comunicação em fonia, no circuito considerado, sem prejuizo do tráfego radiotelegrafico, se deu a 27-5-45, quando JJQW já se achava em ALESSANDRIA e a ger- ra já havia terminado.

Fl. 146

Ada. H. H. H.

ESTATISTICA DO TRAFEGO NO CIRCUITO RADIO ITALIA - BRASIL

Movimento de setembro de 1944: estação em experiencia;
 " " outubro " " : " " "
 " " novembro " " : trans: 44 com 2.494 palavras;
 recebidos: 22 com 881 pls;
 " " dezembro " " : trns.: 150 com 10.286 pls.
 rec.: 44 com 2.346 pls.
 " " janeiro de 1945:
 com PUC-2: trns.: 32 com 2.541 pls.
 rec.: 24 com 1.068 pls.
 com PTA : trns.: 96 com 6.708 pls.
 rec.: 27 com 1.187 pls.
 " " fevereiro de 1945: trns.: 124 com 11.446 pls.
 rec.: 37 com 1.754 pls.
 " " março " " : trans.: 236 com 20.541 pls.
 rec.: 80 com 4.307 pls.
 " " abril " " : trans.: 180 com 17.490 pls.
 rec.: 104 com 5.475 pls.
 " " maio " " : trans.: 243 com 21.104 pls;
 rec.: 161 com 7.993 pls.
 " " junho " " : trans.: 147 com 11.805 pls.
 rec.: 152 com 6.203 pls.

DESLOCAMENTOS FEITOS POR " JJQW ":

de ROSIGNANO SOLVEY (VADA) para a região	
de PISA, San ROSSORE (CAMPO	
DO REI)	27-IX-44
de PISA para PISTOIA	25-XI-44
de PISTOIA Para ZOCCA	25-IV-45
DE ZOCCA para VIGNOLA	26-IV-45
De VIGNOLA para MONTECHIO	27-IV-45
De MONTECHIO para ALESSANDRIA	28-IV-45
De ALESSANDRIA para FRANCOLIZE (NAPOLIS)..	5-VI-45

EXPLORAÇÃO DE "JJQW" EM FONIA - A HORA DO EXPEDICIONARIO - TRABALHOS JA' NO APÓS GUERRA.

Uma vez terminada a guerra nos primeiros dias de maio, foi lembrado tornar o trafego de JJQW extensivo à fonia, de modo que os expedicionarios pudessem comunicar-se com as suas familias no Brasil. O então 1º Ten. HERVÊ, adjunto do S. Trns., foi encarregado da parte técnica, fazendo as devidas experiencias que foram realizadas a principio com PUC-2 - RADIO

O serviço radiotelefonico não podia ter sido melhor; tanto o Comando da FEB como em geral todos os oficiais e praças se manifestaram satisfeitos com os brilhantes resultados obtidos, com as telefonemas para as suas proprias residencias, bem como com a radiodifusão das mensagens.

5 *da ma*
PROCESSOS OTICOS

Não houve oportunidade, no TO da ITALIA, para o emprego da telegrafia otica, da sinalização otica, da sinalização a braços e por painéis, pela tropa brasileira. Somente, e assim mesmo em mui poucos casos, foi usada a sinalização por artificios, isoladamente. Sabemos que o inimigo usava muito a sinalização a braço nas posições por eles ocupadas na defensiva.

IV - A LIGAÇÃO COM O IVº C. EXERCITO:

Foi feita por intermédio do "2688 th SIGNAL DETACHMENT - USA -, posto à disposição do S.Trns. da la. D.I.E. continuando porem como elemento organico do Vº Exercito. Dotado de pessoal e de material em quantidade suficiente, e dispondo de praças que falavam e entendiam alguma coisa o português, o referido Destacamento prestou grandes serviços à Divisão, acompanhando-a sempre, permanecendo no seu Q.G. Avançado onde instalava as suas agências. O funcionamento regular das agencias e dos meios de transmissões do Destacamento 2688 aliviou muito o trabalho do S.Trns. da la; D.I.E. Assim é que todo o sistema criptografico do Vº Ex. e do IVº C.Ex. foi trabalhado pelas suas equipes, cabendo ao S.Trns. somente os sistemas divisionarios. O seu C.M. funcionou sempre em uma viatura de 2 1/2 ton. devidamente adaptada. A sua estação de radio SCR-299, em viatura "carry-all", apropriada, sempre fez parte da rede de Comando do IVº C.Ex. e também entrava na do Vº Ex. A sua Central telefonica, sempre era instalada nas imediações da nossa Central "LUTA", o seu indicativa era "LUGAR"; ambas eram sempre conectadas, uma à outra, por 2 circuitos. A ela eram diretamente conectados os agentes de ligação norte-americanos que trabalhavam no Estado Maior da D.I.E.. A central "LUGAR" era sempre ligada à rede telefonica do IVº C.Ex. por 2 e as vezes mais circuitos construidos com o cabo de longo alcance S-4. A sua equipe telerônica dispunha de um equipamento terminal "CARRIER" telerônico que lhe permitia grande rendimento nos trabalhos.

O Centro de Mensagens do 2688 era equipado com os mais modernos sistemas de criptografos, alem do M-209.

Eram os seguintes os oficiais que compunham o 2688:

Cmt. ;;;;; Cap. BERNARD W. MARSHNER
Oficial T&T 1st. Lt. WILLIAM BERNE
Of. de C.M. 1st. Lt. DOUGLAS M; HONE
Of. radio 1st. Lt. JULIAN HIRT

O 2688th. SIG.DET. foi dissolvido pela Ordem Geral do Vº Ex. nº 65 de 9-7-45.

Fl. 149

V - O EMPRÊGO TÁTICO DAS TRANSMISSÕES

O Oficial de Transmissões da D.I.E. agiu, durante a campanha, como Chefe do S.Trns. na qualidade de especialista técnico, fazendo parte do seu Estado Maior Especial, e assistiu ao Exmo. Sr. Gen. Cmt. no exercício das suas funções de Comando. Comandou, na instrução e nas operações, a Cia. de Trns. A dupla função, de elemento do E.M. e de Comando, de acordo com as normas regulamentares norte-americanas é de fato de real proveito para o funcionamento do sistema de transmissões. Teve ele todo o apoio do Comando e do seu Estado Maior Geral e, assim, teve plena liberdade de ação para desobrigar-se da missão que tanta e exclusiva responsabilidade lhe reza sobre os ombros. Como elemento do E.M., ele deu toda a assistência técnica, no que se relacionou com as transmissões, ao Exmo. Sr. Gen. Cmt. e ao seu E.M. Geral; preparou, publicou e controlou a distribuição de códigos e de cifras; providenciou sobre a reaprovisionamento (suprimento) de material de transmissões; providenciou sobre o sistema das transmissões e sobre os elementos necessários à reparação do material; procedeu a inspeções do material de transmissões e deu instruções sobre o cuidado e a utilização do referido material, tudo de acordo com as normas providas da Secção de Trns. do Vº Ex. e do S.Trns. do IVº C.EX.; exerceu a supervisão técnica de todas as operações de transmissões, a da instalação, da manutenção e das operações do sistema de transmissões. Nada teve diretamente com as atividades relativas ao serviço de informações e as do serviço rotográfico, como prescreve o regulamento, porque elas ficaram afetas ao pessoal especializado norte-americano do Vº Exército, posto à disposição da Divisão. Nas suas visitas de inspeção às transmissões nas Unidades, procurou sempre o melhor equilíbrio de relações e de cooperação entre o Comando e o seu E.M. com o pessoal de transmissões e de comunicações, dando ciência ao Comando de tudo o que havia visto e sentido, quanto as transmissões. Como Cmt. de tropa, ele foi o único responsável pelo treinamento e pelo emprêgo da tropa de trns. da Divisão, exercendo a sua autoridade de maneira equivalente a de um Cmt. de Btl. em relação aos seus subordinados, tendo sempre o cuidado de não usurpar prerogativas do Cap. Cmt. da Cia. de Trns. com o qual teve e manteve o melhor entendimento. No emprêgo do pessoal, ele manobrou, como era natural, com a Unidade dividida em equipes de acordo com as bases funcionais, tendo em vista as especialidades. Exerceu as suas funções de E.M. debaixo da supervisão e da coordenação do E.M. Geral, sob a Chefia do Sr. Cel. FLORIANO DE LIMA BRAYNER. Sempre houve a maior harmonia e o E.M. Geral lhe deu a maior assistência possível. Houve sempre o melhor entendimento e muita conjugação de esforços entre ele e o G-3, Sr. Ten. Cel. HUMBERTO ALENCAR CASTELLO BRANCO. Manteve sempre o Comando e o E.M. ao par das possibilidades do sistema de transmissões divisionário.

Fl. 150

A. J. J. *hatter*

a) - CONSIDERAÇÕES GERAIS

Durante a campanha na ITALIA, no periodo em que a FEB nela tomou parte, as TRANSMISSÕES do Brasil, pela Primeira vez em nossa historia desempenharam papel tão relevante e, como as dos demais grandes Exercitos Aliados, tiveram a prova e mostraram a todos que acompanharam de perto as suas atividades que, atualmente, elas já não se limitam a ser somente "um meio de execução" para servir ao principio de Comando - a ligação", como a definiu DEROUCEMONT; são também órgãos de Comando, de decisão e precisam de autonomia, em continua colaboração com os demais elementos, afim-de que sejam perfeitas as atividades bélicas. Elas não mais podem ser consideradas, por quem esteja ao par do que seja a guerra moderna, como simples meios materiais que asseguram ao Comando ligação com a tropa. Nas montagens das operações, de qualquer natureza, elas entram, ativamente, com a sua indispensavel colaboração, emitem o seu parecer, sem o qual nada pode ser decidido. Foram elas, de fato e de direito, na FEB, a Arma do Comando, não no sentido retórico da expressão, mas vivendo com todos os encargos, responsabilidades e regalias das outras Armas, estudando, decidindo, prevendo e provendo.

No Exercito Brasileiro é necessario que se encare este problema, sentindo de perto a conveniencia da separação das TRANSMISSÕES da ENGENHARIA, para que a preparação e o estímulo dos seus elementos sejam de modo a, em qualquer oportunidade, poderem elas cumprir a sua missão como o fizeram no TO da ITALIA, onde houve oportunidade feliz para que todos os elementos de TRANSMISSÕES as impuzessem perante as demais Armas e definissem de uma vez por todas o seu valor e o seu inequivoco papel de Arma e Serviço.

Nos grandes Exercitos que se bateram pela causa aliada, as TRANSMISSÕES se constituem uma ARMA e, na perfeita coordenação dos seus elementos, pessoal e material, em tais condições, residiu uma grande percentagem da retumbante vitoria conquistada. Assim se depreende da honrosa referencia feita pelo Alto Comando Norte-Americano ao seu SIGNAL CORPS.

Pelos intrincados sistemas das TRANSMISSÕES, pelas suas rêdes radio e telerônicas correram as ordens e as informações que permitiram ao Comando um intenso e continuo contato com os seus subordinados e comandados.

A parte técnica, altamente desenvolvida, e convenientemente empregada pela tática em campanha, permitiu a mais perfeita convergencia de esforços pelo melhor rendimento dos meios de transmissões. E o resultado foi a vitoria.

Existe, hoje em dia, o melhor que se pode imaginar em materia de transmissões. Qualquer problema de transmissões que, antes, era aparentemente insolúvel, pode ser agora encarado como exequível parcial ou totalmente.

As TRANSMISSÕES na FEB jamais deixaram o Comando isolado da sua tropa, mesmo nas situações as mais criticas. Isso porque agimos com liberdade de movimentos, trabalhamos completamente emancipados, o que nos proporcionou intraduzível estímulo, porque houve preparação do pessoal, estudo do emprego e previsão; porque a qualidade e a quantidade do material de transmissões foram satisfatorias.

da
 Em diversas oportunidades lutamos muito nas transmissões, enrentando um adversario para o caso peor que o proprio inimigo - a distancia. Mas as TRANSMISSÕES brasileiras souberam vencer, lançando mão de todos os recursos possiveis, entrosada no sistema grandioso e perfeito das TRANSMISSÕES do Vº Ex. e do IVº C. Ex. Elas ergueram-se sobre os APENINOS e venceram os seus vales profundos e suas montanhas escarpadas.

A ofensiva geral lançada pelo vale do Pô, na primavera, foi uma soberba nota no cenário da nossa campanha e para as TRANSMISSÕES ela escreveu uma página inédita nos nossos annais, muitissimo honrosa.

Todo o pessoal de TRANSMISSÕES da FEB tem a certeza de que contribuiu com o melhor dos seus esforços pelo e para o sucesso das operações militares e, desse modo, nada lhes péza sobre a consciencia. Pelo contrario, são verdadeiramente dignificantes e nos enchem de felicidade, as palavras quentes e justas do Exmo. Sr. Gen. MASCARENHAS DE MORAES, digno Cmt. da FEB, ao fazer o elogio das TRANSMISSÕES publicamente pelo boletim diario da Divisão.

E' com prazer que aqui registamos o fato de, durante a campanha, ter sido conseguido anular a fama de o pessoal de TRANSMISSÕES só ser chamado perante o Comando para explicar porque não funcionaram; na 2ª. Grande Guerra Mundial, ele continuou a ser chamado, mas para cooperar nos planos e trabalhar, junto aos demais, em beneficio do objetivo comum, sem que soffresse humilhações.

E' bem certo que si todos os officiais do Exercito que se servem das TRANSMISSÕES as conhecessem bem, em detalhes, ou si por falta delas se vissem na contingencia de paralisar tudo por falta de contato com as seus comandados e com a sua tropa em geral, poderiam então com justiça avaliar o que seja, por exemplo, o uso de um telerone, o que existe entre os correspondentes (linhas, centrais, etc;) e que, em campanha, tal sistema é quasi iluido, estando sujeito a uma quantidade enorme de condições diversas e quasi sempre adversas. O tempo, como sempre o melhor mestre dos homens, foi que melhor e mais conseguiu, pela pratica da guerra, fazer incutir no espirito de todos as características e os limites das possibilidades do "telerone de campanha". Nas operações offensivas e logo depois na perseguição, todos foram compelidos, a principio com muita reação, depois com muito entusiasmo, a compreender a impossibilidade de dispôr do telerone da maneira por que antes o vinham fazendo, e outros meios foram utilizados, mais intensivamente, sem que o exercicio do Comando soffresse solução de continuidade.

O largo uso do telerone, nas situações de estabilização, obrigou o pessoal encarregado de sua instalação, manutenção e exploração a um grande esforço e a um desgaste bastante acentuado do material. O eretivo do pessoal necessitou, então, ser aumentado. Os quadros demonstrativos do novo eretivo solicitado para a Cia. Trns. se acham anéxos.

Ainda com referencia ao emprego das TRANSMISSÕES, fazemos aqui notar sinões decorrentes da falta de habito por parte de nossos officiais, em geral, na sua utilização e na sua exploração:

em muitos casos, devido ao official no exercicio do Comando, ter se esquecido de, na preparação do seu plano e em se-

Adm. 111

guida na da sua ordem de operações, chamar o seu oficial de comunicações, dar-lhe ciência da sua intenção e determinar-lhe que expendesse o seu parecer, ensejando, assim, oportunidade para que ele, oficial de comunicações, estudasse o caso e diante das suas possibilidades, em pessoal e em material, bem como, tendo em vista as características técnicas do seu equipamento, pudesse informar, no tempo e no espaço, sobre a possibilidade ou a impossibilidade, sobre o melhor modo por que se poderia chegar a uma ou a outra solução que se impuzesse, na sua qualidade de unico responsavel pelas transmissões, de conselheiro técnico e assistente tático. Mais uma vez ficou patenteada a absoluta necessidade de haver um cerrado contato entre os Comandos e os elementos do seu E.M. com os oficiais de transmissões ou os de comunicações; estes devem viver, no âmbito da Unidade e durante as operações, como si fossem o pensamento e a propria voz daqueles. A confiança dos Comandantes nos seus oficiais de Transmissões ou de Comunicações, deve ser tão aproximada quanto possivel, para efeito de operações militares, da que eles depositam na sua propria voz. Deste modo, si o oficial de transmissões, ou o de comunicações, si for o caso, for bom, isto é, competente, trabalhador, dedicado à sua Unidade e ao seu Comando, e, sobretudo, entusiasta das transmissões, palpitando por e com elas, haverá uma perfeita sintonia de condições, que permite formidável coordenação de esforços, cujo rendimento se eleva rá ao mais alto grau.

A função de oficial de Transmissões ou a de comunicações de uma Unidade é muito importante, nela residindo a principal chave para o êxito de qualquer operação. Infelizmente, no nosso Exercito ela tem sido desprezada e relegada mesmo a plano muito secundario. Nas Unidades de Infantaria, as mudanças constantes do oficial de comunicações, funções muitas vezes exercida por qualquer oficial, acumulativamente, sem prejuizo das suas outras atividades, tem constituido um triste motivo de ineficiencia da Arma do Comando. No caso da criação da Arma das Transmissões, seria uma solução serem exercidas as funções de oficial de comunicações na Unidade de Infantaria, ou na de qualquer outra Arma, um oficial da Arma das Transmissões, à semelhança do que é feito com os Serviços de Saude ou de Intendencia. Tal procedimento, porem, teria como consequencia, na organização do quadro da Arma, um formidável corpo em relação à cabeça que seria pequenina, o que redundaria em os oficiais permanecerem por muitos anos nos postos iniciais da carreira e perderem o estímulo. Isso, fatalmente, iria se refletir na atitude dos cadetes na ocasião de escolherem Arma; nenhum deles quereria ir para as Transmissões porque não fariam progresso no futuro, devido ao envelhecimento do quadro.

Somos de parecer que a melhor solução seria, pois, o aperfeiçoamento da que está em pratica, derinindo-se bem as atribuições do oficial de comunicações, tal como são caracterizadas no Exercito norte-americano, obrigando-se os subalternos a se instruírem em Transmissões, em escolas especializadas, à titulo de aperfeiçoamento, e só poderem exercer funções de oficial de comunicações os que fossem aperfeiçoados, não sendo permitido o acumulo de funções com outras atividades.

Pela falta de entusiasmo e suficiente dedicação ao trabalho especializado por parte de alguns elementos de trans-

Ida Maria
uj:

Fl. 153

missões ou de comunicações podem dar-se graves inconvenientes no sistema de comunicações da Unidade, tal como se verificou conosco na guerra. Aceitamos, encaramos e explicamos o fato, não como causa e sim como efeito. Não se pode ter na vida entusiasmo por uma atividade que não haja despertado simpatia de acordo com as inclinações naturais de cada um. Assim, como, fisiologicamente, o corpo não aceita certos alimentos pelos quais sente natural idiosincrasia, a qual poderá perdurar por toda a vida, assim também a inteligência não aceita imposições drásticas no que se refere a certas questões que não agradam e portanto não atraem a pessoa. Como, então, designar-se arbitrariamente para as funções de oficial de comunicações na tropa qualquer oficial, pelo simples fato de ser do mesmo posto? Como explicar, no caso das substituições, por qualquer motivo de impedimento do oficial de comunicações, realocar-se no seu lugar qualquer um outro pelo simples fato de ser o mais antigo, apesar de não ser especializado e as mais das vezes nem querer saber do assunto, por não lhe agradar?

Afinal de contas, o que se quer? Não é um Exército forte e bem eficiente, capaz de, no momento oportuno, defender a integridade do Patrimônio Nacional? Que se espera, pois? A custa de tantos sacrifícios, não mandou o Brasil uma Força Expedicionária tomar parte ativa nos Teatros de Operações de Guerra, na Europa, na 2ª. Grande Guerra Mundial? Será inexplicável desprezar-se o que foi útil no funcionamento da máquina militar que alcançou tão grande vitória final. Só um caminho se tem a seguir: aproveitarem-se os ensinamentos da guerra e realizar-se aquilo que os outros, mais avisados, já fizeram. A própria Argentina, muito recentemente, já o fez, emancipando as suas Transmissões no seu Exército.

Adm. Haver
b) - ORDENS DE TRANSMISSÕES
INSTRUÇÕES SOBRE O EMPRÊGO DAS TRANSMISSÕES (IET)

Durante as operações, seguimos a orientação norte-americana na confecção e expedição das Ordens de Transmissões. Achamo-las muito praticas e o fascículo PET-12 (1a. parte) publicado pela Escola de Transmissões fornece bons dados sobre tal assunto. Seria bem interessante si passássemos a adotar no nosso Exército o mesmo sistema referido, naturalmente com as adaptações impostas pelos nossos costumes.

Sentimos, muito de perto, como é essencial que as ordens expressem exatamente o seu objetivo, devendo ser claras, de maneira a não deixar margem à duvidas ou a mal entendidos por parte dos subordinados.

Regulando a disciplina, a economia interna e a vida diária da Unidade, foram usadas na Divisão as ORDENS DE SERVIÇO, as quais foram mimeografadas. Compreenderam as com respeito aos deslocamentos, aos boletins e às circulares; estas, as mais comuns foram as que se referiram ao movimento de material de transmissões; à repressão ao abuso quanto a utilização do material de transmissões; ao emprego das transmissões; deficiências na instrução ou no emprêgo das transmissões; normas gerais de ação.

Regulando a ação tática e a das tropas, de acordo com as intenções do Comando, foram usadas na D.I.E. as ORDENS DE COMBATE, compreendendo as Instruções, as Ordens de Operações e as Ordens Administrativas. Nas Instruções adap-se compreendendo as as INSTRUÇÕES PARA O EMPRÊGO DAS TRANSMISSÕES. Nas O.G.O. da D.I.E. não houve rigôr na organização do seu corpo, na conformidade da organização norte-americana, em que ele é dividido em 5 parágrafos, sendo que o Vº se destina às prescrições sobre as transmissões e sobre a localização dos Postos de Comando. O modo por que o norte americano prepara o parágrafo V das suas O.G.O. é muito prático e seguindo-o, dificilmente, se poderá esquecer de qualquer detalhe.

O emprêgo das Normas Gerais de Ação é muito util porque simplifica, de rãto, as ordens de operações, apressam a sua expedição e permitem a sua facil compreensão.

c) - AS NORMAS GERAIS DE AÇÃO

Fôram preparadas e usadas de acordo com a regulamentação norte americana, para as transmissões, compreendendo um cabeçalho, e corpo e um encerramento. O corpo é preparado sob a forma de parágrafos, de acordo com os assuntos.

d) - A SEGURANÇA DAS TRANSMISSÕES

A segurança das transmissões tem por fim assegurar o trâego das nossas transmissões em geral, protegendo-o o mais possivel contra a atividade do serviço de informações inimigo que, por todos os meios, procura obter informações. Com este fim medidas de controle foram tomadas na exploração dos meios: as rêdes radio foram sempre comandadas e sempre que necessario foram mantidas em silencio; foi feito o trâego tantasma para despistar o inimigo, e foram, pelo S.Trns., estabelecidos sistemas criptograficos, de acordo com as Normas do Vº Exército, sendo distribuidos códigos e cifras, constantemente mudados. Sem embargo, muito deixaram a desejar os nossos

Sda. Maria
 elementos nesse particular. Apesar das reiteradas recomendações feitas pelo E.M. Geral, particularmente pelo G-2 e pelo S.Trns., erros graves foram cometidos, em consequência da falta de habito e de rigorosa compreensão da importância do assunto. Houve casos de oficiais no exercício do Comando utilizarem o rádio, em fonia, referindo-se a outros Comandos e aos elementos seus auxiliares, declinando os seus nomes, referindo-se a posições e a acidentes do terreno dizendo os seus nomes e dando coordenadas, tudo em linguagem clara, e até identificando a sua própria Unidade. Houve ocasiões em que, como resultado da falta cometida, foram desencadeados fortes bombardeios pela artilharia e pelos motores inimigos, sobre os pontos mencionados pela transmissão em fonia, provocando situações que não precisam ser descritas em detalhe. Desnecessário é dizer que preciosas vidas foram sacrificadas e operações militares foram prejudicadas como consequência dos erros, das falhas, enfim das impropriedades do emprego dos meios de transmissões. Justiça é declarar que na artilharia, em geral, foi onde as transmissões foram melhor empregadas e as ordens de transmissões mais respeitadas, porque o artilheiro sempre soube e sentiu que sem transmissões ele nada pôde fazer. Desse modo sempre tratou bem e com muito cuidado a Arma do Comando.

Apesar da distribuição intensiva dos códigos pre-estabelecidos ("CODAF"), impressos em papel com o tamanho conveniente para que fossem transportados no bolso, eram frequentes os casos de oficiais, mesmo os de escalão de comando mais elevado, esquecerem-nos quando se deslocavam para os P.O. e P.C. durante as operações, criando casos desnecessários.

RESPONSABILIDADE PELA SEGURANÇA DAS TRANSMISSÕES

Todos os Cmts. são responsáveis pela manutenção da segurança das transmissões da sua sua Unidade. Quanto às medidas de supervisão e de segurança, eles delegam atribuições a outros oficiais seus auxiliares, para fazê-las cumprir. Todos, porém, inclusive o pessoal de transmissões, devem conhecer os princípios básicos da segurança das transmissões, por isso que uma simples negligência na sua prática pode resultar em desastre para as operações militares. Compreendemos a importância que há para as operações o fato do inimigo não conseguir informações sobre as nossas intenções e sobre as nossas atividades, todavia, nem todos cumprem, tampouco fazem cumprir, as medidas que devem ser postas em execução para tal fim. O conflito muitas vezes existente entre a velocidade na expedição da mensagem e a sua segurança, varia muito, de acordo com as circunstâncias e não pode haver regras rígidas para atender a todos os casos. Os oficiais do E.M., os das Transmissões e os de comunicação devem orientar-se por princípios gerais, aplicados com perfeito conhecimento e justa apreciação das condições do momento. Portanto, é preciso que haja muita iniciativa por parte de todos e essa iniciativa só pode ser produto do habito de lidar com os problemas.

Uma coisa importante na segurança das transmissões é a padronização da classificação do sigilo dos documentos, bem assim a das suas prioridades. As divergências existentes entre as dos sistemas norte americano e brasileiro ocasionaram senões prejudiciais à velocidade e à segurança das transmissões.

Sda. Hally
uf.
Ha, pois, muita necessidade de treinamento do nosso pessoal na segurança das transmissões, inclusive a segurança criptográfica e a física.

SERVIÇO DE INFORMAÇÕES DE TRANSMISSÕES

Como sabemos, as informações de transmissões incluem todas as informações do inimigo obtidas pelo rádio ou pelos outros meios elétricos de transmissões, pela detecção de tintas secretas e pela solução de códigos, cifras e de mensagens. Muito pouco, ou quasi nada fizemos neste particular na Divisão, com os nossos proprios elementos: 1º, porque o serviço ficou à cargo do pelotão SIAM, do Vº Exército, que tomou todas as providências sobre o pessoal, sobre o material e todas as missões, em contato cerrado com a sub-seção de informações da 2ª Secção do E.M. e com O S.Trns.

No setor da D.I.E. não tivemos pessoal nem material (radio-goniometrico) especializado, para localizar as posições das estações inimigas, nem mesmo posto à disposição pelo Vº Exército, e, assim, o radio inimigo que pela sua propria natureza é uma das importantes fontes de informações muito pouco nos favoreceu, diretamente.

Com o nosso proprio pessoal ainda foi feito algum serviço de escuta, porem muito deficiente pelos seguintes motivos: porque a escuta era feita, intermitentemente, com poucos receptores, durante pouco tempo e sem continuidade, em virtude de ser muito pouco o pessoal que falava a lingua alemã (para os trabalhos em Ionia) e ser muito reduzido o numero de radio operadores para os trabalhos em grafia.

Quando estivemos na defensiva, durante o inverno, quando o sistema de comunicações com rio, do inimigo, podia ter sido uma fonte de informações, nada pôde ser feito porque os nossos elementos nos seus trabalhos de infiltrações não puderam encontrar o cabo de campanha inimigo.

No caso do emprêgo de artificios, bem feito pelos alemães, quasi nada se pôde obter, porque até confusão houve no meio da nossa tropa, cujos elementos, ainda com instrução deficiente, informavam que o inimigo havia usado tal artificio de sinalização, quando na verdade o artificio tinha sido de iluminação ("very-light") para fins de observação.

Não houve casos de captura de mensageiros.

O PELOTÃO "SIAM"

O S.I.S norte americano (SIGNAL INTELLIGENCE SECTION) da (FIFTH ARMY SIGNAL SECTION) Secção de Transmissões do Vº Exército, publicou ótimas instruções para treinar o seu pessoal e orientar os trabalhos, não só do 3326th SIGNAL INFORMATION AND MONITORING ("SIAM") COMPANY, como de todos os demais elementos do Vº Ex.

"Depois que as Forças N.A. entraram em operações no N. da Africa, os Comandos acharam que o curso de informações das linhas de frente para a retaguarda, para os Q.G., expendia muito tempo e que as escolhas e as eliminações das informações em cada nivel tático (escalão) apresentavam somente um ligeiro panorama da situação tática ao escalão superior. Isso se

*sd. ma
uj.*

dava devido a varias razões ligadas a um sistema que precisava ser modificado e que beneficiasse as atividades dos Comandos dos escalões mais elevados. Daí ser creado o SIAM que passou a ser usado para as informações de radio, e pelotões SIAM em cada Cia. de TRNS. de D.I. foram organizados, com o fim de controlar as redes radio do inimigo e tambem as proprias redes amigas com o proposito de obter informações e exercer vigilancia sobre a segurança das atividades das transmissões em geral. Depois foi verificado que os pelotões SIAM divisionarios não operavam com o sucesso desejado, principalmente porque não havia coordenação entre eles. Então, passaram eles para a subordinação imediata do oficial de transmissões do Ex., atravez do oficial S.I.S. O serviço SIAM do Vº Ex. começou a funcionar na 1ª semana da invasão da ITALIA (9-9-43). Foi creada uma Cia. SIAM distribuida ao Ex. com todos os pelotões sob o seu controle imediato. O serviço SIAM melhorou, desse modo, de tal forma que todas as dificuldades foram removidas e foram obtidos os maiores sucessos nos T.O. da ITALIA e da FRANÇA.

Finalidades do serviço SIAM :

- a) - verificar a segurança criptografica e de radio das redes radio dentro do Exercito, controlando-as rigorosamente;
- b) - dotar o Cmt. do Ex., os Cmts. de Corpo e os das Divisões de informações táticas imediatas das Unidades de linha de frente - informações essas que, quando enviadas atravez dos canais normais, tomavam muito tempo para chegar a Divisão, ao Corpo e ao Ex.

Para controlar as atividades da nossa D.I.E. foi destacado pelo Vº Ex. um pelotão SIAM, conforme foi por nós exposto antes.

COMUNICAÇÕES COM O EXMO. SR. MINISTRO DA GUERRA

Fôram feitas, utilizando-se sistemas criptograficos especiais, uns fornecidos pelo gabinete de S. Excia. e outros pelo S. TRNS. da D.I.E. na conformidade das instruções do Vº Ex. A estação usada foi a SCR-399 do S. TRNS. da D.I.E. com o indicativo de JJQW, na frequencia de 21.350 KC.

Adm. Ham
uj.
VI - AS TRANSMISSÕES NO Q.G. DA D.I.E.

Fl. 158

1 - O CMT. DAS TRNS. E O G-1

Foi o melhor possível o entendimento havido entre o Oficial de Transmissões da Divisão e o Chefe da 1a. Secção, no cumprimento das missões afetas à responsabilidade de ambos: exploração dos meios de transmissões nas áreas ocupadas, na instalação e manutenção das transmissões para atender às necessidades da Polícia Militar, na localização e no estacionamento do pessoal de transmissões, no nivelamento de efetivos de pessoal de transmissões, no aumento de efetivos e na procura de pessoal para os diversos mistérios de transmissões, nos casos de ação disciplinar contra a negligência ou o abuso no lidar com o material de transmissões, nas ordens relativas ao cuidado com o equipamento de transmissões, nos relatórios demonstrativos do estado das Unidades com relação ao pessoal de transmissões, nas ordens de distribuição e de substituição do pessoal de transmissões de acordo com as prioridades fixadas pelo G-3 e na ação disciplinar nos casos de violação das ordens relativas à segurança das transmissões.

2 - O CMT. DAS TRNS. E O CMT. DO Q.G.

O Oficial de Transmissões da Divisão esteve durante toda a campanha exercendo atividades no Q.G. avançado da D.I.E. e dessa forma os seus entendimentos se fizeram com o Cap. Cmt. do Q.G. Avançado sobre a distribuição de dependências para a localização das agências de transmissões, nas escolhas de P.C. e na alimentação do pessoal de transmissões. Houve a melhor harmonia possível entre ambos.

3 - O CMT. DAS TRNS. E O G-2

Nas medidas de reconhecimento para obtenção de informações sobre as disponibilidades em matéria de transmissões no território inimigo, na segurança das transmissões, na localização do P.O. que exigiam serviços telefônicos, no uso de códigos e de cifras, nos mapas e cartas militares para uso do pessoal de transmissões, na informação sobre a localização das tropas inimigas cujas atividades afetassem a eficiência das transmissões (como por exemplo localização da artilharia inimiga), na transmissão de informações e de relatórios, em todas as atividades que tivessem relação com a segurança das transmissões, no uso de códigos e de cifras, bem como de planos que visassem impedir que o inimigo obtivesse informações sobre as nossas atividades, nas ordens relativas à segurança das transmissões, na coleta de informações e na sua transmissão por todas as armas, houve entre o Oficial de Transmissões da D.I.E. e o Chefe da 2a. Secção do E.M. Geral o melhor e o mais proveitoso entendimento.

4 - O CMT. DAS TRNS. E O G-3

Foi muito cerrado o contato entre as citadas autoridades no exercício das suas atividades em campanha na escolha dos P.C. e dos eixos de transmissões, na ins-

Adm. M. J.

Fl. 159

trução e no treinamento do pessoal de transmissões, nas prioridades para a distribuição do pessoal e do material de transmissões às Unidades, no controle técnico e tático do sistema de transmissões das Unidades subordinadas, nas I.E.T. e nos anexos de transmissões, nos dispositivos táticos das tropas de combate que exigissem transmissões; na instalação, manutenção e na exploração do sistema de transmissões, inclusive o C.M. (Centro de Mensagens); no movimento da tropa de transmissões da Divisão na marcha e durante o combate; nas prioridades na distribuição e no suprimento (reaprovisionamento) de material de transmissões crítico (de difícil obtenção); no treinamento do pessoal para a manutenção e reparo até 3º escalão; no julgamento das condições do material de transmissões com respeito a sua servibilidade para as operações; no treinamento do pessoal para garantir as medidas necessárias ao melhor cuidado e à manutenção do material de transmissões; no treinamento das medidas de segurança das transmissões; na preparação dos códigos pré-estabelecidos para as operações táticas especiais; nas restrições relativas ao uso do rádio ou dos outros meios de transmissões; nos planos e nas ordens para a utilização dos pombos correios.

5 - O CMT. DAS TRNS. E O G-4

Trabalharam harmonicamente na construção dos sistemas de transmissões necessários aos abrigos, aos suprimentos, aos transportes e aos hospitais; nas novas tabélas de material de transmissões, de suprimentos e nas alterações havidas nas tabélas existentes; na escrituração, no controle e responsabilidade relativa ao material de transmissões e aos seus suprimentos; na disposição do material de transmissões capturado ou em excesso de dotação; na localização dos pontos de distribuição, dos depósitos e dos postos de evacuação que exigissem transmissões; no suprimento de material de transmissões inclusive evacuação dos pontos de distribuição de material de transmissões e o seu devido transporte; nas informações quanto à circulação das estradas e sobre o controle do tráfego das mesmas; nos mapas de circulação; nas transmissões do escalão da retaguarda do Q.G. da Divisão, inclusive os relatórios periódicos; nos transportes necessários para os suprimentos de material de transmissões; na recuperação do material de transmissões; nas requisições de material; nas partes das ordens administrativas que se referissem às transmissões; nas instruções referentes ao estoque, à distribuição, manutenção e ao reparo dos suprimentos de material de transmissões.

Nada houve sobre os planos e as ordens a respeito da utilização das agências fotográficas, inclusive a coordenação das missões necessárias ao G-1, G-2 e G-3, porque o serviço fotográfico ficou afeito todo ele ao escalão Exercito.

6 - AS TRANSMISSÕES NO CONTROLE DA CIRCULAÇÃO DO TRAFEGO NAS ESTRADAS DE RODAGENS.

Contribuindo essencialmente na organização e na coordenação do tráfego rodoviário, as trns. foram um grande auxiliar da sub-seção de tráfego do G-4, já instalando

Ada Maria
N. Nij

postos telerônicos ou de radios nos "by-pass" nos pontos críticos das rodovias, já fornecendo cabo de campanha, aparelhos telerônicos ou de radio (SCR-536) para serem operados pelos elementos da Polícia Militar. Neste particular, é de justiça salientar a ação dos soldados da P.M. que, embora sem a devida prática, sempre corajosos, decididos e trabalhadores, foram incansáveis no exercício das suas funções, ora construindo, eles mesmos, em situações as mais árduas, debaixo às vezes de bombardeio, os trechos de circuitos telerônicos para a instalação dos postos de controle dos pontos críticos das estradas. Não foram poucos esses pontos, pois com a destruição sistemática de todas as obras de arte, principalmente de pontes e viadutos, o trabalho se tornou de grande envergadura e de muita responsabilidade. E os P.M. cumpriram bem a sua missão. Além disso, as redes telerônicas e de radio da Divisão, principalmente a 1ª, sempre estiveram em condições de suportar o movimento o movimento e as atividades da sub-seção de tráfego da 4ª. Seção, prestando-lhe oportuno e decisivo concurso em todas as situações da guerra. Neste particular, relêva notar o cerrado contato sempre mantido pela Chefia do S.Trns. com o G-4. Desse modo, os muitos planos de tráfego por ele traçados na campanha, sempre foram perfeitos e visaram sempre com a justeza relativa possível, atender às essenciais condições de flexibilidade, de simplicidade e de restrições mínimas; às previsões para as necessidades prováveis de operações futuras; à previsão das transmissões, a segurança e o sigilo com o maximum possível de proteção contra as surpresas. A utilização dos meios de transmissões permitiu ao G-4 a garantia da expedição de ordens com tempo suficiente para que as Unidades subordinadas fizessem reconhecimento e preparação técnica dos seus movimentos, de acordo com as restrições e as prioridades impostas pelo tráfego e para que cumprissem bem as suas missões. Os meios de transmissões também permitiram à sub-seção do tráfego manter sempre em dia os seus gráficos de tráfego. E assim, a 4ª. Seção conseguiu realizar os seus planos com o minimum possível de interferências entre as colunas, o maximum de velocidade e de segurança e de conforto compatíveis com as necessidades táticas nas diversas situações em que a F.E.B. se encontrou.

Fl. 161

Ada Mateus
A. M.

VII - AS TRANSMISSÕES NAS UNIDADES E NO DEPOSITO DE PESSOAL DA F.E.B.

1 - NO REGIMENTO DE INFANTARIA:

O pessoal de transmissões do R.I. se acha no Pelotão de Transmissões da Cia. de Comando, o qual é encarregado da instalação, manutenção e funcionamento dos varios meios de transmissões, para a ligação entre o Comando do Reg. e as Unidades subordinadas, de conformidade com o plano tático e as instruções em vigor para o emprêgo das transmissões. No Batalhão o pessoal se acha no Pelotão de Transmissões da sua Cia. de Comando. Referido pessoal foi insuficiente e teve de ser aumentado no seu efetivo. O Cmt. do Pelotão foi o oficial de comunicações da Unidade. O pel. compreende um grupo de Comando e 3 secções, sendo uma de C.M., outra de T&T e outra de ótica e rádio.

O Cap. Cmt. do Pel. de Trns. do R.I., foi encarregado de estabelecer, explorar e manter a rede de transmissões do Regimento e como oficial do E.M. Especial, ele foi o conselheiro técnico do Cmt. e do seu E.M. em assuntos de transmissões. Trabalhou sob a supervisão do S-3 do R.I. Como elemento do E.M. ele supervisionou a instrução técnica do pessoal de transmissões dentro do Reg.; auxiliou o S-4 nas atividades relativas ao aprovisionamento de material de transmissões para a Unidade; estudou os planos e fez as necessarias recomendações para o estabelecimento do sistema de transmissões dentro do R.I., durante o combate, supervisionando tecnicamente os trabalhos para assegurar a maior coordenação entre todos os elementos; fez as devidas recomendações para a localização dos P.C., nas ocasiões necessarias; preparou e submeteu ao Cmdo. as ordens de transmissões regimentais.

Os meios de transmissões utilizados pelos R.I. foram a telefonia com fio, o radio e os mensageiros. Durante as operações, poucas foram as vezes em que foram utilizados os pombos correios, os quais foram postos pela S. Trns. da D.I.E; a distribuição do pelotão de transmissões do R.I. quando necessários.

A telefonia com fio foi o principal esteio das comunicações dentro do R.I. e o uso do telefone de campanha, durante a defensiva, foi enorme. Também foram utilizados os telefones magnéticos (TS-10) nas comunicações locais e nas atividades de patrulhas, nos P.O., etc.; prestaram relevantes serviços. Durante a campanha houve muita falta de cabo leve W-130, de modo que o esforço principal foi sobre o cabo pesado.

A pesar das recomendações reiteradas, houve geralmente abuso na utilização do telefone; as conversações eram nas mais das vezes longas e indiscretas.

Na defensiva os construtores de linhas trabalharam muitíssimo na construção e na manutenção dos circuitos, e as redes foram muito além das previsões normais, em face da natureza do terra e da segurança dos dispositivos. O 1º R.I. na defensiva de BELVEDERE, construiu cerca de 90 kms. de circuitos. O radio, nessa fase, foi um elemento subsidiario, funcionando em estreita ligação com o telefone; era posto no ar sempre que ha-

Adm. Mat.
ij.

via interrupções nos circuitos telêfonicos, de modo que não houvesse solução de continuidade no exercício do Comando. Os mensageiros foram preciosos elementos que, incansavelmente, transportaram ordens, relatórios, calcos, etc;

Na ofensiva, em geral, foram bem empregados, relativamente os meios de transmissões e os deslocamentos de P.C. se procederam sem alterações. O pessoal de transmissões trabalhou muito e bem. No ataque ao MONTE CASTELLO, na rede montada na base de partida pelo 1º R.I. teve uma densidade muito grande, tendo sido estendidos circuitos num total de 70 kms. Os circuitos laterais foram construídos com o maior cuidado, os troncos foram prolongados pelos próprios elementos da frente e melhorados pelos da retaguarda. O rádio funcionou geralmente bem, embora tivessem havido senões na exploração que comprometeram a segurança das transmissões. Os aparelhos de rádio de frequência modulada, portáteis, de pequeno alcance, (SCR-300 e SCR-536), suficientemente leves para serem carregados pelo próprio operador resolveram os problemas de ligação do escalão Batalhão para baixo, entre um Btl. e suas Cias., entre destacamentos de reconhecimento, segurança e informações e os Cmts. das Unidades, entre elementos de uma coluna isolada, entre elementos de patrulhas, etc.

Na perseguição, os outros meios de transmissões foram postos à margem e o rádio assumiu inteiro controle das comunicações. Foi muito bom o serviço prestado por ele, ininterruptamente durante vários dias. O reaprovisionamento e a manutenção funcionaram à altura do trabalho realizado. Numa única jornada, o P.C. do 1º R.I. se deslocou 5 vezes, sem que houvesse solução de continuidade nas comunicações.

Dada a velocidade dos deslocamentos na perseguição, não foi possível o emprego dos mensageiros com rendimento útil, nas operações.

O reaprovisionamento de material de transmissões foi feito por meio de "pedidos" feitos pelo oficial de comunicações ao S.Trns., sendo o material fornecido pelo Deposito da Divisão, situado sempre nas proximidades do P.C. da Divisão. Geralmente, em vez da Cia. de Serviços do R.I. receber os suprimentos no Deposito da Divisão, conforme prescrevem os regulamentos norte americanos, para fazer depois a sua entrega dentro do Regimento, os elementos da própria Cia. de Comando, supervisionados pelo oficial de comunicações, eram enviados diretamente para fazer o recebimento e o transporte do material de transmissões, a fim de não haver perda de tempo.

Fl. 163

2 - NA ARTILHARIA DIVISIONARIA

As transmissões na Artilharia Divisionarias estiveram à altura das pesadas responsabilidades das missões que lhe foram atribuídas. Tanto na Bia. de Comando da A.D. como nos Grupos elas se elevaram bem alto no conceito de todos, devido ao modo por que foram instaladas, mantida e exploradas. Foi onde as instruções para o emprêgo das transmissões foram melhor cumpridas, naturalmente porque o artilheiro sempre sentiu a importância de tal atividade e sempre com ela manteve respeitoso e cerrado contato, na paz e na guerra.

Em geral, os efetivos não foram suficientes e tiveram de ser aumentados

"As transmissões com fio constituíram, durante toda a campanha, o meio normal de transmissões, utilizado por todos os escalões. Apenas, durante a fase final, de exploração do êxito - perseguição -, tiveram elas de ser abandonadas, porque a rapidez dos avanços era muito superior à velocidade de construção de linhas. As grandes disponibilidades em fio, existentes no TO, permitiram o desenvolvimento ao maximum das redes telefonicas. A motorisação fez com que as distancias e o vulto do material a transportar não constituíssem obstáculos ao trabalho e, assim, quantidades enormes de cabo foram lançadas, atravez de boas ou más estradas, em relativamente curto espaço de tempo, ligando entre si todos os escalões de comando. Houve um uso muito extensivo de centrais telefonicas e comutadoras, o que permitiu se conseguissem redes de grande elasticidade, perfeitamente entrosadas umas nas outras e de alto rendimento.

O telegrafo (TG-5) não foi usado durante as operações na Artilharia, já pela falta de telegrafistas, já por desconfiança, como também por outros motivos que não vem ao caso serem expostos. Todavia, estamos convencidos de que o seu emprego é sempre vantajoso para a transmissão de mensagens longas, poupando muito o trabalho do mensageiro, que foi muito sobrecarregado nesta guerra.

As ligações telefonicas para atender às duas finalidades, na Artilharia, as de comando e as de tiro, sempre foram bem feitas e mantidas.

Nos Grupos, embora não fosse regulamentar, possuíam alguns oficiais de ligação quadros comutadores, à sua disposição, para se ligarem com os observadores avançados e os Btls. apoiados. Destarte, não só podiam os obs. Av. comunicar-se diretamente com a central de tiro do Grupo, como também havia estreito contato e entrosamento com a rede da Infantaria, de real proveito para ambas as partes.

Quando era grande a distancia que mediava entre a central do Grupo (P.C.) e os Oficiais de ligação (P.C. dos Btls.), em ponto conveniente era instalada uma central auxiliar, com a finalidade de comutar os circuitos disponiveis, para os Oficiais de ligação, os P.O., etc. a qual constituia um centro de verificação. Assim, houve maior regularidade no serviço, rapidez nas reparações e maior flexibilidade no sistema, pois eram frequentes, durante as operações, as ordens ao Grupo de, nas mesmas posições, realizar novos apoios, quando bastava que as novas linhas partissem da central avançada, estabelecendo-se rapidamente as ligações. A localização ade-

Adm. M. J.
 quada da central avançada, no eixo de progressão da Divisão, permitia a continuidade das ligações durante os deslocamentos dos Grupos.

As ligações da Central de Tiro com as Linhas de Fogo, embora deveriam ser diretas e independentes do resto da rede, muitas vezes passavam pelas centrais do Grupo e das Bias., para fins de verificação e de duplicação dos meios, pois assim era possível utilizar o tronco da rede de comando no caso de falha do circuito de tiro.

Na construção de linhas, ficou constatado que o ganho de tempo na instalação rastejante das linhas não era, as mais das vezes compensador, porque tais linhas estavam sujeitas, constantemente, a interrupções, já que as margens das estradas eram locais mui vulneráveis (veículos, acidentes, tanks, etc.), além dos grandes emaranhados de linhas existentes onde os interessados em outros circuitos, nem sempre concientes, provocavam interrupções na procura de defeitos dos seus circuitos. Assim, em geral, a não ser na proximidade imediata do inimigo, onde se continuou a empregar o processo rastejante, por não restar outra alternativa, passou-se ao emprego da construção sobre suportes naturais, sempre que possível, procurando-se itinerários pouco batidos e recorrendo-se à construção através campo. Esta última, embora mais demorada e trabalhosa, uma vez que o desenrolamento do cabo e seu transporte tinham de ser feitos à mão, em largos trechos, apresentava resultados compensadores.

A identificação dos circuitos não era coisa praticada por nós, no Brasil, e no entanto é importante tanto para a conservação dos circuitos como para a sua passagem à responsabilidade de outra tropa. Ela deve sempre ser feita profusamente, tal como foi realizada pelo pessoal da F.E.B. na Itália; a Artilharia a aplicou bem. Os códigos para a identificação quando não são fornecidos pelo escalão superior, são estabelecidos pelos próprios interessados, o que ficou constatado ser muito prático. Tal código pode ser substituído, como aconteceu com algumas Unidades, por convenções simples estabelecidas para as etiquetas: recortes de determinadas formas, pinturas de diversas cores, etc. de modo a serem bastantes distintas uma de uma para as demais.

As comunicações telefônicas da Artilharia, em geral, prestaram relevantes serviços em auxílio as da Infantaria no curso das informações e das ordens.

O rádio na artilharia foi qualquer coisa de formidável, nesta guerra. O seu emprego foi largo e compensador, dobrando as comunicações com rio e realizando ligações que aquelas, digo, estas não podiam realizar. Foi utilizado em todas as fases da campanha com absoluto êxito.

Os aparelhos radio de modulação em frequencia (SCR-608 e SCR-610) foram de muito emprego na rede tiro de todas as Unidades de Artilharia. De utilização tão simples quanto o telefone, tem o mesmo rendimento deste, quando se trata de transmitir comandos ou observações de tiro, quando não ha muita necessidade de empregar códigos. Na ofensiva, ele constituiu o meio normal de transmissões do observador avançado e quasi que o unico utilizado pelo oficial de ligação. Nos deslocamentos, era ele o primeiro a ser acionado, fornecendo logo meios aos Grupos para regular suas baterias;

Superior em alcance aos radio da Infantaria (SCR-511 depois substituído pelo SCR-300), foi muitas vezes através do SCR-610 do oficial de ligação que chegaram as primeiras informações sobre o resultado de uma patrulha ou de um ataque.

Ada Matos
uf.

Fl. 165

Portatil e de extrema fidelidade na transmissão, uma unica coisa exige esse tipo de radio: muito cuidado na sua exploração, evitando os correspondentes contatos muito prolongados.

A estação SCR-193 (modulação em amplitude) da rede de Comando da A.D. foi utilizada nos Grupos, em geral, na escuta com a Artilharia do IVº Corpo, para atender às missões de conjunto. Na fase final das operações, quando o telerone e os outros tipos de radio não mais podiam ser empregados, pela distancia excessiva que separava as Unidades, ele prestou relevantes serviços na ligação da A.D. com os seus Grupos.

O emprego da SCR-284, na rede de Comando da A.D. foi muito limitado, porque o tráfego pelo telerone e pelos mensageiros foi satisfatorio, e tambem porque as restrições impostas pelas Cartas de Silencio e de Atividades de Radio era grande. Neste caso, a telégraphia podia ter sido de grande valia, descongestionando o telerone e os mensageiros, nas ocasiões em que fosse permitido o seu uso, mas a falta de radio-operadores capazes e a preferencia que todos os escalões de comando votavam às mensagens escritas, alem de outros motivos, não permitiram o seu emprego.

As redes radio sempre foram comandadas.

A rede do Grupo era constituída de uma estação de controle (PCR - posto de controle da rede), localizada na região do P.C., servindo ao P.C. do Grupo, em geral, e à central de tiro, em particular, e por um numero variavel de estações secundarias, assim distribuidas/: uma em cada linha de fogo; uma no observatorio do Grupo; uma junto a cada oficial de ligação e uma junto a cada observador avançado. Exceto a PDR que usava uma SCR-608, todos os outros postos usavam a SCR-610.

A cada Grupo, bem como a A.D., foram atribuidas pelo S.Trns., duas frequencias ou canais, de uso privativo, para seus radios de modulação em frequencia. Tais canais designados como "A" e "B" podiam ser usados indiferentemente, de acordo com as conveniencias do momento. Normalmente, durante a permanencia de uma Unidade, num mesmo teatro de operações, os mesmos canais foram utilizados.

De acordo com as N.G.A. os indicativos deviam variar para os postos das redes; entretanto, em geral, não foi possível chegar-se a tal perfeição, diariamente, pois o tráfego das redes se faziam, principalmente, por conversação directa dos elementos interessados, atravez dos aparelhos de controle à distancia (5RM-29), e foi preferivel que utilizassem sempre o mesmo indicativo, em conversações breves, do que tentar impor indicativos variaveis, que traziam confusões, demoras, e, não raro, as autoridades se irritavam e acabavam dando em claro a sua propria identidade.

REDE DA ARTILHARIA DIVISIONARIA

Era constituída pelas estações SCR-608, dobrando a rede telefônica de tiro e fazendo a ligação com os aviões da Esquadilha de Ligação e Observação. Em situação normal, a escuta no canal da A.D. era feita, durante todo o periodo de luz solar, para atender ao eventual chamado de um avião. Durante a noite, as estações dos Grupos só entravam em escuta quando recebiam ordem expressa para isso, ou no caso de falha de comunicações.

S. Jij

telerônicas. Quando o posto rádio do Grupo utilizava a SCR-608, a escuta no canal da A.D. era feita no segundo receptor desse aparelho; quando apenas os SCR-610 eram empregados, um terceiro aparelho era empregado reservado para essa rede.

As chamadas de verificação na rede, durante a escuta, partiam da PDR, que as procedia de hora em hora. Na ligação com o avião, este fazia a chamada no canal da A.D., passando em seguida a empregar, quando havia missão de tiro a executar, o outro canal, que era o canal do grupo. Houve, porém, grande formalidade nessas ligações, o que tornava demorado o início da comunicação, tendo acontecido o avião, algumas vezes, descer, por falta de combustível, antes de conseguir iniciar a sua missão com o Grupo. Isso porque, depois do avião se achar em vôo, precisava pedir permissão à sua estação de controle (do campo) para entrar na rede da A.D.; em seguida pedir a da A.D. para entrar em contato com tal ou qual Grupo ao qual deveria servir, e essas permissões nem sempre eram concedidas prontamente. Se todos esses entendimentos fossem realizados em terra, por telefone, muito tempo teria sido poupado e muito menos conversação teria havido através de um meio que deve ser conservado tão silencioso quanto possível - o rádio.

REDE RADIO DO GRUPO

Mantinha-se em escuta permanente no caso normal a sua PDR, enquanto os postos secundários permaneciam apagados. Três vezes por dia, cada posto fazia um chamado de verificação para a PDR, apagando logo em seguida. Esses chamados não eram feitos mediante horário e sim mais ou menos arbitrariamente, um pela manhã, um ao meio dia e outro ao cair da tarde; cada posto se limitava a enunciar os indicativos do chamador e do chamado, uma só vez. Quando se fazia necessário que um determinado posto se mantivesse em escuta, era disso ele cientificado por ocasião de uma comunicação e, assim, se conservava até receber ordem em contrário, da PDR. Durante a escuta os postos só trocavam os comunicados estritamente necessários. Quando a configuração do terreno era tal que não se conseguia uma posição da qual a PDR do Grupo pudesse receber e ser recebida por todos os postos, era utilizada um posto intermediário que recebia todos os postos cuja comunicação direta com a PDR fosse impossível; tal posto tinha para os outros para os quais servia de ponte, as mesmas obrigações e a mesma autoridade da PDR. Mantinha-se, pois, em escuta permanente e retransmitia todos os despachos recebidos, numa e noutra direção.

Os postos da rede só entravam no ar para realizar tráfego enquanto as ligações telefônicas ainda não tinham sido estabelecidas ou durante as interrupções desta.

Com exceção dos postos dos observadores avançados, os demais permaneciam no ar enquanto durava a interrupção das comunicações telefônicas.

Normalmente os operadores da PDR e dos demais postos não transmitiam nem recebiam as mensagens relacionadas com o tiro, limitando-se a operar os aparelhos de controle à distância (RM-29), sendo a recepção e a transmissão feitas diretamente pelos interessados, como se se tratasse de telefone; apenas os operadores dos postos intermediários manipulavam os despachos.

Ad. Mij. *hater* Fl. 167

O CENTRO DE MENSAGENS

No escalão A.D. (Bia. de Comando) não houve, principalmente de início, exata compreensão por parte do pessoal do E.M.; da A.D. do funcionamento do C.M. e, inexplicavelmente, o pessoal a ele destinado ficou subordinado ao G-1 (1.ª Secção) e, assim, os Grupos não podiam enviar mensagens pelo radio para o C.M. Depois da reclamação feita pelo CMT. das Trns. da Divisão, melhorou um pouco, porém, não chegou o serviço a ser feito como devia, sob a responsabilidade e supervisão imediata do oficial de comunicações da Bia, digo, do Oficial de Comunicações da A.D. É preciso que instituamos no Brasil, no nosso Exército, o habito do C.M. como instituição (agência de transmissões) permanente com atribuições bem definidas, tal como prescrevem os regulamentos norte americanos, por isso que assim fazendo se consegue aumentar de muito a velocidade na expedição das mensagens em beneficio das operações. Isso de instituir e constituir o Centro de Mensagens no momento da necessidade traz embaraços, o maior do qual é a falta de reflexos consequencia das incompreensões por parte dos oficiais.

Nos Grupos, os C.M. funcionaram bem regularmente. O C.M. recebi, do P.C. do Grupo, as mensagens a ser enviadas e as dividia em mensagens a ser enviadas por processos comuns, de rotina, e as de prioridade, dentro dessas classes as separava por locais e externas. Estas deveriam ser selecionadas, pelo proprio C.M., em mensagens a serem enviadas por mensageiro e mensagens a serem enviadas pelos outros meios de transmissões. O não funcionamento regular e regulamentar do C.M. da A.D. refletiu-se no dos Grupos, impossibilitando-os de mandarem mensagens pelos outros meios que não os mensageiros.

As mensagens recebidas nos Grupos eram grupadas por destinatario e entregues pelos mensageiros locais, acompanhadas por tantas relações locais de recibos quantos os mensageiros necessarios, tal como era feito no C.M. da Divisão.

As mensagens a serem criptografadas e transmitidas pelo radio, eram criptografadas pelo cabo do C.M., utilizando os aparelhos de criptografia do Centro; as recebidas pelo radio eram decriptografadas pelo proprio radio-operador, para isso o C.M. fornecia, diariamente, ao Posto Radio um aparelho com a chave do dia.

O rendimento do mensageiro motorizado foi muito bom na Artilharia; ele foi muito utilizado, talvez até em demasia. Ele foi de grande valia na fase final das operações, quando as grandes distancias a que se encontravam as Unidades umas das outras, só permitiam comunicações, além dele, através dos radios de grande potencia.

O EMPREGO DOS MEIOS DE TRANSMISSÕES NA ARTILHARIA:

NA DEFENSIVA:

A fase defensiva, no inverno, caracterizou-se por um largo emprego do telefone, cujas linhas cruzavam o terreno em todas as direções; o radio foi utilizado, mas apenas para cobrir as falhas eventuais da telefonica, além das atividades do observador avançado, esporadicamente. As centrais telefonicas ficaram sobrecarregadas de linhas e os aparelhos telefonicos de utilização normal, embora em numero bastante elevado, não eram suficientes para atender aos inumeros assinantes, tal como acon-

da mat.
ij.

tecida com a Infantaria. Embora os recursos das rês fossem muitos, pois os troncos se multiplicavam e as ligações transversais abundavam, as linhas estavam sempre ocupadas, pois o abuso das conversações prolongadas era coisa generalizada, tal como acontecia na Infantaria e na Divisão, obrigando os operadores de central a recorrer ao direito de prioridade arim-de obter linhas livres para o cumprimento das missões de tiro.

NA OFENSIVA

Todos os meios de transmissões em uso foram empregados na ofensiva, na Artilharia, e muito. Quer na progressão ao longo do vale do Serchio, quer no avanço através dos APENINOS, rumo ao vale do PO', o telefonista ligava entre si todos os Comandos tão logo eles se amobilizavam, ou melhor, instalavam-se no terreno. O rádio tinha o papel importante de manter ligação continua, mesmo durante os deslocamentos, entre todos os escalões. Nos Grupos sempre foi possível obter-se ligação telefônica com rapidez relativa, entre o P.C. e Central de Tiro e as Bias (linhas de fogo), os P.O., o escalão superior e a Unidade de Infantaria apoiada. Quanto aos oficiais de ligação, nem sempre foi possível ligá-los logo pelo fio, o mesmo acontecendo, com mais forte razão, com a ligação dos Observadores avançados; tais ligações, no entanto, foram sempre obtidas logo e bem mantidas através do rádio.

NA EXPLORAÇÃO DO EXITO

Na perseguição, apenas o rádio pode ser utilizado, sendo o telefonista empregado somente entre o P.C. (central de tiro) e as Bias (linhas de fogo). Não houve, realmente, emprego da Artilharia nessa fase da campanha, por ter sido ela desnecessária, mas as Unidades estavam todas elas preparadas para qualquer eventualidade, utilizando o rádio para comunicação com todos os seus elementos. A ligação da A.D. com os Grupos foi obtida através da SCR-193, decido às distâncias que eram enormes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Um ponto extremamente importante das transmissões que foi, em geral, na campanha, descurado, com referência a sua exploração, pelos quadros na sua atividade de utilização, foi o sigilo das comunicações como fator de segurança das transmissões. Se tal falta não teve para nós consequências desastrosas, contudo a seu crédito se devem considerar muitas sepulturas no cemitério Militar Brasileiro de Pistoia. Era coisa por demais sabida e muito recomendada, a perfeição do serviço de escuta alemão; no entanto, frequentemente eram ouvidas, pelo rádio, referências até às coordenadas, em claro, por elementos nossos; aliás o grosso disso acontecia na Infantaria e no escalão Divisão." "Havia verdadeira repugnância pelo emprego dos códigos e cifras, profusamente distribuídos por todos os escalões. Espalhou-se a falsa crença de que as transmissões dos rádios de modulação em frequência não eram captadas pelo inimigo, apesar das ordens e das reiteradas recomendações feitas sobre o caso, e houve o caso de um observador aéreo que, estando com o seu receptor descalibrado e não podendo ouvir

Ada Lutha
rij

Fl. 169

o seu correspondente, numa crise de nervos sobrevoou à baixa altura o P.C. do Grupo, gritando a plenos pulmões, diante do seu microfone: "estou voando exatamente sobre você ! estou sobre o P.C. do Grupo ! saia à janela e verá o meu aparelho, ele tem o numero tal"

Ass. Matej
A. Jij.

Fl. 170

3 - NO BATALHAO DE ENGENHARIA

PESSOAL

A guerra demonstrou que o efetivo previsto para o 9º B.E. de pessoal de transmissões foi insuficientíssimo, problema este agravado pela falta de radio-operadores capazes, em numero suficiente de atender às suas necessidades de ligação.

As funções de Oficial de comunicações foram exercidas, acumulativamente, pelo S-1 do Batalhão, com prejuizo das suas atividades normais. Seria muito mais razoavel que elas fossem, no caso de não haver um oficial especialmente destinado para tal mister, acumuladas pelo oficial adjunto do S-3, especializado em transmissões, por isso que o S-3 é quem trata de assuntos de instrução e de operações.

A tabela de efetivos nada estipula para a construção e conservação de circuitos telefonicos, de vez que a doutrina norte-americana sobre o emprego da engenharia é toda ela baseada no radio, por isso que as Cias. trabalham, tresmalhadas, distantes umas das outras e do Comando do Btl., postas à disposição cada uma de um sub-sector ou de um quartelão para fins especiais. Sem embargo, ficou constatado que ha necessidade de o Batalhão ser contemplado com elementos para a construção de linhas. E, assim, foi ele aumentado de uma equipe de construção de linhas e 1 de exploração de central.

Tambem o pessoal de radio foi aumentado de 1 cabo e 4 radio-operadores, o que de nada valeu porque não foi possivel encontrar-se especialista para o preenchimento dos claros.

Somos de parecer que as Cias. de Engenharia tambem devem ser dotadas de pessoal de construção e de exploração para as suas ligações com os seus pelotões, de vez que o emprego do mensageiro muitas vezes é assás difficil.

MATERIAL

Ha necessidade de ser aumentado o material de construção de linhas e de exploração telefonica, não só na Cia. Extra como tambem nas de Engenharia, cada uma destas devendo dispor de um quadro a 6 direções e 6 telefones.

Ha toda a conveniencia de serem mantidas as dotações da estações de frequencia modulada para as rêsdes das Cias. A SCR-300 seria ideal para tal fim. As SCR-5LL não aprovaram.

FUNCIONAMENTO

O funcionamento das transmissões no B.E. foi todo ele em função da Cia. Trns. que, devido a situação especial da citada Unidade, teve de atender, em pessoal e em material, às suas necessidades. O emprego do radio foi prejudicado devido a falta de radio-operadores capazes.

As rêsdes radio do B.E. antigamente previstas eram: a rêsde de comando do Btl. constituida de SCR-284, uma no P.C. do Btl; e uma em cada P.C. de Cia.

a rêsde radio de comando de cia., constituida SCR-5ll, uma no P.C. da Cia. e uma em cada secção de engenharia.

A nova dotação de material só distribui para o B.E. 7 estações SCR-694 (substituta da SCR-284), eliminando tambem a antiga distribuição de 27 (vinte sete) SCR-593

Adm. Matos
rij.

Fl. 171

(somente receptor) destinadas ao serviço de escuta na rede de informações da Divisão, para a captação de informações pelo radio e para o serviço de sinais de alerta contra as atividades do inimigo (incursões aéreas, etc...)

4 - NO BATALHAO DE SAUDE

Pela sua organização o B.S. dispunha somente de:
no Destacamento de Comando - 1 1º Sgt. de transmissões,
1 2º Sgt. Técnico de Radio,
1 cabo radio operador

em cada Cia. de Evacuação - 1 3º Sgt; de ligações e trns.
1 cabo radio operador.

Esse pessoal se destinava a estabelecer e operar
as **redes** radio - rêde de controle do Btl.

rêde da cia.de evacuação.

Tais rêdes nao chegaram a ser instaladas e,por-
tanto, não runcionaram.

Os norte americanos as aboliram e a nova tabela
de material de transmissões não mais dotou o citado btl. com
aparelhos de radio.

A rêde de comando do Btl. era feita com as SCR-
284 e as de Cia. de EVac. com as SCR-300.

De iato, durante as operações, os elementos do B.S;
se espalhavam muito e cada um deles tinha as suas necessidades
atendidas pelas Unidades em favôr das quais trabalhavam. Os
postos de tratamento, os de evacuação, etc. sempre ficavam perto
de P.C. da Unidades que dispunham de recursos para suprir as
suas necessidades, geralmente a Cia. de Trns., com as comunica-
ções com rio(o telerône).

Adm. Mat. H. M.

Fl. 173

5 - NO ESQUADRAO DE RECONHECIMENTO

O sistema de transmissões do Esquadrão é, normalmente, baseado no radio, de vez que ele age com velocidade e em grandes distancias. Por esse motivo a sua dotação só prevê material radio. Todavia, no caso da Divisão Brasileira, e que acreditamos será repetido em outras oportunidades, durante a defensiva, o Esquadrão de Reconhecimento foi sempre empregado como tropa de infantaria, tendo tido necessidade de improvisar equipes de construção e de exploração, porque pelo efetivo nada lhe cabe neste particular. A Cia. de Trns. sempre lhe deu a mais completa assistência, não só em pessoal como também em material, nas ocasiões necessárias. Seria interessante que fosse incluído na sua Seção de Comando 1 cabo instalador e construtor de linha e 3 soldados da mesma natureza; na seção de manutenção fosse aumentado de 1 cabo radio-reparador.

Quando o Esquadrão foi designado para uma missão tipicamente de cavalaria, utilizando os seus próprios meios, ele foi lançado para a retomada de contato, que havia sido perdido na região de Marano pela tropa de Infantaria. Desse vez, as comunicações com rio foram por ele abandonadas e todas as ligações passaram a ser feitas pelo radio. Lançado para a frente, muito além das linhas de frente, o Esquadrão, irracionalizado, em pelotões e patrulhas, cumpriu bem a sua missão de perseguir o inimigo. Atuando sempre disperso, somente as transmissões radio permitiram ao Cmt. do Esq. articular e controlar os seus movimentos, digo, os seus elementos. Foi também por intermédio do radio, que o Esq. sempre se manteve ligado ao G-2, informando sobre a situação e o inimigo, recebendo novas ordens e missões. O funcionamento da rede de ligação do Esq., isto é, a ligação com o E.M. da D.I.E. foi muito boa; nela foram utilizadas as SCR-193 em lugar das SCR-506 que não eram disponíveis pelo Vº Ex. O funcionamento da rede de comando do Esq., isto é, a sua ligação interna com os seus elementos (pel.; etc) foi muito satisfatória.

Com exceção dos painéis, o Esquadrão empregou e explorou todos os seus meios de transmissões, que são indispensáveis às operações, porque a velocidade das operações depende exclusivamente do funcionamento das transmissões.

6 - NO DEPOSITO DE PESSOAL DA F.E.B.

Conforme foi referido à fls. 39 neste relatório, o Serviço de Transmissões no Deposito teve o mesmo Chefe do Serviço de Engenharia, o que não se justificava. Resultado: vivia o Cap. GOVERNO assoberbadíssimo com a Engenharia e tinha de dividir as suas atividades em prejuízo de ambas.

A Escola de Transmissões do Deposito, em STAFOLI, foi bem organizada e funcionou na preparação de elementos para substituições, com ótima eficiência.

Em anexo se acha um exemplar do diploma que era conferido aos que terminavam o curso.

FEB.

1. D.I.E.

Q.G.

Serviço
de
Transmissões
—
RELATÓRIO

ITALIA

1944-45

7114